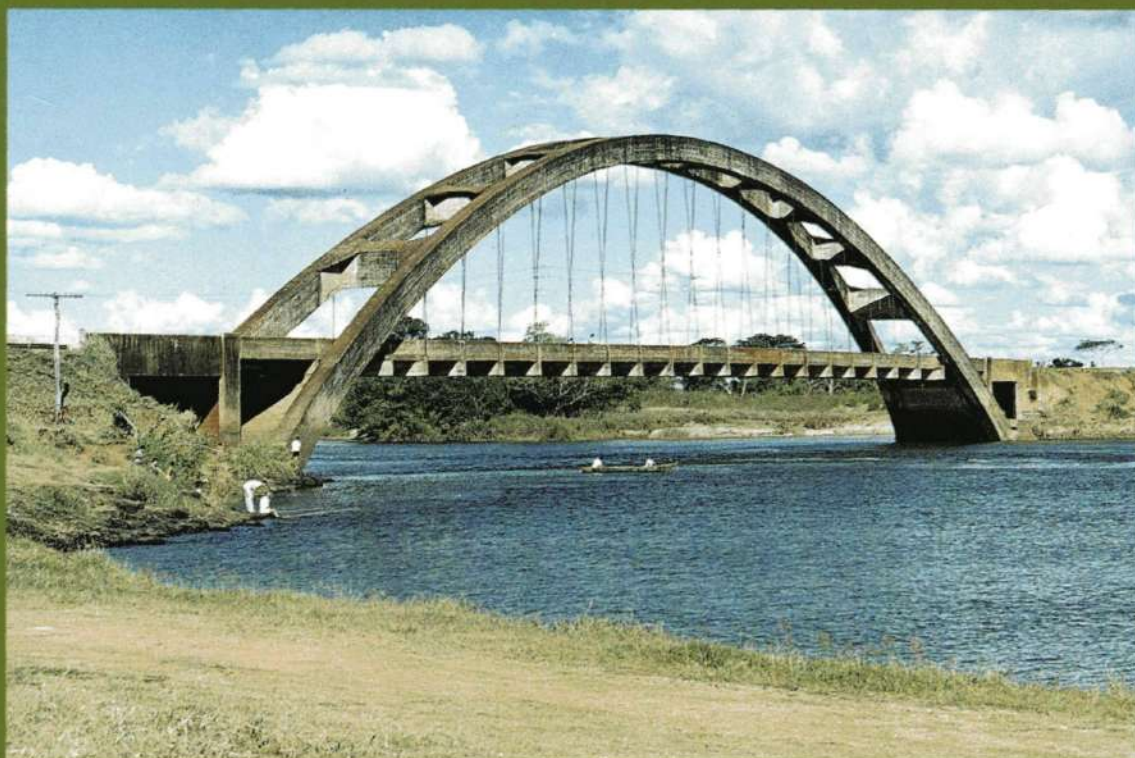


A CANÇÃO DA ALMA DESBRAVADORA

(Comemoração da Fazenda Tietê)



Fotografia da Ponte Novo Oriente

PREFACIO

Takeo Kawai

O pedido do sr. Kayama, redator de "A Canção da Alma Desbravadora", incumbindo-me de escrever um prefácio desta obra, fez-me sentir honrado, aliás, quando no encontro com o redator, após uma lida do texto original, referi-lhe, a minha forte impressão sobre a "Parte da Reminiscência", 2- parte deste livro, que ele me falou:

[Para compilar aquelas, levei uns dois anos, foi duro convencê-los de escrever, para cada um dos seus episódios interessantes, ainda mais, para as pessoas carentes em hábito de escrever.]

De fato, juntamente com a descrição do antigo imigrante que dizia, "Nós ingressamos a esta Fazenda Tietê e enfrentamos tais experiências, contanto que, depois de algumas dezenas de anos, estamos vivendo de tal maneira". Por outro lado, o autor narra paralelamente, na Parte Histórica, sobre a organização que fez emigrar essas pessoas para o Brasil, tentando ao mesmo tempo, determinar transparentemente, como e quais personagens ativaram dentro desta organização, para exercer suas funções impostas para cada uma.

Vi aí, o próprio sr. Kayama, pelo fato da publicação de duas partes conjuntas e simultâneas, posta em realização sem nenhuma hesitação. Achei isto nunca é possível senão só com ele, pessoa experiente e vitoriosa na dura vida da realidade, desde o tempo de moço.

Notadamente, trechos referentes ao sr. Shigueshi Nagata, Presidente da Associação Rikkô, o sr. Shungoro Wako, gerente local e dono de aspiração magnífica, e atividade do sr. Mitsusada Umetani, ex-governador da Província de Nagano, e depois, a partir da Confederação Ultramarina, passa para o empresário sr. Hachisaburo Hirao, e finalmente, chega-se à descrição sobre cargo prático da Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda., tendo como seu centro, sres. Kunito Miyasaka e Yoshiyuki Kato, são as partes indiscutivelmente relevantes..

Também, sou quem tomou a decisão de emigrar para o Brasil, após ter ouvido a história do sr. Tosaku Oose(chefe da aldeia vizinha da minha terra natal), associado da Cooperativa de Emigração Ultramarina da Província de Mie, já referida nesta Parte Histórica.

A Parte de Reminiscência, como já referido anteriormente, é rica em variedade, tendo vários capítulos referentes a pescaria, coisa de renome da Fazenda Tietê e também da minha predileção, mas talvez, seja por força de escrever, aparece aí, como um artigo até amável, que fala em 20 ou 30 metros da imensa sucuri. No entanto, dizem que, a Associação Acadêmica oferece de recompensa, algumas dezenas de mil dólares, para quem comprovasse, a existência real dos répteis acima de 10 metros de comprimento, o que me fez pedir um pouquinho de atenção, no sentido de, o autor deste, fizesse alguma restrição a respeito.

NOTA DO REDATOR

Segundo a lei de 1938 que regulamenta a entrada dos estrangeiros, ficou proibido a dar educação da língua estrangeira aos menores de 14 anos de idade.

A partir do fechamento de escolas da língua japonesa, a força de absorção da língua japonesa dos filhos dos colonizadores japoneses das Fazendas que estavam na idade de educação, ia dizimando bruscamente.

Subseqüentemente, no meio da comunidade nikkei em caos, durante e pós-guerra, os nisseis, sanseis ou quase nisseis iam afastando cada vez mais da língua japonesa que hoje, mesmo na Colônia Japonesa, a maior espécie da publicação é feita através da língua portuguesa, como o principal.

Entretanto, na ocasião da redação desta "A Canção da Alma Desbravadora", o fato de Sr.Jiro Okai, antigo morador da Fazenda Tietê, ter assumido a tarefa de traduzir em português de uma parte desta obra, foi para mim, um enorme alívio.No entanto, o ideal seria que completasse o todo, mas devido a insuficiência orçamentária, obrigava a limitar o número de páginas.

Gostaria de apresentar aqui a todos os leitores, minhas desculpas, pelo fato de ter sido limitado em apenas textos referentes a fundação e seus posteriores da Fazenda Tietê. Mas ficarei feliz, se este registro servir de alguma forma para facilitar mais na pesquisa sobre origem autêntica da nossa Fazenda, a ser feita porventura, um dia, pelos nossos descendentes e também, para dar idéia de como nasceu, qual da sua procedência e como foi administrada a Fazenda Tietê de Bratac.

O Redator

Eiichi Kayama

NOTA DO TRADUTOR

Há dois anos, o sr. Eiichi Kayama, redator de "A Canção da Alma Desbravadora", me pediu que traduzisse em português, da Parte Histórica desta obra. Na ocasião, hesitei-me em aceitar o convite por não ter convicção perfeita em si de poder conseguir esta importante missão, ainda mais com a minha base rudimentar da língua portuguesa.

No entanto, na insistência do mesmo senhor, acabei aceitando o pedido, mas, sob condição de submeter o texto traduzido em revisão rigorosa por um competente do ramo.

Felizmente, quase no fim da etapa da tradução, pude conhecer através da apresentação do meu conhecido, sr. Massuo Yamaki, renome mestre do ramo de tradução da poesia japonesa em português.

Assim, graças à boa vontade do sr. Yamaki, o texto passou pela mão dele e onde foi revisado minuciosamente.

Agradeço aqui, penhoradamente a ele pelo seu exaustivo empenho para corrigir o texto, talvez, tenha dado grandes e inimagináveis trabalhos a respeito.

Jiro Okai

ÍNDICE

Prefácio	Takeo Kawai
Nota do Redator	Eiichi Kayama
Nota do Tradutor	Jiro Okai

PARTE DA HISTÓRICA

Síntese da Imigração Nikkei no Brasil	Shigueichi Suguitani	9
Fundação da Fazenda Tietê	Eiichi Kayama	18
Os Passos incipientes da Imigração no Brasil		18
A Chegada de Kasado Maru		24
Do Sindicato Tokyo até a Cia Kaikô		27
Primeiros Japoneses na Margem do Rio Tietê		
A Instituição da Confederação das Cooperativas de Emigração Ultramarina		34
Da Confederação até a Fundação de Bratac		36
Discurso de Relatório do Diretor Gerente Umetani		39
O Sofrimento na Compra do Terreno		48
O Mérito de Bratac		52
Os Pioneiros da Fazenda Tietê		54
A Época de Hachisaburo Hirao		57
Cronologia Sucinto de Mitsusada Umetani		61
Cronologia Sucinta de Shungoro Wako		64
Cronologia da Fazenda Tietê		67
A Bratac e a Fazenda Tietê	Shinsuke Yuassa	81
A Relação Entre a Bratac e a Cooperativa		85
Sobre Fiação de Seda Bratac		85
A Impressão sobre Empreendimento de Bratac		87
Sucessão dos Responsáveis da Fazenda Tietê		90

PARTE DA REMINISCENCIA

Flagrantes da Vida no Interior	Oscar Akio Nawa	95
Memórias de uma longínqua época na remota cidade de Pereira Barreto	Emiko Okuno	99

Parte da Histórica

Tradução em português: Jiro Okai

SÍNTESE DA IMIGRAÇÃO NIKKEI NO BRASIL

Shigueichi Suguitani

O território brasileiro é imenso, estimado em torno de 24 vezes daquele do Japão. Assim, os japoneses que ingressaram neste vasto país, criaram entre si, várias formas de imigração, dependendo das circunstâncias da época, apresentando variados aspectos de passagem, de acordo com o período.

A imigração em si, a grosso modo, pode ser classificada em duas etapas, período anterior para o antes da 2ª Guerra Mundial e período posterior para o pós-guerra até hoje. Neste caso, para o durante a guerra, está considerado como um período em vão. Este período vazio, em que os japoneses residentes no Brasil, estavam em estado de autonomia, isto é, sem nenhuma influência da política emigratória do governo japonês, em consequência do isolamento pela guerra.

A imigração anterior à guerra, podemos dizer sumariamente que veio proporcionado através das negociações entre dois países Brasil e Japão, mas para o pós guerra, devemos reconhecer que a imigração veio sofrendo certas restrições, motivada pela grande influência do aspecto internacional e surgimento do nacionalismo no país. Antes de relatar sobre a imigração pós-guerra, bem como sua política emigratória, é necessária dar uma visão sobre o movimento dos imigrantes e a política emigratória do período anterior à guerra. Em resumo, a entrada dos imigrantes japoneses no Brasil, ocorreu em junho de 1908, pelo navio "Kasato Maru". Na época, o Brasil já estava ultrapassado o período do ciclo da cana-de-açúcar, que utilizavam os escravos africanos, e no Estado de São Paulo, onde os latifundiários reclamavam pela escassez demasiada de mão-de-obra nas suas lavouras de café.

Na época, os imigrantes japoneses, sem entender idioma português, nem saber costumes brasileiros, foram enviados sem ter nenhuma escolha, para tais fazendas de café, previamente determinado, segundo negociações feitas entre os empregadores e os órgãos expedidores dos imigrantes. Isto era um dos motivos que os imigrantes enfrentavam grandes dificuldades, quando chegaram no local do trabalho.

No início da imigração, tal como a "Companhia de Colonização Kôkoku(Companhia Imperial de Colonização), uma denominação aparentemente importante, mas somente pelo nome, carente em todo, nem o capital suficiente, até que pôs-se a utilizar ilegalmente dos depósitos dos emigrantes em viagem, que depois da chegada ao Brasil, os fizeram sofrer por não cumprir o resgate imediato dos dinheiros emprestados.

Enfim, a Companhia "Kaikô"(Companhia de Fomento de Empreendimento Ultramarina S.A.), uma entidade a serviço do governo, colocou-se no caminho de desenvolvimento da imigração japonesa. A maioria dos imigrantes japoneses de antes da guerra, vieram ao Brasil, através desta Companhia.

Podemos dizer que, a política imigratória da época, era nada mais que uma simples exportação de população excedente do país. Assim, a "Kaikô" angariava os imigrantes, incentivando-os com o lema "Vamos para a América do Sul", com a intenção de juntar ao máximo número de candidatos, sem dar muita importância à condição peculiar de cada família. Assim, para as famílias carentes de mão-de-obra mínima exigida pelo regulamento, forçavam-lhes a juntar com algum moço solteiro, ou como filho adotivo da família só por nome, afim de obter mais comissões na recruta dos imigrantes. Estes casos, posteriormente, depois da chegada ao Brasil, motivaram a surgir vários problemas no destino, mas a sua maioria, acabou em ambigüidade.

Chegando a era "Showa"(1927 em diante), foi instituída "Bratac"(Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda), entidade meio oficial e meia privada, fundando as Fazendas Tietê, Bastos e Três Barras, com a intenção de formar nos locais, próprias colônias, pelos japoneses vindo diretamente do Japão. Posteriormente, a Fazenda Aliança também, sob a direção desta, tornando-se um dos dois principais redutos da imigração japonesa, junto com a Companhia Kaikô. Antes disso, por volta de 1920, a Kaikô, recebeu gratuitamente do governo do Estado de São Paulo, uma gleba de terras na região sudoeste deste Estado, introduzindo nela, os imigrantes japoneses. É a atual zona de colonização de Iguape e Registro.

No início da era Showa, já na região norte do Brasil, também, os japoneses estavam a imigrar, mas nessa época, não havia ainda produtos determinantes no local, que as pessoas imigraram simplesmente com o desejo de explorar a região amazônica. Por volta do ano de 1930, na gestão do sr. Mitsusada Umetani, primeiro representante de Bratac no local, quando os imigrantes diretos do Japão, começaram a ingressar nas duas Fazendas, Tietê e Bastos, houve uma oferta grátis, pelo governo do Estado de Minas Gerais, uma área de 10 mil alqueires de terras, na margem alta do Rio São Francisco, com a meta de explorá-la, introduzindo os imigrantes japoneses. Daí foi mandado uma equipe de inspetores para o local, e no fim, por vários motivos, o plano não chegou a entrar em prática. Mas, por suposição, se na ocasião, Bratac fosse travada essa obra, como teria tornada agora, justamente quando isso, está tratado, com grande interesse pela exploração da região do Rio São Francisco.

Naqueles tempos, a maioria opinava que não haveria proveito de imigrar ao norte do Brasil, onde sofrem maiores dificuldades, uma região inexplorada em

comparação com os três Estados Meridionais, uma vez que, ainda no Estado de São Paulo, restam suficientes espaços para explorar. Houve quem falava no meio dos patrícios destacados que [Quem vai a Amazonas se torna um macaco], o que provocou um sentimento repelente no meio das autoridades, criando um episódio de que, quando este, queria visitar o Japão, o burocrata de mau humor, suspendeu temporariamente a dar-lhe o visto correspondente.

Com o tempo, em vista do incremento da imigração para o Brasil, que atingiu o número de 20 mil pessoas anuais, antes da guerra, o governo japonês começou proporcionar com vários subsídios que, as colônias fundadas através dos órgãos colonizadores nipônicos, apresentavam aspectos como se fossem uma parte do país de origem. Isso para alguns brasileiros conceituados, deu motivo de desgosto à raça amarela, tentando gradativamente restringir juridicamente, a entrada dos japoneses. Havia quem proferir a frase de "Desgraça Amarela", seria voz da censura contra postura puramente nipônica, ainda que, estando num país estrangeiro e constitucional.

Originariamente, a política imigratória do Brasil, por volta de 1939, segundo o projeto de lei da imigração apresentado no Congresso, discutido animadamente sobre a aceitação ou não da imigração japonesa, sob o ponto de vista de probabilidade da assimilação desta raça, diferente daquelas da imigração européia, ligada intimamente com a cultura ocidental. O resultado deste tema apareceu no tempo de Embaixador Hayashi, com a aprovação da lei de restrição para 2 % (Dois por cento) anual, do total até então introduzidos.

Já nesse tempo, os cafezais do Estado de São Paulo, na sua maioria, tornaram velhos, e mais, o enfraquecimento do solo e freqüentes geadas fizeram com que, mudassem para os outros plantios. Assim, o algodão, apareceu como um produto de grande destaque do Brasil, e chegando nas mãos dos imigrantes japoneses, ia aumentando cada vez mais a sua produção.

Na região norte do Paraná, os japoneses já formavam suas colônias, dedicando-se na cafeicultura ou nas lavouras de plantaçaõ variada. A venda dos lotes no norte do Paraná, a partir de subdivisão da gleba fértil de 520 mil alqueires, pertencentes a uma companhia inglesa, juntamente com mais 10 mil alqueires da Companhia de Terras América do Sul, fez com que, os inúmeros japoneses no Estado de São Paulo, transferissem para o local de venda, que em pouco tempo esgotaram. A contribuição dos imigrantes japoneses sobre atual desenvolvimento e a prosperidade desta região, deve ser considerado em grande destaque.

O conflito "Nipo-China" ia cada vez mais se agravando, criando atmosfera realmente ameaçadora, com a Inglaterra e os Estados Unidos. Ao irromper a Gerra do Oceano Pacífico em 1941, os diplomatas e os representantes de empresas,

regressaram ao seu país, embarcando em último navio de troca, que para os japoneses residentes, só restavam confiar em si próprios.

Ao lado do aliado, o Brasil, unilateralmente declarou a guerra, tornando-se inimigo do Japão. Em consequência disso, do ponto de vista da defesa nacional, foram expulsos para interior, todos os súditos do "Eixo", residentes nos arredores dos portos ou fronteiras do país, sem levar bens, nem subsistências necessárias. Principalmente, para os residentes em Santos foram cruéis, diziam que, seus prejuízos atingiam além de 100 milhões de yens da época.

Na fronteira também sofreu, notadamente, a Fazenda Santa Rosa no Rio Grande do Sul, que a Kaikô, antes da guerra, introduziu as famílias a custo, também sofreu tal expulsão. Atualmente, o local tornou-se uma fazenda excelente e nas moradas construídas pelos imigrantes japoneses residem as pessoas da região.

Embora vetada, todas as compras e vendas dos imóveis, bem como as viagens pessoais, por outro lado, à mercê do empenho constante à lavoura e consequente aumento da produção, e a alta de preços dos produtos no tempo da guerra, fizeram muitos enriquecerem.

Para os recolhidos na detenção, a maioria dos brasileiros, nunca se inimizaram os japoneses, deixando-os passar a vida tranqüila sem medo, como se fosse antes da guerra. Em 1945, finda a guerra, muitas pessoas que moravam no exterior, voltavam ao Japão que perdeu todos os territórios existentes no além-mar, provocando super excesso de população e caiu em exagerada escassez de alimentos.

Em 1952, após a reabertura do Tratado de Paz com o Brasil, foi reiniciada a imigração "pós-guerra" para o Brasil.

A política nacional tem de ser envolvida a repercussão do povo. Notadamente a política imigratória deve compreender alguns desejos ou reflexões, nascidas a partir das experiências dos patrícios já residentes no país imigrado. Antes da guerra, havia alguma política imigratória, mas a política em foco, simplesmente elaborada, junto com os membros do Ministério das Relações Exteriores, da Colonização e da Agricultura, em que, o Ministério das Relações Exteriores tomava a iniciativa do poder de execução, perante os países estrangeiros. Não continha nenhuma opinião como hoje, dos imigrantes residentes no local. Fora todo de cima para baixo. Se foi assim, qual a pós-guerra? Há alguma melhoria, mas relativamente ainda é considerada como primitiva, que parece a repetição do mau anterior, ou caminhando até invertidamente, quando ponderasse a passagem do tempo deste intervalo.

Para o lado da remessa dos imigrantes, haveria certa satisfação de que, dentro das circunstâncias difíceis na hora da reabertura, não havia outra alternativa, senão pôr em execução. Mas na verdade, vários atos negligentes tais como; nenhuma

escolha dos imigrantes, introdução de famílias para qual quer terreno, mesmo que isso fosse localização bastante remota, aquisição do terreno sem fazer nenhuma verificação necessária, alegando por falta de orçamento, não ouvir nenhuma opinião dos imigrantes anteriores, etc; que esses, levaram as pessoas, posteriormente a enfrentar graves problemas.

Assustados com o surgimento de tais problemas numerosos dos imigrantes de pós-guerra, os encarregados começaram a proferir uma divisa de (Antes qualidade do que quantidade), mas na verdade, a permanência do processo antigo dos órgãos remetentes, fez perder o crédito da colônia japonesa, além de prejudicar o sentimento da parte brasileira. Mais que isso, quando pensar nas pessoas que vieram com tanta esperança que enfim, caíram em desespero, a sua culpa nunca deve ser tão pequena.

Com a reabertura da imigração para o Brasil em 1952, adquiriu duas cotas de introdução, 5.000 pessoas para o nordeste e 4.000 pessoas para o Estado de Mato Grosso. Para o nordeste, foram destinados os imigrantes diretos do Japão, e para o Estado de Mato Grosso, os novos imigrantes nikkeis do Brasil.

Por outro lado, como ficou a região sul?

Em 1954, após a fundação de "Kaikyôren"(Federação de Imigração Além-Mar) iniciou a introdução dos imigrantes para o sul do Brasil. E até o ano de 1963, houve a fusão de Kaikyoren com "Ijû Shinkô"(Companhia de Fomento de Imigração), criando aí, "Kaigai Ijû Jigyôdan"(Grupo de Empreendimento de Imigração Além-Mar), sendo que, "Kaikyôren"encarregava o envio e a introdução dos emigrantes no local, e "Ijû Shinkô"tratava em formar as fazendas onde ingressam os imigrantes. Vamos relatar as suas passagens sucintamente.

Na ocasião, "Kaikyoren" trabalhava principalmente para as famílias trabalhadoras de cafezais, mediante solicitação dos fazendeiros, mas como não efetuava inspeção preliminar dos locais, os imigrantes, desde o desembarque no porto de Santos, criavam várias questões complicadas, tais como; divergência de condições na ocasião do ingresso à Fazenda, a falta de morada na hora da chegada dos imigrantes, insuficiência do fornecimento dos mantimentos, etc. Em conseqüência, surgiram casos de protesto duro em grupo, que estes, muitas vezes, vendo a insolubilidade do caso, iam executar a retirada geral da fazenda, causando graves conseqüências aos mediadores, talvez fossem no caso, "Kaikyoren" ou Consulado Geral, que em termo de responsabilidade, quebravam cabeças para solucionar as questões.

O caso mais excessivo foi da Fazenda Uruguaiana, fronteira com a Argentina, no Estado de Rio Grande do Sul, no qual ingressaram como imigrantes orizicultores, oriundos de uma vila inteira da Província de Kumamoto, que estes efetuaram a retirada geral da Fazenda, em razão de descumprimento das cláusulas do contrato por parte

do fazendeiro.

O resultado trouxe uma conversão na política imigratória para local, a saber, a introdução dos novos imigrantes nos cafezais é considerado impróprio, antes, destinando-os como empregados da lavoura, nas famílias patricias já residentes há tempo, e também ingresso das famílias ou solteiros, como participante de lucros nos sítios de plantação de chá, no Estado de Rio Grande do Sul.

Já nesse tempo, dentro dos cooperados da Cooperativa Agrícola de Cotia, haviam quem introduziam moços solteiros do Japão, e também, no Ministério de Construção, havia introduzido um grupo de moços especiais para a exploração industrial.

A introdução direta dos imigrantes japoneses, veio aumentando cada vez mais, e foi nessa época em 1950, que a Cooperativa de Criação de Bicho da Seda Paulista, conseguiu obter uma licença de introdução de 500 famílias. Por outro lado, a "Ijô Shinkô", com o objetivo de formar a fazenda imigratória, começou adquirir as terras, mas todas, nada mais que eram obras de puro amador, que apesar de grandes investimentos, todos os planos foram água à baixo, devido pelo mau processamento sobre a produção, oriunda de divergência do planejamento, esgotamento de capitais de giro, e mesmo que recebendo financiamento, os imigrantes simplesmente sofreram pelo aumento exagerado das dívidas. O motivo deste fracasso, podemos citar que, além de ser inadequada a localização do terreno, faltava-lhe, um plano de exploração concreto e definido, ineficiência da orientação na produção, desrespeito às quais quer opiniões dos percursores, nada mais que um simples dogmático da burocracia. Isso veio a seguir até hoje, a um estado de desespero que nunca foi possível formar sequer uma fazenda com a própria capacidade. No entanto, há certas exceções da existência de alguma fazenda ou aglomeração bem sucedida de imigrantes japoneses, mas essas, só foram possíveis, graças pelo auxílio ou colaboração dos terceiros.

Pode -se dizer que hoje, finalmente conseguiram estabelecer o alicerce da vida, visando esperança no futuro, mas se ponderasse grandes sacrifícios ocasionados durante mais de 10 anos de pós-guerra, notadamente, nas enormes quantidades de desperdícios do Estado, nunca seriam louváveis dos atos praticados pelos órgãos receptores dos imigrantes. Até agora, tanto a política imigratória, como a sua execução, veio funcionando como uma tradição, num processo de os burocratas toma sua iniciativa e as privadas obedeciam-lhes, mas depois da guerra, veio modificando gradualmente, admitindo nela, as vozes das pessoas residentes nos locais. Isso podemos dizer que por mercê da influência da democracia.

Tendo como centro, o Consulado Geral, órgão local, enviado pelo Ministério das Relações Exteriores, foi aberta, uma conferência sobre a imigração, reunindo os

representantes dos órgãos receptores de imigrantes, pessoas esclarecidas ou experientes da colônia japonesa, afim de ouvir desejos e solicitações do lado dos imigrantes e também fazer repercutir isso no Congresso de Centro Sul Americana de Imigração a ser realizada naquela ocasião. Mas isso também assíduo só no começo, ia esfriando-se cada vez mais e nos últimos tempos, passou a realizar regularmente, um encontro ordinário dos encarregados, sem ter discussões importantes, tornando-a apenas um simples local de reunião. Acharmos, a responsabilidade dessa, cabe mais ao lado dos representantes da colônia, do que ao Consulado Geral que patrocinava isso.

O aspecto da imigração, mudou de acordo com as circunstâncias da época, incrementando cada vez mais, a introdução dos imigrantes técnicos, no lugar de das agrícolas, quando justamente, o Brasil, na década do desenvolvimento industrial, coincidindo-se com a demanda impetuosa da mão de obra especializada.

A introdução para campo agrícola, sofreu violenta redução, devido à carência da mão de obra no Japão, graças ao extraordinário desenvolvimento econômico daquele país. Todavia, a instabilidade econômica e a modificação da lei trabalhista brasileira, levaram sempre os trabalhadores em vantagens, mas o desenvolvimento da agricultura mecanizada, no lugar da mão-de-obra humana, tendeu para repelir demanda pessoal no setor agrícola.

Entretanto, a política imigratória mudou o rumo para a contra-medida de proteção aos já residentes no país, no lugar de fomento para nova imigração, elaborando assim, planos objetivos para este fim.

Por um lado, seguindo a primeira tese de imigração do dr. Tobata, o professor Tatsuzo Mizukami, apresentou ao Conselho Consultivo do Gabinete Ministerial, como segunda tese, na qual, enfatizou a elevação do espírito de cooperação internacional, bem como coligação econômica, e a imigração em foco, a sua postura, não se deve terminar em simples remessa e recepção dos imigrantes. A imigração não seria mais, o fato de trabalhar simplesmente no país do destino.

No entanto, o ofício desta tese, de fato, é excelente, mas, temos dúvida nisso que, realmente o governo promoverá, de acordo com sua tese, respeitando o todo intento. Sintetizando, a meta da imigração é fazer feliz os imigrantes, e a felicidade deles depende da estabilização econômica e espiritual também. A estabilidade em si dos imigrantes traz aí, automaticamente a cooperação e a coligação econômica, possibilitando assim, torna-los em imigrantes desejáveis e assimiláveis, capaz de alcançar o verdadeiro objetivo.

Na década de 1960, além deste, como um movimento distinguível, havia a Conferência para a Exploração do Norte do Brasil. Esta era independente da política do governo do Japão.

Dentro da voz dos interessados nikkeis residentes aqui no Brasil, surgiu um estudo sobre a exploração do novo rumo na imigração, apoiado pela Embaixada e Consulado Geral. Referindo-se sucintamente, em 1967, por empenho de Keiichi Tatsuke, o Embaixador da época, foi organizado uma comissão de averiguação, tendo como chefe do grupo, o dr. Hosoe, analisando-o em classificação, sob ponto de vista especialista, no qual apareceu até certa tese, mas não foi objetivado.

A opinião geral da época, apressava o quanto antes, a elaboração objetiva de plano e sua execução, mas não havia jeito, sem solucionar o problema da obtenção do recurso necessário, uma vez que, estava na hora de discussão, sobre resultados não auspiciosos, a respeito da formação da Fazenda e mais outras administrações pertinentes a esta, o recurso não chegou a ser liberado, e o plano ficou somente em simples pesquisa da Rodovia Federal 14.

Deste modo, esta exploração saiu por fora, mas dizem que, na época, melhores terras marginais desta Rodovia, já pertenciam às mãos dos estrangeiros. Para a segunda vez, na gestão do Cônsul Geral Kondô, obtendo o recurso necessário de Ryoichi Sasagawa, foi enviado um grupo de averiguação, composta de burocratos e civis, mas esta também, não chegou a publicar nenhum fato objetivo, acabou sendo só por nome. Pensando bem, tais expedições para regiões jamais exploradas, seriam difíceis de conseguir em poucos dias, mesmo fizessem com excelente equipe e sim, possíveis só no caso de junção de três fatores; capital, espaço de tempo e elemento humano adequado.

Em contra partida, como nos grupos dos Estados Unidos, a comissão investiga com os especialistas do ramo, sigilosamente, sob o cuidadoso planejamento e daí, parte para a exploração que, sem os quais, apenas com ninharia de capital privado, nunca são possíveis de realizar-se. O planejamento na mesa é para qualquer um, mas a execução não seria fácil. Principalmente, da área inexplorada, se não tiver alguém capaz de sacrificar a si próprio, nunca é possível alcançar o seu objetivo. Talvez, com este primeiro grupo que seria o último.

Voltando um pouco atrás, a política imigratória adotada em introdução dos imigrantes agrícolas, passou para a introdução dos imigrantes técnicos ou empresariais. A introdução dos imigrantes agrícolas, hoje já considerado como fora da moda e daqui em diante, exigem a concentrar em imigração técnica. De fato, com o aumento dos imigrantes técnicos que vieram do Japão, está contribuindo substancialmente aos novos setores da economia brasileira. É a lógica conseqüência que a época exige. Mesmo assim, não é para ignorar a imigração agrícola. Haveria ainda espaços suficientes para se desenvolver neste setor, que notadamente, para os patrícios geralmente laboriosos e ricos em espírito de pesquisa e de estudo que é impossível de

encontrar nos imigrantes dos outros países.

É uma grande expectativa e certeza de que, a colônia japonesa irá prosperar em vários setores da produção, aproveitando estas últimas oportunidades em que o Brasil e o Japão estão em íntimas relações com o intercâmbio econômico entre os dois países.

(escrito em 1980)

FUNDAÇÃO DA FAZENDA TIETÊ

Eiichi Kayama

OS PASSOS INCIPIENTES DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

Este ano(1995), completa se 100 anos, após a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão. Atualmente, os civis nikkeis residentes no Brasil, tendo seu centro em São Paulo, junto com a parte burocrática, estão atuando entusiásticamente no sentido de proporcionar várias obras comemorativas, através da Comissão Colaboradora instituída em recordação deste evento histórico.

Em 1880, quando o Brasil concluiu o Tratado de Amizade e Comércio com a China (na época Shin), houve uma proposição fundamental do assunto entre o Brasil e o Japão, mas nada foi feito. Daí 2 anos depois, quando o Ministro Carado, da legação brasileira na China viajou para o Japão, havia sido pleiteado o assunto por parte do Ministério das Relações Exteriores do Japão, mas como na ocasião, o Brasil não demonstrava postura positiva, ficou adiada. Finalmente, daí 13 anos depois, no dia 5 de novembro de 1895, após a guerra do Ni-shin, foi assinado em Paris na França, o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Na ocasião, o Ministro Plenipotenciário do Japão na França era Arasuke Sone e do lado brasileiro era Gabriel de Toledo Piza e Almeida. A troca de ratificação do Tratado foi feita em Paris, no dia 12 de fevereiro de 1897, entrando em vigor imediatamente.

No dia 21 de agosto de 1897, foi inaugurada a primeira legação japonês no Brasil, em Petrópolis, Rio de Janeiro, sob o cargo do primeiro ministro residente, Sutemi Chinda, que também assumia o posto cumulativo de cônsul geral. Logo em seguida, foi mandado para o Japão, o Ministro Plenipotenciário e Extraordinário Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, dando primeiro passo na relação diplomática entre os dois países. Esta personagem foi quem viajou para o Japão anteriormente, como secretário do General de Brigada Jaceguai, Vice Ministro Plenipotenciário enviado para a China. Acrescentamos aqui, que na ocasião, o Brasil estava governado pela 3-presidente da República, Prudente de Moraes.

A primeira negociação a respeito da imigração entre o Brasil e o Japão, foi feito em 1894, antes da conclusão do Tratado de Amizade e Comércio, quando

feito o contrato de remessa dos imigrantes entre o representante da Cia. Prado Jordão Ltda. e o representante Teiichi Sakuma, da Companhia de Imigração Kichisa no Japão. No entanto, este compromisso, por motivo de não só por ser antes daquele Tratado, mas também por não poder obter aprovação do Ministro Chinda, não chegou a ser cumprida. Mas, a partir deste momento, em todo o Japão, começou a vibrar algumas forças impulsionante pela imigração brasileira. Posteriormente, a Companhia de Imigração Kissa, obtendo as participações de elementos influentes da Companhia de Navegação Nippon, tais como; Rempei Kondô e Massayoshi Kato tornou-se como entidade básica para o nascimento de futuro Companhia de Imigração Toyô. Esta Companhia, afim de cumprir aquele compromisso com o da Cia. Prado Jordão, indeferido pelo governo japonês, mandou ao Brasil, seu representante Tadashi Aoki, que este, após ter feito uma sindicância de crédito a respeito da Cia. Prado Jordão, fechou o contrato da remessa de 2 mil imigrantes trabalhadores, transmitindo o fato pelo telegrama à Companhia do Japão.

Ao receber a notícia, toda a Companhia animou-se a ponto que foi concluído o contrato definitivo com o representante Mitudo da Cia. Prado Jordão em Yokohama. Justamente, nessa ocasião, em consequência do movimento rejeitório dos Estados Unidos contra imigração asiática, foi vetado a entrada dos imigrantes japoneses no Hawai. Em vista disso, a parte do Japão, perseguido, planejou-os transferir ao Brasil, enviando pelo navio Tosa Maru, do porto de Kobe. Ainda assim, na véspera da partida, recebeu um telegrama enviado pela Cia. Prado Jordão que dizia; "Pedimos a suspensão da saída de navio, pela impossibilidade de receber os imigrantes, em virtude da queda brusca do preço do café". Assim, a saída dos imigrantes foi cancelada. Mais de mil imigrantes que aguardavam a partida no cais de Kobe, caíram em desespero e os prejuízos sofridos por parte da Companhia de Imigração foram estimados em mais de 290 mil yens. Na ocasião, Teiichi Sakuma, o encarregado da Companhia, tentou pleitear junto com o Ministro Chinda, no sentido de minimizar este prejuízo, mas o Ministro, vendo a impossibilidade, devido a difícil situação financeira do governo japonês da ocasião, decidiu vetar o pedido de indenização do prejuízo.

De fato, nesse ano, houve queda excessiva do preço de café, para menos da metade do preço anterior, e que a entrada dos imigrantes italianos também foi drasticamente reduzido para menos da metade dos anos anteriores, com os quais, podemos imaginar facilmente, a grave consequência que o ano causou para o Brasil.

Um pouco anterior a esta, em 1894, o deputado Nemoto, por mando da Associação de Colonização Além-Mar, fundada por Takeaki Enomoto e outros, veio para o Brasil, em caminho de visita ao México e Peru. Este homem, depois de pesquisas

algumas quotas por parte dos empregadores?

3- Estes subsídios das passagens não cabe a obrigação posterior de resgates?

Para estas, o Secretário deu as respostas imediatas.

1- Será instituído um regulamento especial, só para a imigração japonesa que concede subsídios também para os solteiros, no entanto, como os solteiros tem maior facilidade na mobilidade que, muitas vezes, essa incomodam os empregadores, contanto que, prefiro deixa-los sempre em estado difícil de sair das suas fazendas, assim como; pousando-se em grupo de 3 a 5 pessoas numa casa, etc. E o tempo da chegada dos imigrantes japoneses será preferível nos meses de abril a maio, no início da colheita de café.

2- As passagens dos imigrantes europeus são normalmente 6 libras esterlinas, variando de acordo com a distância, mas no caso do Japão é longe, o governo está disposto a pagar cerca de 7 libras esterlinas à cada pessoa. Sobre o assunto, trataremos posteriormente por escrito.

3- Uma vez subsidiada, as passagens não precisarão devolver.

Recebendo estas respostas, o Ministro Suguimura enviou imediatamente o extenso relatório ao Ministro Jutaro Komura, das Relações Exteriores do Japão da época. Os principais pontos do relatório são:

[Quanto a nossa visita ao interior deste país, fomos recebidos com grandes prestígios, como sendo visita de honra, tanto no Estado de São Paulo, como nos demais regiões, dando-nos, inestimáveis facilidades e conveniências para o prosseguimento da viagem. Isso significa o respeito e a consideração do povo brasileiro para com o Japão, país vitorioso na guerra contra a Rússia. Achamos portanto, aproveitando este ensejo, convém que o nosso país entrasse em contato imediato com o Brasil, afim de tratar da abertura do intercâmbio comércio e imigração.]

Ao mesmo tempo, foi anexada ,o relatório de inspeção com o seguinte conteúdo.

[O Estado de São Paulo é um dos estados da região sul, possuindo a área de 260 mil km² (Tamanho quase igual a Honsyu com Shikoku). Após 12 horas de viagem de trem, verificamos que a vasta extensão do interior, composta de moderadas ondas topográficas, que no meio destas, correm numerosos riachos em todos os sentidos. Dentro de principais produtos agrícolas, destaca-se em primeiro lugar, o café, segue-se a cana-de-açúcar, o algodão, o arroz, o milho, etc. Segundo pesquisas feitas há 2-3 anos, o volume da produção mundial de café foi de 19.580 mil sacos, dentro deste, 16.240 mil sacos pertencia ao Brasil e nos quais, 12.000 a 13.000 mil sacos eram produzidos no Estado de São Paulo. Neste estado, a rede ferroviária também

encontra-se em bom desenvolvimento, atravessando no meio das numerosas cidades em crescimento que algumas já contam na faixa de 20 a 30 mil habitantes. A esperança sobre a introdução da imigração japonesa para este Estado é muito grande, pois uma vez que, ponderando nos seus bons climas, terras férteis, ar simpaticamente do povo paulista, insucesso recente verificado com os imigrantes europeus e notadamente, quando pensasse de enviar só os imigrantes familiares com permanência perpétua no Brasil, preferência do governo do Estado de São Paulo. Além do mais, como o Estado de São Paulo, mais desenvolvido no setor comercial do Brasil, há uma possibilidade da comercialização dos produtos japoneses, através deste Estado.

Expondo assim, opiniões completamente diferentes das de anteriores, o Ministro das Relações Exteriores, veio mudando gradativamente seus pontos de vista para com o Brasil, chegando-se a mostrar certos interesses à imigração para o Brasil.

E neste mesmo ano, o Secretário Horiguchi que voltou ao Japão, realizou uma conferência na reunião de empresários domésticos em Tokyo, com o fito de explicar sobre os aspectos do Brasil, que conseguiu atrair aí, expressivas atenções dos empresários a respeito. Também, o fato de ter sido noticiado grandemente o relatório do Ministro Suguimura no jornal "Asahi de Osaka" resultou a exaltação das febres dos japoneses para com o Brasil. Emocionado com a leitura do relatório Suguimura no jornal, Eijiro Miyake, dono do banho público "Okuni", na cidade de Kyoto, requereu ao Ministério das Relações Exteriores, o primeiro passaporte individual para o Brasil. Ele recebeu o passaporte em 9 de fevereiro de 1906 e partiu do porto de Yokohama em 4 de abril do mesmo ano, no navio "Bingo Maru". Em seguida, em maio, partiu "Awa Maru", no qual embarcaram 4 funcionários de loja Fujisaki que foram Teijiro Noma como gerente, Takeo Goto, Jukichi Sakuma e Massao Tanaka, por mando de Saburosuke Fujisaki, comerciante de Sendai que isso era o resultado de uma emoção, ao ouvir a palestra do Secretário Horiguchi, realizada em Tokyo. Este grupo, chegando em São Paulo, começou a vender os artigos japoneses, abrindo uma loja chamada Fujisaki & Cia Ltda., que parecia ter prosperado razoavelmente, pela atração dos produtos exóticos japoneses da época.

Outrossim, Dr. Saburo Kumabe, natural da Província de Kumamoto, juiz de direito do Tribunal Regional de Kagoshima, também partiu para o Brasil, acompanhado de toda família, após ter recebido grandes incentivos de ex-amo do antigo feudo e de Tomofusa Sasaki, estadista da região. O Dr. Kumabe era formado na Faculdade de Direito Inglês em Tokyo e sua esposa Ihoko formou-se na escola afamada "Aoyama Gakuin". Após o término do curso e quando Kumabe foi nomeado como juiz do Tribunal Regional de Kagoshima era o ano de 1889. Decorridos 10 anos, demitiu-se do cargo de juiz e abriu um escritório de advocacia que durou até a ida ao

Brasil, perfazendo uns 17 anos. Na época no Japão, tanto juiz, quanto advogado, pertencia a hierarquia superior da sociedade, no entanto, este homem, após ter lido no jornal "Asahi", um artigo "Relatório sobre fazenda de café do Brasil", do Ministro Suguimura, resolveu tomar decisão de ativar-se no país estrangeiro, um desejo que vinha cultivando durante longo tempo.

Ao sair no jornal "Kagoshima", esta intenção do Dr. Kumabe, como uma notícia "extra" da região, repercutiu instantaneamente e juntou-se aí, elementos como, Ryoichi Yassuda e Kichizo Kudama. No entanto, a realidade aqui no Brasil, era cruel de tal modo que, numa pobre sala alugada na Rua Asdurval de Nascimento em São Paulo, Dona Ihoko, uma intelectual de óculos, orientando outras moças auxiliares a enrolar os cigarros de papel, que antes, jamais imaginava sequer num sonho. Mais adiante, vários negócios travados foram fracassados, que enfim, tornou-se até um porteiro da companhia de gás, para poder manter subsistência do dia a dia da família.

Da mesma província Kagoshima, Takeji Honda, veio ao Brasil, acompanhado de 3 moços que o próprio Honda ficou em Londres e os três moços, Ryoichi Yassuda, Kichizo Kudama e tal Nagai, juntando com Umekichi Akeho chegaram ao Brasil. Este Ryoichi Yassuda é o prezado pai do ex-ministro nikkei nº 1 de Fábio Yassuda. São essas pessoas que primeiramente corresponderam a propaganda do Brasil feita pela autoridade japonesa.

Nessa época, nos Estados Unidos, o clima anti-nipônico ia tornando cada vez mais forte, que a maior parte dos imigrantes estavam destinados para o Peru e o México. Para o México, durante dois anos, período entre 1906 a 1907 foram introduzidas mais de 8 mil pessoas para trabalharem nas minas de carvão, estradas de ferro e fazendas de cana de açúcar. Para Peru, Morioka & Cia tinha enviado dois mil e algumas centenas de imigrantes a partir de 1903 até a 4ª viagem, que era o Kasato Maru. Assim, começando a ascensão da febre de imigração para o Brasil, Ryô Mizuno, presidente da Companhia de Colonização Kôkoku, iniciou sua atividade, cogitando que chegou a "Chance" de iniciar a abertura da imigração para o Brasil.

A CHEGADA DE KASATO MARU

Ryô Mizuno, fundador e ao mesmo tempo, benfeitor da imigração japonesa no Brasil, nasceu em 11 de novembro de 1859, como segundo filho de Kamessu, na cidade de Sagawa, Município de Takaoka, Feudo de Tossa. Era uma região de renome, onde existia grande estima ao estudo que fez nascer vários eruditos afamados, excelentes médicos e fieis partidários da realeza.

As marcantes atividades dos predecessores nascidos na província de Kochi, tais como Taisuke Itagaki e outros, influenciou Mizuno tal ponto que fez-lhe surgir uma vontade de renunciar o cargo de professor primário em 1869, com 18 anos de idade e saiu a Tokyo, depois de andar a pé pela Estrada Tokaidô (Estrada tronca entre Tokyo e Osaka que na época havia 53 estações de pouso). Mas logo, ao receber a notícia da morte do seu irmão mais velho, voltou-se a terra natal. Com 19 anos, chegou novamente a Tokyo e fez o curso trabalhando na Universidade Keio, concluindo-o no ano de 1888.

Daí por algum tempo, ele concentrou no campo político, mas certo motivo, desistiu a política e colocou-se no setor de incremento da produção, prestando sempre atenções pela expansão do povo nipônico para além-mar.

A fundação da Companhia de Imigração Kissa Sociedade Ltda., em dezembro de 1891, primeiro no gênero, fez surgir um após outro, numerosas companhias de imigração, feito um aspecto de brotamento numa só vez dos bambus.

Mizuno, que veio sempre aclamando e empenhando-se em prol da realização da expansão dos japoneses para além-mar, aprofundou seus estudos sobre a destinação dos imigrantes, desde a Coréia, Mandchúria, América do Sul até a região sul africana. Prevendo o problema dos desempregados de pós-guerra Nipo-Russa, ele pleiteou como uma solução adequada do caso, um plano de envio da imigração para a América do Sul, consultando opiniões dos colegas predecessores, tanto os órgãos governamentais, quanto nos campos civis. E também entrevistou o Ministro da Legação brasileira em Tokyo, com o qual, obteve seu apoio e encorajamento a respeito. Não se pode negar a grande influência do relatório do Ministro Suguimura sobre a conclusão do Mizuno de que, a meta doravante da imigração tem de ser para a América do Sul ou melhor, para o Brasil.

Quando Mizuno decidiu viajar para o Brasil, com o objeto de inspeção do local, era o ano de 1905 que tinha 46 anos de idade. Na época, como não havia a linha direta entre o Brasil e o Japão, obrigava tomar um navio fretado da Companhia Toyô de Navegação, cortando transversalmente o Oceano Pacífico e chegar ao Peru, onde baldeava para o navio estrangeiro até o Chile. Após desembarque, tomava o caminho de neve, nas costas dos burros, atravessando a cordilheira dos Andes, e quando chegou ao Brasil, através de Buenos Aires, era o dia 17 de março do ano seguinte.

Nesta viagem, ele encontrou com Teijiro Suzuki no caminho, convencendo-o a acompanhar até o Brasil, apesar da meta dele era para o Chile. Assim, após a inspeção pelo Estado do Rio Grande do Sul, entrou em Rio de Janeiro e em seguida, visitou o Ministro Suguimura em Petrópolis. O Ministro estava bem animado, tanto que mandou acompanhar o Secretário Miura junto com Mizuno para São Paulo, e aí,

em 15 de abril fizeram vários contratos, tais como; com o Governador do Estado, Secretário de Agricultura e Companhia de Imigração Bento Bueno, cujas confirmações resultantes levaram de volta a Petrópolis. Mas ao chegarem a Petrópolis, eles acharam o Ministro em cama imobilizado, devido a hemorragia cerebral, onde única coisa que podia fazer por Mizuno era de cuidar o doente, durante 7 dias e 7 noites.

O Ministro Suguimura, quem sempre veio proferindo com tamanha convicção sobre visão promissora da imigração para o Brasil, agora, sem ver nenhuma realização do fato, teve que deixar este mundo para sempre, no dia 19 de maio de 1906, às 4 horas e 30 minutos.

Em julho do mesmo ano, Mizuno, junto com a família do finado, voltou-se ao Japão e editou em Tokyo, uma obra com pormenores da inspeção, "O Guia de Viagem Sobre a América do Sul", com o qual, pretendeu fazer propagandas pela imigração para o Brasil.

No ano seguinte, por via Nova York, Mizuno voltou novamente ao Brasil. Chegando a Rio de Janeiro, ele visitou o Ministro Sadatsuchi Uchida, sucessor de Suguimura e com o apoio positivo deste homem, iniciou sua atividade intensa.

No contrato firmado com o Estado de São Paulo, baseado no Artigo n^o 20 da Lei de Imigração e Colonização, constava a introdução de 3 mil imigrantes agrícolas japoneses, dentro do prazo de 3 anos, mil pessoas por ano, sendo que, a primeira deverá realizar-se durante o mês de maio de 1908 e a segunda e a terceira, deverão chegar em Santos, durante o mês de abril dos anos 1909 e 1910. Fora disso, junto com o governo de Rio de Janeiro, havia um plano de introdução dos imigrantes japoneses, mas isso não foi realizado.

Mizuno, presidente da Companhia de Colonização Kôkoku, imediatamente tratou de voltar ao Japão, em cumprimento do trato feito com o governo do Estado de São Paulo, e no dia 3 de janeiro de 1908, desembarcou com o ar triunfante. Porém, não era tão fácil aprontar tudo dentro do prazo limitado, assim como; angariação dos imigrantes, arrumação de barco para transporte, encaminhamento de documentação burocrática e muitas outras providências a respeito.

Contra autorização de 1.000 pessoas, concedida pelo Ministério das Relações Exteriores, a Companhia, apesar do seu extremo esforço, só conseguiu angariar apenas 779 pessoas, talvez isso, por ter sido a primeira tentativa e também por falta de tempo necessário. Classificando os imigrantes, de acordo com as províncias, o primeiro lugar em número de pessoas vem Okinawa, seguindo-se Kagoshima, Fukushima, Kumamoto e Hiroshima, mas para os okinawanos eram considerados mais adequados trabalhar no Estado de São Paulo. Além do mais, o fato de os okinawanos já tiveram experiências anteriores para o Hawai, motivo pelo qual concentrou a força, para

angariação dos imigrantes que obtiveram o número de 323 pessoas, só nesta província. Dentro destas, 134 pessoas foram para Argentina, atraída pela alta remuneração argentina que na época, possuía moeda forte em relação a do Brasil, tais que, uma diária dos trabalhadores ganhava entre 2 a 8 pesos, um empregado doméstico com o salário livre acima de 40 pesos, um cozinheiro ou motorista de carro particular, ganhava em torno de 200 pesos mensais, livre de pensão e alimentação etc:

Para transporte dos imigrantes, foi requisitado o navio "Kasato Maru", que pertencia na época, a Companhia de Navegação Toyô, designando-o como navio fretado provisoriamente só para viagem de ida, custeada pela mãe do Barão Shigueno, primeiro aviador do Japão.

No entanto, quando a partida de Kobe deste navio, determinada para o dia 18 de abril, surgiu o problema de depósito compulsório de 100 mil yens no Ministério das Relações Exteriores, referente a caução sobre licença dos imigrantes, como fundo de reserva da companhia que trata a imigração.

Na época, havia no país, numerosas companhias de imigração que algumas delas de capitais minúsculas, praticavam certas irregularidades, o que o levou o governo a adotar sistema de fundo por caução. A Companhia de Colonização Kôkoku, apesar de possuir uma denominação importante (Kôkoku significa imperial), mas que o seu conteúdo parecia ser precário que o Mizuno teve que enfrentar dificuldade enorme para se arrumar este fundo de caução. Mizuno, para esta quantia de 100 mil yens, conseguiu reduzi-la para 80 mil yens, após choramingo por intermédio de um deputado do Partido "Seiyūkai" que o fez junto ao Ministério das Relações Exteriores e mais, em caráter de emergência, recolheu em forma de um depósito por conta da Companhia, todos os dinheiros dos imigrantes que traziam aí, sob a condição de serem devolvidos todos, na ocasião da chegada ao Brasil. Mas isso, na verdade, depois da chegada ao Brasil, causou sérios problemas por não poder cumprir o seu resgate, devido pela condição financeira difícilíssima que a Companhia atravessava.

Sob estas circunstâncias, atrasando a partida, finalmente em 28 de abril, o Kasato Maru zarpu-se. Embarcaram nele, para a direção geral, o presidente da Companhia Ryô Mizuno e Shuhei Uetsuka, bacharel da Universidade Imperial, como o gerente geral da Companhia no Brasil.

Este Kasato Maru, com 6.020 toneladas de deslocamento, até a guerra Nipo-Russa, era navio hospital "Kazan" da marinha russa, fabricado em 1900 no estaleiro da Inglaterra. Foi apanhado pela marinha japonesa, quando estava encalhado no porto Arthur (Ryojun) e utilizado em transporte do exército para o seu retorno de Mandchúria ao Japão

Quanto a transporte dos imigrantes para a América do Sul, começou em

1907, a partir da remessa para o Peru, e em junho do ano seguinte, levou os primeiros emigrantes para o Brasil. Na era Taishô, trabalhou na linha regular do Japão entre a Ilha Formosa, e em 1927, foi enviado a Rio Yang Tze Kiang na China, como navio hospitalar especial. Durante a Guerra de Oceano Pacífico, apesar de seu 45 anos de existência, ainda conservava em perfeita condição, trabalhando numa companhia de pesca, mas quando em um carregamento no litoral oeste de Kamchatka, foi posto a pique, no dia 9 de agosto, um dia antes da sua partida prevista, pelo exército russo, que de súbito, resolveu entrar em guerra.

No dia 18 de junho de 1908, as 9 horas e meia, o navio Kasato Maru aportou em Santos, e os imigrantes, às 7 horas da manhã do dia seguinte, começaram a descer as escadas do navio, iniciando seus primeiros passos históricos no Brasil

DO SINDICATO TOKYO ATÉ A CIA. KAIKÔ

O resultado da primeira emigração enviada pela Companhia de Colonização Kôkoku nas fazendas de café, foi desaprovado tanto pelas autoridades japonesa, quanto pelo governo do Estado de São Paulo.

O resultado não auspicioso dos trabalhadores japoneses nas fazendas, levou o governo do Estado de São Paulo a tomar atitude mais dura contra posterior imigração japonesa e também, o governo japonês, ao saber o fato da dificuldade da Companhia de Colonização Kôkoku, em devolver aqueles dinheiros arrecadados dos emigrantes, desviados para o depósito compulsório para Ministério das Relações Exteriores, e também talvez fosse por qualquer influência de certas astúcias promovidas pelos concorrentes invejosos, não concedeu à Companhia, efetuar nova angariação a respeito da segunda remessa dos imigrantes..

Mizuno, como última tentativa, visitou Youemon Takemura, família de renome, conterrânea da Província Tossa, e após convencê-lo, com tese de que, o empreendimento imigratório cabe nada mais que a um puro interesse nacional, cedeu-lhe todos os direitos e obrigações referente ao contrato de imigração.

O Ministério das Relações Exteriores, pondo em crédito pela sua quantidade do capital de Takemura, aprovou-o, chegando-se a concluir com o governo do Estado de São Paulo, o contrato modificado referente a segunda remessa dos emigrantes.

Assim, finalmente, em junho de 1910, conseguiu enviar mais 909 imigrantes, no entanto, foi uma pena que na ocasião da assinatura deste contrato de modificação, abandonou alguns direitos sobre a colonização.

Segundo dizeres de Mizuno, este, foi feito em função do pedido do próprio

governo do Estado de São Paulo e que parece ter concordado sem nenhuma objeção que, talvez, ele na ocasião, tenha perdido confiança em si, perante os acontecimentos desanimadores, tais como; mal resultado dos imigrantes japoneses nas fazendas, mais o fechamento da própria Companhia de Colonização Kōkoku. Na ocasião, o Ministro Uchida ficou desapontado tal maneira que censurou o Mizuno, alegando [Seria uma perda irrecuperável, a desistência de tão importante prerrogativa que visava tantos benefícios em termo da fixação e expansão dos imigrantes japoneses. E porque fez isso, sem consultar um órgão competente?]

Antes deste contrato, em outubro de 1907, Mizuno havia contratado com o governo do Estado de Rio de Janeiro a respeito dos locais a serem introduzidos os imigrantes para fixação permanente que foram:

- 1- Fazenda Santo Antônio, município de Macaé.
- 2- Terreno estadual de Imbé, município de São Francisco de Paula
- 3- Outros terrenos estaduais ou a serem adquiridos convenientemente, de acordo com a prévia designação.

Mas este também terminou sem ter êxito, por falta da força financeira de Mizuno. Para esta fazenda Santo Antônio, como já referido anteriormente, 6 pessoas da família do Dr. Saburo Kumabe, ex-deseembargador da província de Kumamoto e mais 3 pessoas da família Haruyoshi Kataoka entraram-na e tentaram uma rizicultura que, apesar da boa safra em previsão, tiveram que lutar por sérios problemas tais como; dificuldade de comunicação e transporte, por ser localização remota, escassez de mão de obra e de *capital para produção* e muitos outros. Assim, durante mais algum tempo, foram-se sustentando com a expectativa de que a Companhia tomasse alguma medida a respeito, mas enfim, Mizuno decidiu abandonar este plano, que todos os esforços do Dr. Kumabe foram por água a baixo.

Justamente neste ano de 1907, quando Mizuno empenhava em envio dos primeiros imigrantes, estavam sendo avançados entre os interessados da época, as discussões sobre os empreendimentos imigratórios para estudarem a maneira como processá-los para pôr em realidade, dentro das circunstâncias nacionais que o Japão enfrentava naquela ocasião, visando semelhante esperança de que Mizuno possuía. Só que deste vez, era para planejar uma imigração com o fito de construção da colônia própria fixa e não simples remessa dos trabalhadores contratados

Os membros desta reunião eram, tendo em seu centro, o Visconde Kanetake Ooura, Yoshinosuke Hasegawa, doutorem engenharia, Takejiro Tokonami, Secretário de Interior do Ministério de Interior, Ikutaro Aoyagui e mais alguns outros. Em julho de 1908, Ooura, tendo admitido como Ministro de Agricultura na 2^a etapa do gabinete Katsura, convenceu o Primeiro-Ministro Katsura e Ministro de Interior Hirata para

que examinassem o ofício extenso de opinião, apresentado por Ikutaro Aoyagui, no qual enfatizava a suma importância do empreendimento imigratório, tomando exemplos dos casos dos países estrangeiros e também, em vista da atual circunstância demográfica que o Japão se encontra.

Para este, houve várias consultas do Ministro Hirata a respeito, em que Aoyagui respondeu com o plano objetivo de avanço para o Brasil, no qual acentuou o termo de que, se não atuasse agora, iria deixar um arrependimento irreversível para sempre. No entanto, talvez por razão do ponto de vista diplomático ou não, o Ministro Komura, das Relações Exteriores contrariou-se fortemente, o que o levou em sem efeito, o programa que visava uma determinação através da conferência ministerial.

Entretanto, com a colaboração do latifundiário Kojiro Oosawa e mais alguns capitalistas, foi estabelecido uma cooperativa empresarial denominada por "Sindicato Tokyo".

Na ocasião, como Ooura, era o Ministro de Agricultura, a sua quota deste Sindicato foi capitalizada em nome do seu genro Sada Hori. Este Sindicato, logo que foi estabelecido, iniciou a sua atividade, sendo que, Aoyagui, em 30 de junho de 1910, partiu para a Alemanha, via Sibéria e aí pesquisou e estudou assuntos sobre a imigração e daí rumou para o Brasil, que chegou a permanecer por 18 meses. Durante a estada, andou inspecionando os Estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como pesquisas sobre as colônias italianas e alemãs, localizadas nestes Estados, finalizando-se em andar vários locais do interior do Estado de São Paulo.

Como resultado desta, chegou a conclusão de que a região de Cananéia, margem do Rio Ribeira, no litoral sul do Estado de São Paulo era local mais apropriado para a construção de grupo das colônias.

Assim, em 14 de fevereiro de 1911, foi requerido junto ao governo do Estado de São Paulo, a cessão gratuita do terreno estadual com a área de 50 mil hectares. Daí em diante, mais de um ano, após vários vaivéns foi assinado o Contrato, com o qual, voltou ao Japão e no dia 1^o de maio de 1912, apresentou-o ao Sindicato Tokyo.

Foi organizado em 21 de dezembro do mesmo ano, a terceira etapa do gabinete Katsura, no qual, o Primeiro-Ministro Katsura chegou a ocupar o cargo cumulativo de Ministro das Relações Exteriores e Ooura como Ministro do Interior.

Assim, por intermédio do Ministro Katsura, foi convocado na residência oficial do Ministério das Relações Exteriores, um grupo de 30 empresários de primeira categoria do país, a começar com Korekiyo Takahashi, presidente do Banco do Japão, Eiichi Shibusawa, empresário de renome e outros, para discutir sobre tantos quantos benefícios de caráter social que este empreendimento imigratório traria para a nação.

Na ocasião, o Ministro pediu a todos, que concordasse sem preocupar tanto com a consequência imediata do caso, fosse lucro ou perda, e dizem que, para quem hesitou ainda, o próprio Ministro tentou persuadi-lo, até levá-lo à concordância unânime.

Com isso, formou-se imediatamente a comissão organizadora da companhia de imigração, que na hora, Eiichi Shibusawa foi escolhido como presidente desta comissão. Em seguida, em 10 de março, foi instituída Companhia de Colonização do Brasil S/A, com o capital social de um milhão de yens e para seu diretor presidente foi nomeado o Visconde Tadanao Sakai e Taka Kawada como diretor administrativo.

Aoyagui, voltou apressadamente para São Paulo e em 2 de agosto, logo que terminada a tomar todas as providências necessárias para que a nova firma pudesse atuar como sucessor do Sindicato Tokyo que firmou aquele contrato com o Estado de São Paulo, iniciou-se definitivamente ao empenho do empreendimento da colonização.

Como havia nesta região, desde o tempo remoto, numerosos posseiros da terra, o que o levou a gastar vultas e inesperadas despesas e tempos para serem colocados os lotes em ordem. Principalmente, para a compra da gleba de 200 hectares destinada para a construção da cidade de Registro, parecia ter despendido um pouco demais. Em consequência disso, a área final da entrega saiu expressivamente diminuída em relação ao projeto inicial.

Assim, graças aos esforços de Aoyagui e outros, os preparos para recepção dos imigrantes foram postas em ordem, mas a vinda dos imigrantes não era animadora, por vários motivos tais como; falta de capital como sendo de período inicial, aumento da demanda de mão-de-obra no Japão, insuficiência no processo angariador dos imigrantes, etc. Mas no decorrer do tempo, ia melhorando e ao receber a influência da Guerra Européia, a tendência do Japão, em todos os sentidos, se tornou cada vez mais pujante.

Na Assembléia Provisória da Dieta, aberta em julho de 1917, foi modificada a lei de companhia da colonização e o Ministro da Fazenda, Katsuta acentuou a necessidade da enérgica promoção conjunta das companhias de imigração e colonização, numa convocação dos representantes pertencentes do gênero, feita na residência oficial do Ministro.

Por conseguinte, em 21 de novembro do mesmo ano, foi unificada todas as companhias do gênero, constituindo Companhia Kaigai Kogyô Kabushikikaisha (Companhia Fomento Empreendedora Além-Mar S/A), com o capital social de 10 milhões de yens, no qual Aoyagui foi escolhido como um dos diretores da Companhia.

Daí em diante, aquela sofrida colônia Iguapé, passou a ser administrada por esta nova Companhia e ia progredindo.

Na época, já havia 20 mil imigrantes japoneses no Brasil. As pessoas que

concluíram o prazo contratual nas fazendas de café, já havia acostumadas com a vida brasileira, possuindo até certa auto-confiança em si, mas na colônia, a vida ainda era forçada, sem liberdade, onde até facilmente podiam encontrar os bandos de negros, remanescentes da era escravidão. Por conseguinte, para os imigrantes que desejavam mais liberdade, melhor vida, as fazendas de café não eram para permanecer por muito tempo. Reinava aí, um clima de desejo de o quanto antes ter, uma vida independente, a procura de riquezas, através da lavoura própria. Como se correspondesse a este, surgiram várias colônias, grandes e pequenas, em pontos isolados.

Nas margens da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, como a Colônia Birigui e Colônia Hirano e muitas outras, que nasceram aglomeradas quase sem limite, e na Estrada de Ferro Sorocabana, havia a Colônia Brejão de Kenichi Hoshina e Colônia Vai-Bem, etc.

No arredor de São Paulo, já havia começado a agrupar-se em Morumbi e Cotia. Nessa época, estava brotando novo plano para a construção de colônia japonesa, por Shungoro Wako e Chikazo Kitahara que na ocasião, haviam fixados na Colônia Iguape.

PRIMEIROS JAPONESES NA MARGEM DO RIO TIETÊ

Eram os primeiros patrícios que pisaram nas proximidades da Fazenda Tietê, composta por um grupo, maioria de okinawanos, dirigido por Motono Oono, um dos cinco intérprete da primeira imigração do Kasato Maru em 1908. Oono, tendo ingressado na Fazenda Flores de Itú, junto com as 26 famílias guiado por Shinjiro Shiroma, agente da primeira imigração okinawana, mas, os imigrantes, em vista da colheita insignificante do café, por ser cafeeiros velhos desta Fazenda, ficaram desanimados, resolveram retirar da Fazenda e sua maioria, foi espalhando-se para região de Santos.

O próprio Oono, desistiu-se após 6 meses e ingressou ao escritório filial da Companhia de Colonização Kôkoku, na Rua Carlos Gomes em São Paulo. Nos dois pequenos aposentos do 2- andar, moravam Takashi Nihei, Rokuro Koyama, Massashi Mine, além de Shuhei Uetsuka, e por aí, o casal Oono ia acomodando-se à força, apertasse por apertasse. Na ocasião, o salário de Shuhei Uetsuka, bacharel e gerente da Companhia em São Paulo, era de \$500.000,00 (Quinhentos mil reis), que ele aguardava a sua remessa pela matriz o quanto antes, numa sensação de reza a Deus. No entanto, não chegara, nem sequer despesas do escritório. Com o fito de superar o aperto, Uetsuka resolveu fabricar os brinquedos, matando fome com as bolinhas de farinha de mandioca como, única subsistência da vida.

Era nesse tempo que Nanju Suzuki, ocioso no momento, um dia, procurou o departamento de apresentação de profissões, da Casa de Imigração, onde soube do fato de que o empreiteiro Sampaio Correia estava recrutando trabalhadores para a obra da Estrada de Ferro Noroeste, o que imediatamente foi recomendado para Oono.

Oono, reconhecendo o tipo deste serviço, achou que era apropriado para os okinawanos, foi atrás daqueles fujitivos da Fazenda Flores que espalharam na região de Santos, incluindo neles, mais alguns imigrantes mau sucedidos da Fazenda Dumont, conseguiu juntar as 23 famílias com 52 pessoas. Parecia ter chamado a atenção, o ganho diário de \$5.000,00(Cinco mil reis) por pessoa.

Os locais destinados da linha noroeste para este grupo, guiado por Oono eram as estações Bacurí, Cotovelo(Nova Nippônia), e Ilha Secca, todas localizadas nas baixadas ao longo do Rio Tietê, que considerado como zona de foco das malárias. Como eles pousavam nas margens da linha férrea, logo foram batizados pelas epidemias que na sua maioria acamaram, resultando em até duas vítimas, um okinawano Zentaro Higa e outra Issaji Deguchi, natural da província de Kumamoto. Na ocasião, adoeceu até Matsuko, mulher de Oono e estimava-se que não chegava o número de dez pessoas que trabalhavam diariamente.

Destarte, no fim de 6 meses, isto é, de julho até o fim de 1909, retiraram-se todos, de maneira totalmente derrotada.

Queremos dizer que, este era o fracasso, tanto de Oono, como também de Nanju Suzuki que tomou a iniciativa do plano. Mais adiante, Oono, conseguindo algum dinheiro na mão, voltou a São Paulo, alugando uma casa. Apesar da moderada malária de dona Matsuko, a menina de Oono, com menos de um ano de idade, mesmo com sacrificantes cuidados da mãe, não pôde escapar da morte pela doença.

Em setembro de 1910, após 9 meses da retirada do grupo Oono Kensuke Onodera, de meia idade, veio ao Brasil, de Califórnia, U.S.A., na qualidade de chefe do grupo, candidatou junto com seus membros Jihei Takakuwa, Eijiro Miyake, Kaizaburo Kishimoto, Ichishiro Sato e sua mulher mais duas crianças pequenas, acrescentando aí, Isaburo Shiokawa e Yassumi Fujita que vieram da Fazenda Itô de Argentina, como trabalhador da estrada de ferro, atraída pela remuneração diária de \$5.000,00(Cinco mil reis).

Estes dois últimos, eram dois dos rapazes que vieram do Japão, através de chamadas feitas pelo dr. professor Seizo Itô, natural da província de Yamagata, casado com uma professora alemã Olga que a conheceu na ocasião de estudo na Alemanha, que na época, estava administrando uma fazenda de gado na cidade de Bolival, no Estado de Buenos Aires.

Nessa época, a obra da estrada de ferro, já havia ultrapassada a Estação

Itapura e avançava em direção de Jupiá. A força da malária arrazava constantemente, mas, sempre havia pessoas retiradas da fazenda que vieram atravessando o Rio Paraná.

Os trabalhadores japoneses na obra era normalmente recebidos pelas firmas empreiteiras, com certo acolhimento e simpatia, pela sua melhor produtividade e assiduidade do caráter pessoal, no entanto, para os japoneses, eram um serviço pesadíssimo e até cruel. Estes trabalhadores japoneses, em grupo de 40 a 50 pessoas, formavam um acampamento, onde as mulheres eram encarregadas das partes de cozinhas e lavagem das roupas e os rapazes, providenciavam "Furo"(banho), em sistema de rodízio.

Assim, as obras da construção da Estrada de Ferro Noroeste iam avançando em direção a Campo Grande.

A INSTITUIÇÃO DA CONFEDERAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE IMIGRAÇÃO ULTRAMARINA

Em 1897, o pastor Heidayü Shimanuki, estava editando em Tokyo, as revistas "A Salvação" e "O Militar e o Cristianismo", fundando ao mesmo tempo, "A Associação de Trabalhos de Tokyo", com o qual, dirigia e orientava os pretendentes que iam trabalhar para os Estados Unidos. Esta Associação, 3 anos depois, foi alterada a sua denominação para "Associação Rikkô", através do qual, muitos rapazes foram imigrar para os Estados Unidos.

Shigueshi Nagata, quando estava nos Estados Unidos, como um membro desta Associação, recebeu uma ordem póstuma do reverendo Heidayü Shimanuki, e voltou ao Japão para assumir o cargo de presidente da Associação, e foi quebrando a cabeça, em estudo sobre a sua administração, partindo de pontos de vista variados.

Na época, a Associação Rikkô era uma coletividade social em base no cristianismo, limitada apenas a darem assistências aos estudantes trabalhando ou orientações para os moços que desejavam viajar aos Estados Unidos. Mas o presidente Nagata, começou a sua atividade, visando a expansão demográfica ultramarina, como sendo um meio de ajuda no sentido de solucionar o problema rural do Japão.

Para a Colônia Registro, anteriormente referida, veio aparecendo certo número de candidatos, atraídos por anuncio de recrutamemnto dos agricultores independentes.

Em março de 1920, Nagata, com o fito de dar uma volta pela América do Sul, partiu de Yokohama, e ao passar pelos Estados Unidos, sentiu-se no próprio corpo, o movimento cada vez mais intenso de anti-japonês que reinava aí, e em Jfi de

junho chegou a Rio de Janeiro. Primeiramente, rumou em direção a linha mogiana, e aí, sob a guia do sr. Tarama, do Consulado Filial de Ribeirão Preto, visitou as fazendas de café do local. Depois, inspecionou as fazendas formadas na região noroeste, onde foi impressionado pela sua grande possibilidade no futuro promissor.

Finalmente, chegando-se em Iguape de Kaikô, entrou em contato com Shungoro Wako e Tikazo Kitahara. Talvez, nessa altura, o plano da colonização de Nagata já esteja estudado no seu íntimo. Wako, aguardava tão desejosamente, este dia da chegada de Nagata, que na sua obra "Kunimi Suru Mono" (Quem Visa a Nação), se refere o aspecto deste encontro. [Hospedei-me na casa de Tikazo Kitahara, onde passei conversando durante noite afora. Shungoro Wako, numa figura andrejada, que trabalhava como fiscal na obra da estrada, apareceu dizendo (Ao saber da chegada do sr. Nagata, sem lavar o meu rosto, peguei o cavalo sem licença do vizinho e corri para cá.) Eu aqui, pude observar verdadeiro aspecto da colônia administrada por uma companhia e também descobri os elementos necessários para poder trabalhar futuramente no Brasil. O fato de a Fazenda Aliança, nas mãos de dois elementos, Wako e Kitahara e após a fundação de Bratac, Wako, sob a geniosa direção do sr. Umetani, podia desempenhar tão importante função no cargo, que isso, era compreensível só para quem conhecia verdadeiramente]

Assim, Nagata, retorna à sua terra natal Nagano, onde se encontra inesperados problemas duros, mas superando isso, com esforço perseverante e no final de 1921, participa de uma reunião realizada em Tôtôtei de Hibiya, para tratar de assuntos de pôr em execução o sistema pertinente à Associação Shinano Ultramarina, no qual, foi indicado Wako para o encarregado de serviços práticos. Na reunião, participaram 8 pessoas, inclusive Nagata que eram: Heikichi Ogawa, Presidente do Instituto Nacional de Pesquisa, Tadahiko Okada, Governador da Província de Nagano, Senador Gosuke Imai, Torataro Sato, Presidente do Instituto de Educação Shinano, Chuzo Kasahara, Presidente da Assembléia Legislativa da Província de Shinano, Takuma Miyashita e Shungoro Wako.

Wako, na ocasião, trabalhava numa mesa, colocada num recinto da Secção Civil da Prefeitura e de vez em quando, assustava os guardas da Academia de Polícia, situada ao lado do Palácio do Governo, pela linda voz em cantar "Ooryokkô-Bushi", moda da época. Mas, sua capacidade talentosa demonstrada nos serviços administrativos, fez progredir a tal maneira até que, pudesse realizar a inauguração pela fundação de Associação Shinano Ultramarina no dia 29 de janeiro de 1922.

Desta maneira, foi instituída a Associação Shinano Ultramarina e Nagata, apresentou ao presidente Okada, o projeto de colonização elaborado por Wako, mas como era necessário para isso, a quantidade de 200 mil yens, Okada não chegou a

concordar. Mas Wako, nessa altura, talvez, sob a previsão de que a questão do dinheiro resolvesse através do empenho de Nagata, obteve todos os apoios de Gosuke Imai, para arrumar despesas de viagem para voltar ao Brasil, como gerente da Agência da Associação Shinano Ultramarina do Brasil, carregando uma imensa responsabilidade em definir o terreno para a colonização a ser escolhido.

Na época, as províncias já dotadas com associações ultramarinas eram Wakayama, Okayama, Hiroshima, Kagawa, Yamaguchi e Kumamoto além de Shinano, contando no total, apenas 7 províncias e até então não havia nenhuma intercomunicação entre as associações. Mas, após a proposta de Associação Shinano Ultramarina, feita numa reunião de governadores de 7 províncias, já referidas, em janeiro de 1923, foi discutido o assunto e no dia 9 de fevereiro do mesmo ano, foi constituída a Central das Associações Ultramarinas e na ocasião, Nagata assumiu o cargo de diretor.

Uma vez fundada a Central das Associações, Nagata começou trabalhar ativamente, convidando todas as províncias, no sentido de fundarem as associações interioranas, dando-lhes auxílios necessários que, para ele, não tinha nem tempo de descansar sequer um minuto.

A mercê deste, o número de associações interioranas atingiu a 44, restando apenas para 2 ou 3 províncias carentes deste sistema, contribuindo significativamente para a expansão ultramarina dos japoneses do país inteiro. As Associações Shinano, Kumamoto, Tottori e Toyama, planejavam independentemente a colonização, mas vendo a dificuldade, por ser uma organização fraca, reconheceram a necessidade de ter algum estímulo protegido pela lei nacional. Daí surgiu a idéia da imigração baseada na lei de cooperativa existente, mas como havia oposição a respeito, no Ministério da Agricultura e Floresta, foi elaborada por Gon-ichi Kodaira, um dispositivo separado, chamado Lei da Cooperativa de Imigração.

Por este dispositivo é que foi fundada a Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, em 1² de dezembro de 1927.

DA CONFEDERAÇÃO ATÉ A FUNDAÇÃO DE BRATAC

A estada sozinha de um ano de Wako no Japão, isto é até o retorno ao Brasil, em 1922, para ele, que havia deixado a esposa no Brasil e ainda, ao saber da morte por doença do primeiro filho, talvez teria passado o seu dia a dia, com vontade irresistível de voltar ao Brasil.

No entanto, o projeto da colonização apresentado por ele, depois do período

de hibernação durante a gestão do governador Okada, foi despertado finalmente pelo governador Honma. Este homem, no dia 13 de maio de 1923, convocou todos os prefeitos da Província de Nagano, onde fez uma decidida declaração, para a construção da colônia.

Nagata, visando a concretização deste plano, fez uma remessa por telefone, de certa quantia de dinheiro a Tetsusuke Tarama, Cônsul da Legação de Bauru na época. Ao receber a notícia, as duas pessoas, Wako e Kitahara que estavam na Colônia Iguape, imediatamente entraram em atividade, e Wako mudando-se a Bauru, com o fito de examinar melhor as terras a comprar e Kitahara, para obtenção de conhecimentos necessários para a administração da colônia.

Na época, o preço de terras era um objeto especulativo, que mantinha sempre tendência de elevação, pela lei de oferta e procura, tal modo que, havia rumor de que, ficaria 10% mais caro, assim que receber a visita dos interessados da compra. Destarte, diziam que Wako, andava a colher as matérias de dados em prol da redação do Anuário Noroeste, ocultando qualquer interesse pelas terras.

Assim, aguardando algum tempo, numa noite bem funda, em meados de agosto de 1924, houve quem batesse a porta da casa de Wako em Bauru. Foi o Secretário Nagata da Associação Shinano. Mal abrindo a boca, Nagata soltou uma frase.

[Achaste as terras?]

[Sim. Encontrei a custo!]

Eram os cumprimentos dos dois.

Após ter descansado uns tempos na casa de Wako, em 25 de agosto, Nagata, partiu de Bauru, junto com mais três companheiros, Wako, Tarama e Kitahara, em viagem de inspeção do terreno, pertencente a Rodolfo Miranda, escolhido antecipadamente por Wako, localizado no interior de Araçatuba. Como na ocasião, estava em meio a revolução, não confiável pela circulação do trem, que a partir de Araçatuba, acrescentando-lhes, mais dois brasileiros, sendo um, de guia e outro de funcionário da imobiliária, com os quais, embarcando em dois automóveis, iam enfrentando a horrível estrada, via Mirandópolis. No dia 27, conseguiram chegar a Lussanvira, depois de ter atravessado o terreno do local, alvo desta viagem. Assim, na margem do Rio Tietê, região inabitada por patrícios, após a retirada do grupo de Motonao Oono, que trabalharam na construção de estrada de ferro, agora, depois de 15 anos, puderam pisar como primeiro passo comemorativo na história.

Logo em seguida, após as reiteradas verificações e estudos, Nagata que atravessou uma fase de sofrimento por atraso da vinda de dinheiro e também por motivo de doença própria, finalmente, em 1^a de outubro de 1924, pôde assinar o contrato de compra e venda do terreno.

Depois disso, durante mais 2 meses, ainda enfermo, mas, sob o caloroso cuidado de Wako, continuava trabalhando no planejamento da colonização, e enfim, em 8 de dezembro, confiando todos os trabalhos a mão de Wako, sem ouvir a advertência do Dr. Takaoka, partiu em caminho de volta ao Japão, numa figura tal qual arrastando aquele corpaço, porém bem definhado.

Por outro lado, foi fundada a Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina e foi escolhido para o diretor gerente, Mitsusada Umetani, governador da Província de Nagano, sucessor de Honma e quem empenhou grandemente para a construção da Fazenda Aliança. Foi nomeado também, Kazu Saito, ex-consul em São Paulo para o encarregado-chefe e foram escolhidos Shigueshi Nagata e Ikutaro Aoyagui como incumbentes especiais.

Entretanto, a Confederação determinou a política do empreendimento a ser executada, baseada na lei da cooperativa de imigração ultramarina e nos outros regulamentos dispositivos, tais como: abrir o caminho de financiamento para as cooperativas imigratórias, administração colonial independente, de acordo com as províncias e plano de imigração de 200 famílias anuais.

Como a escolha do terreno, fator principal deste empreendimento e com o fito de sua rápida solução, no dia 24 de outubro de 1927, logo após a fundação, foi convocado o diretor gerente Umetani, afim de envia-lo ao Brasil, em caráter de emergência, dando-lhe poderes integrais da escolha e da compra do terreno para colonização, bem como dividi-lo, e fazer viagens de inspeção por toda a parte do Brasil, e também coleccionar todas as referências necessárias para o planejamento da colonização.

Umetani, partiu do porto de Yokohama, conduzindo-lhe Senzo Takeishi, como secretário e Ikutaro Aoyagui, fundador da Fazenda Iguape, como incumbente especial. No dia 10 de dezembro, chegou em Rio de Janeiro, onde foi recebido por Wako e imediatamente dirigiram-se para São Paulo. Já era quase fim do ano, quando no dia 20 de dezembro foi aberto o escritório representante da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, na Rua Libero Badarón²103.

Na ocasião, o cônsul geral em São Paulo, Sukeyuki Wakamatsu era um dos melhores conselheiros de Umetani, mas para o andamento do trabalho prático, colocou 2 pessoas como conselheiros jurídicos, o advogado Carlos Morais Andrade e tradutor público, Hideo Suguiyama e fazia Wako participar na parte importante do planejamento que até então Wako administrava a Fazenda Aliança, como um dos diretores da Cooperativa de Imigração Shinano Ultramarina. Também convidava, Senjiro Hatanaka, incumbente do Departamento de Imigração da Legação em São Paulo e Tokuya Koseki, agrimensor de Dôjinkai, para examinar e verificar o terreno.

Já nessa fase, no Japão também estava em iminência mandar os imigrantes, que destarte, fosse como fosse, era prioritário, a escolha do terreno. Diante disso, para aprontar tudo, Umetani, apesar do tempo de chuvas, pior época para a verificação do terreno, partiu no fim de ano, à procura de terrenos. Primeiramente, visitou ao longo da linha Paulista até o término do ano, e no início do ano novo, começou com o litoral sul do Estado de São Paulo, seguindo para a linha Noroeste e observou até a fronteira da Bolívia no Estado de Mato Grosso. Parece que, no meio desta viagem, em 26 de janeiro, quando passou pela região Tietê, foi cativado pela bela e extensa floresta inabitada. Mais adiante, pesquisou o norte do Paraná, a linha Sorocabana e a linha Araraquarense, passando para a ribeira do Rio Doce, no Estado de Minas Gerais, chegando-se até Belo Horizonte para averiguação do terreno pertencente a este Estado.

Apesar dos esforços sobre-humanos de Umetani, para ele, aqui no Brasil, era uma seqüência de fatos inesperados e embaraçosos que no entanto, os assuntos estudados e planejados pela Confederação ou melhor, conteúdos elaborados pelos burocratas do Ministério do Interior do Japão, muitas vezes, eram dogmáticos que visavam somente por um lado, não cabível na realidade, parecia apropriado para serem aplicados no Japão, e não aqui no Brasil. Casos como estes, talvez, também pode ser que, por sentimento de rivalidade burocrático criado entre os funcionários locais do destino e as autoridade ministeriais do Japão, muitas vezes entravam em desentendimentos.

Para Umetani, que enfrentando nessa situação iminente da compra do terreno e do início da colonização, esses casos atrapalhavam, e seu afobamento era um caso além da imaginação.

É o seguinte o texto do discurso feito por ele, na manhã de 25 de outubro de 1928, no salão do Departamento Social do Ministério do Interior, perante os representantes das Cooperativas de Imigração das Províncias, com o qual, podemos avaliar nitidamente o sentimento dele.

DISCURSO DE RELATÓRIO DO DIRETOR GERENTE UMETANI

[Segundo a deliberação da Assembléia Diretorial convocada em outubro do ano passado, foi-me conferido os poderes de escolha, compra e conseqüente divisão do terreno para a construção de colônias das Cooperativas Imigratórias, constituídas entre 1927 e 1928, bem como viagem geral pelo Brasil, e a coleção de matérias referenciais necessárias para o planejamento da colonização.

Com essa função importante, parti o porto de Yokohama em 24 de outubro e após atravessar os Oceanos Índico e Atlântico, via África, cheguei ao Brasil em 10 de dezembro. Daí em diante, permaneci naquele país durante 8 meses, empenhando sempre em cumprir as minhas funções e enfim, no dia 11 de outubro passado, após um ano, acabei de regressar ao Japão.

Eu, antes de chegar ao Brasil, simplesmente acreditava que, assim que atingindo o Brasil, poderia definir o terreno, onde imediatamente estabeleceria os planos de colonização. Tudo resolveria na hora, bastava ver o local. Com o cálculo deste viajei. Talvez senhores também pensaram assim. No entanto, chegando lá, fiquei atônito por ter traído completamente a minha previsão, contanto que, por exemplo, mal podia identificar a localização do terreno, nem saber qual a qualidade desse, que isso me tornou muito perplexado.

Ao se relatar agora, quais climas para com Cooperativa Imigratória Japonesa que reinavam naquele país, no momento da minha chegada, eram oriundos de vários motivos, assim exemplificando, o fato de o presidente da Confederação era o próprio Ministro do Interior do Japão, o que dava certo cheiro burocrático em todos os sentidos, e para registrar isso, aqui no Brasil, temos de pensar muito, para não causar um motivo anti-nipônico, por serem os Estatutos da Cooperativa ou da Confederação continham caráter meramente nipônico.

Além do mais, havia atmosfera não auspiciosa contra a Cooperativa Imigratória, entre os japoneses residentes no Brasil. Então, daí vinha surgindo uma idéia da fundação de companhia de terras no local, e nela, fazem participar como diretores, aqueles patrícios residentes de lá. Mas, para isso, havia problemas, tais como: a constituição da firma sem definir o elemento principal ou não, a compra do terreno, vai ser em nome individual ou não, e mais as preocupações para quem dizia, de que, a fundação da cooperativa imigratória traria para a sociedade japonesa no Brasil, em certa desvantagem ou prejuízo e poderá acarretar aí, tratamento discriminatório ou injustiçado.

Havia também quem contrariava, dizendo que, a existência da cooperativa imigratória aqui, principalmente no Estado de São Paulo, prejudicaria os benefícios dos fazendeiros de café, uma vez que, eles lucravam através da utilização de mão-de-obra dos japoneses, contanto que, agora, se os trabalhadores fossem enviados por intermédio de cooperativas imigratórias, de certo, seria uma ameaça para eles, pela provável redução de vantagens. Destarte, como os fazendeiros são influentes, tanto politicamente, como socialmente, daí concluí que o plano de cooperativa, pelo menos, para o Estado de São Paulo, seria o fato não recomendável, a não ser outros Estados, como Minas Gerais ou Amazonas.

Assim, circulavam as opiniões contrárias para a introdução do sistema de cooperativa imigratória, nem a construção de grupo de colônias em grande escala, considerando a cooperativa como um todo, elemento maçador e caso impicante. Houve também várias discussões, em torno da questão de troca de entidade da Fazenda Aliança.

Por conseguinte, a atmosfera para com cooperativa imigratória que na ocasião reinava no Brasil, era tão severa que complicava extremamente a minha situação. Quanto a definição do terreno, ponderando as preocupações dos senhores membros das Cooperativas, e dos encarregados do Departamento Social do Ministério do Interior, que o levou-me em plena responsabilidade em soluçona-lo quanto antes possíveis. No entanto, na realidade, não houve progresso, como a gente quer, por motivos anteriormente expostos. Isso significa obviamente, por um lado, resultante da minha insuficiência, mas, por outro lado, peço-lhes as suas compreensões sobre as circunstâncias tão difíceis que eu enfrentei.

Quanto a escolha do terreno, primeiramente, adquiri os conhecimentos por prática, através das opiniões ou sugestões das pessoas do ramo, entre os patrícios residentes nas várias regiões, com os quais, ia definindo o local, por onde faria a melhor opção. Entretanto, fui para qualquer local onde havia trens ou automóveis. Andei também a cavalo e até de próprios pés. Para o local de candidato ou onde moram imigrantes japoneses observei com bastante atenção. Pelo resultado da viagem de inspeção, quando saiu a conclusão de que quais seriam melhores para a colonização, já era final de março do ano. Geralmente, o Estado de São Paulo, estava desbravado mais na zona litoral. Na linha Mogiana havia muitas fazendas de café e suas terras já eram geralmente exploradas. A região Noroeste estava em abertura daqui em diante. Mas a maior parte do Estado de Minas Gerais e a parte setentrional do Estado de Paraná, se mantinha ainda quase em estado natural. Por conseguinte, considerei apto para a formação de certa quantidade da colônia japonesa tinha de ser na região centro sul do país, que seriam Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais.

Com a tal meta, dentro de 16 terrenos, grandes e pequenos, escolhidos sobre o mapa na mesa, optei os 8 locais, considerados mais promissores para os quais, mandei pessoas experientes do ramo para averiguarem e estudarem, sobre os pontos vitais para a boa execução do plano de colonização, tais como: topografia, e clima do local, fertilidade do solo, condição sanitária, vias de comunicação, etc. Dentro destes, os que iniciaram as negociações foram os terrenos de Sales, Martins, Bastos, Franco de Melo e Tietê. Mas, o de Sales, não houve acordo no preço, e do Martins foi interrompido pela ambigüidade da escritura do terreno. A seguir, o de Bastos, com a área total de 12 mil alqueires, foi concluído o negócio, por preço de \$ 250.000,00 (

Duzentos e cinquenta mil reis) por alqueire. O último é o da margem do Rio Tietê, que me parece ter iniciado a sua negociação no fim de fevereiro, mas, como o terreno havia relacionado com problemas embaraçosos que, nas variadas circunstâncias traziam numerosas complicações que levou alguns meses para solucionar, razão porque o atraso do fechamento deste negócio, mal conseguido na véspera de minha partida para o Japão. Para o detalhe a esse respeito, além de tomar muito tempo, nada mais que um simples relato da minha dura experiência, com o que pouparei tudo.

O meu maior interesse pelo Tietê, provinha pela grande área do terreno, boa fertilidade do solo, razoável condição sanitária e facilidade nas vias de comunicação, com os quais, pelas circunstâncias da região, havia uma probabilidade de torna-lo em uma base da expansão dos japoneses. Quanto a via de transporte, no momento, não parecia suficiente, mas, o trem passa em frente do terreno, através do Rio Tietê, servida pelas quatro estações, que isso para mim, não considero uma insuficiência. Quanto a situação sanitária, ouvi dizer que, geralmente nas zonas ribeiras grassam as malárias, mas, isso é um fenômeno inevitável para o local de extensa mata natural nunca desbravada. Eu não penso assim tão horrível como gente fala, desde que, deixando intacto, ao longo do rio, uma faixa na largura de 4 ou 5 km, como área de reserva sanitária.

O terreno do Tietê é boa, tanto a sua topografia, como também em fertilidade. Seu título de propriedade também é autêntico. Reconhecendo de fato, a evidência da dificuldade de obter um terreno, dentro do Estado de São Paulo, como o do Tietê, imensa área de 46.700 alqueires numa só tacada, inteira com boa topografia e fértil e ainda fácil acesso a via de comunicação, achei-o caso inédito, jamais descartável. Com essa consciência, lutei com toda a força, superando toda a dificuldade e enfim, consegui adquiri-lo.

(Abreviado)

De modo assim, o terreno foi escolhido e adquirido, no entanto, o problema era a sua administração com que procedimento. Como já referi anteriormente, que haverá ou não da possibilidade de registrar os Estatutos Sociais da Confederação aqui no Brasil? Quem vai administrar esta colônia ou melhor, quem vai atuar como seu principal elemento ?

Pelo que vejo, segundo o regulamento da lei vigente do Japão, os Estatutos Sociais da Confederação, através de suas Cooperativas Provinciais tem de ser registrados no Brasil, que funciona como uma pessoa jurídica no estrangeiro, colocando aí, escritório de representação. No entanto, para essas coisas, é um fato que temos de pensar cautelosamente para não causar certo clima anti-nipônico ou por ponto de vista ética internacional. Também, o registro global dos Estatutos, inclusive

o aparecimento de nomes do Ministro do Estado e dos Governadores das Províncias no documento, não é aconselhável. Então como vai ser? Surge aí uma idéia de constituir companhia de terras, mas, isso também temos de pensar. Obviamente, a companhia de terras, deve ser de módulo sociedade anônima que, naturalmente visam os fins lucrativos, daí, a posição completamente diferente da concepção existente do atual cooperatismo. O mesmo acontece para as companhias comerciais ou sociedades de responsabilidade limitada. Não é conveniente aproveitar mecanismo que funciona sob a concepção heterogênea. Há opinião de que é necessário colocar como executivos na constituição da firma, uma porção de japoneses radicados no Brasil, mas, daí surge receio de que, possa a firma andar ou não, como a Confederação quer. Sobre esse assunto, nós também mutuamente estudamos.

Então, se falasse, qual seria melhor aqui no Brasil ? Há cooperativa agrícola, uma forma similar a atual cooperativa imigratória que acho apto, do ponto de vista do interesse público. Mas há pontos negativos também. Como havendo tendência de aumento cada vez mais do número de cooperados, tem de ajustar porção de funcionários, bem como realização de assembléia geral e relatório do balanço, que na realidade, esses, dão trabalhos para a gente.

Após alguma pesquisa, com o fito de achar sistema mais simples, chegamos a concluir em formar uma cooperativa por quota, regulamentada recentemente por lei brasileira. Ao analisar isso, entendemos o caráter cumulativo desta, que possui duas características ao mesmo tempo, tanto da companhia, como da cooperativa que pode ser organizada e representada somente por duas pessoas, como executivo e sócio ao mesmo tempo, não necessitando assembléia geral, nem o relatório do balanço anual, que realmente era uma simplicidade. Desta maneira, poderemos funcionar até com único sócio no Brasil, facilitando em todos os sentidos pela sua função e quanto a responsabilidade dos sócios é limitada apenas a máxima da importância do capital ora integralizado.

Então, para se conseguir isso, quais providências serão tomadas? Como relacionam para com as Cooperativas Provinciais?

Temos de tomar processos, para que todos os negócios pertencentes a Confederação ou das Cooperativas Provinciais, se executem na forma de incumbência a esta Cooperativa por Quota no Brasil. Assim, chegamos a conclusão de que, conseguir aquele primeiro objetivo, através de seu órgão substitutivo, sem registrar o atual Estatuto Social.

Com isso, a maioria das opiniões, tanto da Embaixada como do Consulado, bem como os patrícios residentes no Brasil, todos, apresentaram ares favoráveis.

Voltei ao Japão, carregando esta atmosfera, mas não sei se isso, adapte na

realidade da Confederação ou das Cooperativas, e também, desejo saber as opiniões dos cooperados em geral, que quanto a isso, acho bom ouvi-lo subseqüentemente. No entanto, cheguei aqui, com a conclusão de que, tinha de ser aquilo, em cosequência de várias pesquisas feitas lá no local, mas também obviamente não posso romper regulamento vigente.

Por si mesmo, tenho vontade de executar várias questões, mesmo fazendo modificação total dos regulamentos vigentes, mas, como isso é impossível em imediato, acho certo agora, andar o meu caminho a ser encontrado dentro da interpretação ampliada, baseada no texto da lei vigente. Quanto a isso, desejo ouvir distintas opiniões dos senhores e boas pesquisas a respeito.

A seguir o processo de colonização, também implicante em optar entre duas maneiras de dividir as terras, sendo uma, entregar a cada Cooperativa Provincial, uma gleba com a base de 2.000 alqueires, dividindo-a em 200 famílias pertencentes a uma Província, ou iniciando o ingresso das famílias, uma a uma, ordenadamente, sem pensar em distinção das Províncias, que este último, compõe a colonização mista, que forma o padrão unitário das famílias japonesas.

Segundo o regulamento vigente, a gleba de terras, pertence exclusivamente a cada Cooperativa Provincial que propriamente a administra. Pode ser chamado o caso, como exclusivismo. As suas características são:

- 1- Solidificação do espírito unificador dos provincianos.
- 2- Facilidade de manifestação, se houver alguma característica da região.
- 3- Facilidade de realização de qualquer auxílio ou assistência ao povo provinciano, por intermédio de seus influentes.

São estas, mas, esse exclusivismo, na verdade, ao se realizar seria um problema, razão porque, numa hipótese de 8 cooperativas por ano, e para elas, temos que dividir as terras e entrega-las adequadamente, introduzindo nela os cooperados, após tomar todas as providências das instalações necessárias para a colonização. Parece fácil, mas na realidade, há muitos embaraços. Se fosse no Japão, pode ser, mas no Brasil, devida pela sua vastidão e insuficiência nas vias de transporte. Nos locais a serem desbravados, normalmente cobertas de matas milenares, nenhum vestígio, sequer uma machadada. Nesses lugares, aprontar para as Cooperativas, na base de 8 glebas por ano ou 16 para 2 anos, inclusive aberturas de estradas e conseqüentes infra-estururas, nunca é caso de facilidade. Também há questões difíceis de dividir o terreno equitativamente, devido pela irregularidade da forma ou topologia do solo. Normalmente, a superfície do solo brasileiro apresenta uma onda moderada, mas dependendo das variadas circunstâncias surge casos complicadores

em dividi-la imparcialmente. Em qualquer hipótese, não é tão simples como se traçasse uma linha no papel. Outro problema é o ajuste dos administradores aptos para cada gleba das Províncias. Não são apropriados para os recém chegados do Japão, contanto que, nem para os japoneses residentes no Brasil, seria difícil juntar as 8 ou 16 pessoas de uma só vez.

Além da divisão e entrega de terras, há necessidade das instalações prioritárias. São indispensáveis os médicos, professores das escolas, escritório, serraria, olaria, casa de imigrantes e outras instalações públicas, além de ajeitar processos para vender as produções e adquirir os artigos de consumo de primeira necessidade.

Tudo isso, em maioria das vezes, exigia os trabalhos além das imaginações, que por via das dúvidas, numa hipótese de entrega da gleba a uma Cooperativa, e esta, seria capaz de colocar nela 200 famílias e vai cumprir suficientemente sua missão de colonização? Pode ser que este seja o meu simples receio, mas problema é que, as Cooperativas não são iguais. Haveria alguma bem capacitada, que conseguiria administrar habilmente sua colonização de 200 famílias, segundo a previsão, mas por outro lado, haveria também, muitas outras que encontrem grandes dificuldades variadas.

A completação total mais rápida possível da colônia no local é a chave do sucesso ou não, na execução do planejamento da colonização. Cada qual das Cooperativas, tendo suas terras nas mãos, mas, não conseguindo preencher o seu conteúdo, nem para fazer alguma coisa nela é um fracasso do empreendimento colonizador. Ao se tratar sobre o plano de colonização, acho importante termina-lo quanto antes, visando a máxima plenitude. Uma vez construídas as estradas e outras instalações públicas, terão de ser utilizadas pelo maior número de população, contanto que, o seu custo de obras não alteraria, mesmo para 30 como para 100 famílias. O dinheiro é para ser gasto, visando a sua máxima utilização possível. Não haveria coisa mais anti-econômica onde não há bom aproveitamento do objeto construído a custo, quer dizer que, seria um fato desditoso, formar uma colônia sem nenhuma plenitude, e conseqüente carência de qualquer vigor.

Outro assunto sobre o sistema exclusivista pelas Provinciais é o fato de os cooperados não poder usar o direito da livre escolha do terreno próprio, e nem para os japoneses que não pertencem às Cooperativas, poder comprar terreno no Brasil.. O assunto desvia-se, mas desejo enviar quanto antes os imigrantes, organizando as cooperativas em toda a parte do Japão. Acho o exclusivismo ter algum defeito, do ponto de vista expansão ultramarina dos japoneses, baseado no individualismo. Por conseguinte, é necessário consolidar a base sólida da colônia, aquela que é possível enviar tanto quanto fosse 30 ou 50 famílias, de acordo com a sua força e capacidade

que a Cooperativa possui.

Visitei as colônias da região noroeste e Iguape, onde presenciei aspectos atuais dos vários grupos, que vieram de variadas regiões, apresentando diferentes características; por exemplo, os provincianos de Nagano e Fukushima criavam bicho de seda, os de Nara, cultivavam o chá, e os okinawanos o arroz e a cana-de-açúcar. De modo que, se adotasse o sistema misto, tornaria mais fácil o proveito recíproco das suas características, harmonizando-se aí e proporcionaria mais benefícios para a coletividade.

Por outro lado, o exclusivismo cria um fato negativo de atrito distrital que isso, aqui no Brasil, terminantemente é inadmissível. Imagine, reunião só de japoneses já é alguma coisa, contanto que, cada provincianos juntando separadamente afim de enfatizar o seu regionalismo, seria o fato condenável. Poderão criar motivos para vários problemas, que as vezes, provocariam clima anti-nipônico. Não é para temer a questão anti-nipônica, mas é preferível ter máxima atenção sempre a esse respeito. Haverá várias origens a criar anti-nipônica no Brasil. Ou eugenicamente, ou racialmente, também por algum desentendimento por ser um povo imperialista, com tendência armamentista e agressiva, no entanto, um dos seus motivos há a persistência da sua tradição e costume que a faz crer outros, uma raça difícil de ser assimilada. De qualquer maneira, temos de refletir bastante para não introduzir tão forte ambiente nipônico. Ao meu ver, o plano de colonização devia ser feito com certa moderação, respeitando também o sentimento do povo brasileiro, que por outro lado, aconselhável restringir em mínimo possível, o aparecimento de cores nipônicas.

Desta maneira, do ponto de vista do sistema misto, temos de admitir até os imigrantes brasileiros no local, minimizando assim, o quanto possível o ambiente provincialista japonês. Pensando assim, chegamos a concluir que o fato de formar as glebas exclusivas para as Cooperativas Provinciais é um caso embaraçoso que temos de refletir bastante. No entanto, como vai resolver isso? No início, eu também, na medida do possível, andava no sentido de realiza-lo por sistema exclusionista, fazendo-os fraquejar mais a coloração provinciana, mas ao se realizar o fato, concebi que era um fato importante de refletir com bastante calma. Depois, sabendo a impossibilidade da modificação da lei de cooperativa, por vários motivos, reconheci a necessidade de trabalhar dentro da lei vigente, no sentido de aproveitá-la máxima, para pôr em prática na realidade. Somente ajusta lógica não resolve o caso, importante é que, como objetivar para chegar a última meta. Do ponto de vista disso, prefiro avançar em direção objetiva da execução.

Estes dois assuntos; sendo uma questão de elemento principal [(Órgão substitutivo) e outra questão de terreno(Exclusivista ou mista), são problemas

fundamentais para o planejamento da colonização, solicito aos senhores, boas examinações a respeito.] (O resto abreviado)

Assim, as compras das duas fazendas, de Tietê e de Bastos foram contratados, por enquanto, em nome individual de Umetani, mas, presentindo fortemente a necessidade da modificação em uma parte da organização da Confederação e outra no plano de empreendimento, ele voltou apressadamente ao Japão, onde esforçou com todo o enpenho, para convencer os interessados, mas, os ignorantes por completo, em assuntos ultramarinos, não chegaram a dar-lhe os consentimentos necessários.

Esta intenção do diretor Umetani, era uma opinião comum entre as pessoas informadas nos assuntos brasileiros e como na ocasião, até o Embaixador Akira Ariyoshi, o Cônsul Geral Sukeyuki Akamatsu e demais cidadãos interessados, também apoiavam fortemente a questão, finalmente, os membros da Confederação chegaram a entrar em acordo e foram aprovadas na 5-Assembléia Geral do dia 26 de dezembro do mesmo ano.

No ano seguinte, em janeiro de 1929, determinou a constituição da Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda., (Bratac) como órgão substitutivo da Confederação. Com o objetivo de fundar esta no Brasil, Umetani, em 12 de fevereiro, partiu precipitadamente de Tokyo para chegar em Berlim, atravessando a Sibéria, via Coréia e Mandchúria. Do porto de Bremen da Alemanha, partiu para o Brasil, e em 21 de março, desembarcou em Rio de Janeiro, daí após várias combinações com o Embaixador Ariyoshi, chegando-se em São Paulo, no dia 23.

Como estava marcado o dia de pagamento de terras para 31 de março, para Umetani que tinha compromisso de fundar a Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda., até esse prazo, estava colocado em extrema iminência. Restava apenas uma semana até o prazo, ainda mais, dentro disso, intercalado dois dias de feriados. Sob esta condição apertadíssima, com apenas 4 dias úteis, mal conseguiu registrar no dia 30, nascendo aí, finalmente a desejada Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda. De modo assim, devidamente foi efetuado o pagamento de terras, transferindo seu registro de propriedade, de nome individual de Umetani para a Bratac(nome abreviado), encerrando aqui, todos os processos requisitados.

Ao se fundar esta Bratac, ficou basicamente aprovado então, tal chamado "Sistema Misto" eliminando a divisão das terras segundo às Províncias, e a venda de lotes foram feitas através de Bratac, diretamente aos cooperados das Províncias.

O ingresso na Fazenda, é ordenado de acordo com a chegada dos imigrantes. Para as Cooperativas Provinciais, foram canceladas quotas de 200 famílias para cada Província e no lugar desse, ficaram de atender todos os candidatos residentes no Japão. Além disso, estabeleceu uma política, de acordo com as circunstâncias

brasileiras que, dependendo do caso, admitia até para os brasileiros e demais estrangeiros, além das introduções dos patrícios residentes no Brasil, juntamente com os que vieram diretamente do Japão.

Na ocasião da fundação da Bratac, foi confiado a esta, na forma de subestabelecimento, todos os negócios pertencentes a administração da Confederação e das Cooperativas Provinciais e também foi criado um órgão deliberativo, com o fim consultivo das questões importantes com a Bratac, mas na verdade, parecia isso só para manter a sua dignidade, terminou sem funcionar corretamente. Só que, para a função deste, mandaram às Fazendas, representantes chamados de "encarregados das Cooperativas pertencentes às Províncias", a fim de fiscalizar os negócios, mas, este sistema, criou a confusão e logo foi cancelado. Principalmente isso, parecia ter acontecido em Bastos, Yaoshichi Morota, encarregado da Província de Wakayama e Hirotohi Kotani, da Província de Hiroshima que, com o ar de fiscais plenos, iniciaram a interferir com os funcionários do escritório e até repetiam as críticas severas, tais que, colocando o gerente Hatanaka e o diretor Umetani, a uma situação constrangedora.

Entretanto, o diretor Umetani, iniciou a sua atividade, nomeando Shungoro Wako para a gerente da Fazenda Tietê e Senjiro Hatanaka para Bastos.

Por outro lado, na matriz da Confederação, mesmo o presidente Tatsuke, bem como o encarregado chefe Saito, empenhando nos serviços de recruta dos imigrantes, junto com as Cooperativas Provinciais, talvez, devido as suas inexperiências, era uma seqüência de erros e equívocos, provocando até certas divergências nos traçados iniciais, embora, os preparativos de admissão, estavam adiantados razoavelmente, graças aos trabalhos dos funcionários do local, mas o ingresso dos imigrantes não proporcionavam tão bem, que parecia encontrar aí, mais um obstáculo.

O SOFRIMENTO NA COMPRA DO TERRENO

Assim, por enquanto, foi adquirido a grande gleba de terras, em nome individual de Umetani, mas, como no discurso dele, feito depois da volta ao Japão, não refere o sofrimento sobre a compra do terreno, aqui, transcrevemos um trecho de "Ruten no Ato" (Rastro da Vicissitude), da obra de Shungoro Wako.

Dentre as 4 fazendas adquiridas a que mais deu trabalho ao diretor Umetani, foi a de Araçatuba, quer dizer, atual Fazenda Tietê. Este terreno, com a área total de 47 mil alqueires, situado à margem direita do Rio Tietê, próximo a desembocadura deste, onde existem duas cataratas, Itapura e Urubupungá. A sua topografia é boa e

solos férteis, com possibilidade no futuro não tão longe, se tornar uma região de grande promissor, por estar situado na proximidade de dois Estados, Mato Grosso e Goiás.

No dia 26 de janeiro de 1928, na ocasião, o diretor Umetani, no caminho da viagem de inspeção pela fronteira com a Bolívia, descobriu esta mata num relance, provocando-lhe uma vontade forte de adquiri-la. No entanto, o título de propriedade deste terreno, era uma confusa que havia até questão de litígio, em uma parte da sua propriedade. Era uma complicação que, seu título estava nas mãos de sete credores, incluindo³ e 2^ª hipotecas. Mesmo com visão de grande expectativa a este terreno, é obvio, para quem pensa no senso da sua responsabilidade, jamais aconselhável intrometer a tais negócios, no entanto, o diretor Umetani, resolveu adquiri-lo, a qualquer custo, pela vontade insistente e também, pela razão de não ter encontrado, por enquanto, outro terreno mais conveniente.

Este terreno, originalmente pertencia a Gavião Peixoto, último general da zona militar de Itapura, mas no decorrer do tempo, fizeram três transferências e na ocasião, era da propriedade de um brasileiro ainda vivo, chamado Jonas Alves de Melo. Entretanto, tal senhor Jonas, entrou em decadência, pela brusca queda do preço de boi, ocorrido após a Guerra Européia, e esta área de 47 mil alqueires, ficou nas mãos dos credores, a começar com o Banco do Brasil e outros, para a garantia de um crédito total de 7 mil contos de reis, incluindo juros.

Em 1924, pela primeira tentativa, foi aberto negócio deste terreno, entre um sindicato da Inglaterra, mas infelizmente, por motivo da ocorrência súbita de uma revolução brasileira, na véspera da conclusão deste negócio, foi cancelado. Mais adiante, o Banco Comercial e Industrial de São Paulo, representando os credores, iniciou a venda deste terreno, subdividindo-o, mas, este também fracassou, e daí em diante, estava na situação de abandono.

Para uma transação superficialmente não apresenta tanta dificuldade, mas na realidade, surge vários impedimentos ou complicações através das divergências dos interesses mútuos que leva o momento difícil de acertar. Assim sendo, a partir do diretor Umetani iniciou a verificação e conseqüente negociação com este terreno, até a conclusão do contrato de compra e venda passou por um percurso longo de 6 meses.

Relatamos aqui brevemente o seu amargo transcurso do fato, fazendo-o como uma referência na História da Fazenda.

Após o término de verificação sobre a topologia e fertilidade do solo, e quando entrou seriamente em negociações com o dono e possuidores de títulos de propriedade do terreno, surgiu a questão relacionada a sua procuração.

Originalmente, este terreno havia confiado a um terceiro influente, apoiados

por credores que combinaram a dar-lhe alguma remuneração, sob o título de intermédio do negócio a ser realizado. Portanto, era permissível que este corretor de imóveis, ter recusado com o diretor Umetani, para que entrasse diretamente em negociação com o proprietário e os credores do terreno.. No entanto, era óbvio, a existência de tal intermediário só prejudicaria no tocante a determinação do preço do terreno. A primeira tentativa que o diretor Umetani tomou através dos proprietários, era o cancelamento de procuração dos credores para com tal corretor de imóveis.

Feito isto, e quando entrou na fase direta de negociações, surgiu aí, uma reclamação a respeito da questão Htúgia embaraçosa. Era o fato de, na ocasião, persistia em uma parte da Fazenda Araçatuba, a causa judicial de inventário, que o autor estava pleiteando um acordo, mas, acusados, sendo credores poderosos, nem ligavam a corresponde-lo, que no momento, estava praticamente parado. Mas ao saber agora, que o capitalista Umetani do Japão, entrou em negociação da compra deste terreno, o autor, julgou que chegou a sua "Chance", e reiniciou secretamente a sua ação.

Um dia, o advogado do autor, fulano de tal, visitou o diretor Umetani e falou com tom ameaçador.

[Como o senhor sabe, no momento, este terreno está envolvido em processo judicial. Se o senhor deseja adiantar as negociações do terreno, queremos que o senhor aguardasse o momento da resolução deste processo. Caso contrário, na qualidade do autor, impediremos prontamente a entrada dos imigrantes a este terreno.]

Obviamente, o diretor Umetani já ciente desta questão judicial, relacionada a este terreno, dando-lhe, um ponta-pé de resposta.

[Estou ciente de que, a minha aquisição deste terreno, pode ser junto com a questão Htúgia. Portanto, peço a sua compreensão de que, a questão judicial será resolvido depois da minha compra do terreno.]

Na ocasião, o diretor Umetani também, não faltava pensar em limpar este assunto, se a quantia do acordo não fosse tão irracional, mas o que mais o preocupou era que, parecia que havia participação de algum japonês influente por trás disso, com o intuito de se beneficiar com alguma intenção. Por conseguinte, foi obrigado a tomar a atitude tão rígida, razão pela qual, doravante, a sociedade colonizadora em questão, irá funcionar ativamente neste país, no entanto, seria um fato abominável e até pena, se for incomodado desta maneira, por esses tipos de japoneses, em cada momento administrativo do empreendimento.

Por outro lado, em relação com a matriz da Confederação, que em circunstância tão apressadora, na compra do terreno, que jamais permitia perder o tempo em vão. O diretor Umetani, tentou com toda a força, no sentido de adiantar as negociações, junto com o proprietário e os credores.

Apesar disso, havia outro problema sobre preço na compra e venda do terreno, que não permitia facilmente o avanço das negociações. Era uma troca de talento da arte de compra e venda, que por um lado, quer vender um objeto ao máximo e por outro lado, compra-lo ao mínimo. Para o lado dos credores, não haveria nenhuma queixa, desde que recebesse de volta, o crédito integral de 7 mil contos de reis, no entanto, para o proprietário é compreensível que nesse caso, tornaria simples signatário, na transferência do título de propriedade, sem receber nenhum benefício, daí que surge duas alternativas que, ou exigir ao comprador, o preço um pouco além do que o débito total, ou cortar fora, uma parte do débito.

Sob essas condições, caso prosequisse negociações com base na montante da dívida, não traria nenhuma complicação, mas, o fato que fez sofrer o diretor Umetani, era a extrema pechincha do preço, ou melhor, mais barato possível, na compra do terreno. Por outro lado, para o proprietário e demais credores que eram os 7 banqueiros, estavam aflitos por não sair o negócio, sob receio de perder "Chance" inédita de vender tão imensa área de 47 mil alqueires nunca explorada. No entanto, desgraçadamente, entre os japoneses, houve quem fez uma denúncia que;

[Que o Umetani está em situação tal qual, não poder voltar ao Japão, sem adquirir este terreno.]

Daí, a posição dos credores, subitamente, mudou para a atitude dura. Em vista disso, o diretor Umetani deu uma parada nas negociações afim de aguardar a postura deles, publicando e irradiando o seu regresso para o Japão, bem como compra de respectiva passagem de navio para a volta.

Esta campanha drástica deu resultado. O lado dos credores assustou e o proprietário ficou desapontado, tal ponto de querer retirar-se de São Paulo, indignado pela atitude cobiçada e indecisa dos banqueiros.

Neste instante, quem apareceu na cena, era um cavalheiro chamado tal Araújo, já conhecido no círculo político, rica em espírito altruísta. Esta pessoa, era um amigo remoto do proprietário Jonas, que ao saber do fato, encorajou o sr. Jonas, visitou o diretor Umetani, junto com seu colega, dizendo:

[Que o senhor Jonas quer vender o terreno, e o senhor deseja compra-lo. No entanto, acho um absurdo, não poder concluir o negócio. Se porventura, sr. Jonas for recusar futuramente a venda deste terreno? Como é que farão os banqueiros? Único jeito seria recorrer a um leilão, que, logicamente o seu resultado sairia em uma miséria para os credores. Não posso garantir, mas, se o senhor permitir, estou disposto a trabalhar como mediador.]

[Estou decidido recentemente, a partir do Rio de Janeiro, de navio, mas, confesso ainda que possuo grande interesse pelo terreno. Só que, quanto ao preço do

terreno, conforme proposta já entregue a parte dos credores, está dentro do limite máximo do nosso orçamento, que não resta mais nenhum espaço para discutir. Se V. Sa. ciente disso, e ainda com sua boa vontade de ser bom intermediário, solicito-lhe a fineza de tomar providência urgente para não atrapalhar a minha partida.]

[Estou ciente. Conte comigo.]

Separaram assim, mas com este, criou um momento de transformação no aspecto das negociações tão difíceis, que duraram seis meses, e agora, tomaram novo rumo e enfim, obtive um resultado tão brilhante para o nosso lado, que concluíram a registrar uma compra e venda de \$ 4.200.000.000(Quatro mil e duzentos contos de reis) por 47.000(Quarenta e sete mil) alqueires do terreno.

O MÉRITO DE BRATAC

Conferindo aqui, a programação da venda de lotes nas duas Fazendas, Tietê e Bastos em 1929, esclarecemos que, a primeira, apesar da previsão da venda de 400 lotes, apenas ingressaram 36 famílias e a segunda, no lugar de 200, ingressaram 74 famílias. Mesmo chegando ao fim do segundo ano, em 1930, a Tietê contava apenas com 61 famílias, tão baixo nível, comparando com a de Bastos, que era de 200 famílias.

Assim, a de Tietê, apesar da previsão de 400 famílias, os 102 lotes derrubados e queimados, prontos em espera para serem ingressas, a sua maioria virou em capoeira.

O motivo deste insucesso da venda, havia além da insuficiência da propaganda por parte da Confederação, mas, o principal era de que, a Fazenda Tietê teve fama como foco de malária, não só domesticamente, mas também até no Japão. Portanto, houve o fato da recusa de ingresso na Fazenda Tietê, por alguma parte dos primeiros imigrantes. Extraímos aqui, uma parte do discurso taquígrafado do diretor Umetani, apresentado como 2- relatório ao Ministério do Interior do Japão.

-abreviação anterior-

[O próximo é referente a questão da recusa de ingresso na Fazenda Tietê, que as pessoas, insistiam terminantemente em não ingressar nela, preferindo a Bastos. Foram principalmente dos imigrantes da Província de Wakayama. Entretanto, depois da minha volta ao Japão, no fim de várias trocas de idéias sobre o envio de imigrantes para Fazendas Tietê e Bastos que, em vista de maior número de pretendentes para o Bastos, apesar do nosso plano de 400 famílias para a Tietê, estabelecemos um ajuste de efetua-lo em proporcional.

Opondo a este regulamento e para quem quer ir a Bastos, no lugar de

ingressar a Tietê só com sua livre vontade própria, para mim, seria um ato inadmissível, pelo menos, do ponto de vista da disciplina generalizada. Obviamente, haviam quem reclamassem a existência de mosquitos de malária, ou má condição da via de comunicação na Fazenda Tietê, mas essas questões, ao meu ver, jamais seriam preocupantes. Pois, a malária, dependendo do caso, poderá ser, mas como já tinham previstos nos locais adequados, várias instalações sanitárias que dispensam as preocupações desnecessárias. Portanto, deixei-lhes boas explicações e até sugeri que, ingresse logo, sem falar mais nada, que mesmo no momento, não traria nenhum incômodo a respeito. Mas isso foi difícil, não obtive consentimentos deles e enfim, quando eu estava com ferimento no pé, internado em um hospital de São Paulo, veio aí, por mando de um encarregado do assunto, (quer dizer, nem encarregado autêntico, talvez congênera) o incumbente Minoru Kawasaki acompanhado de alguns wakayamanos, alegando que, os wakayamanos não querem ingressar de modo algum, a Fazenda Tietê e repetiam ao mesmo tempo, o pedido de ingresso a Fazenda Bastos. Parecia-me na ocasião, seu Morota (funcionário de Bastos) também estava presente, falando sobre o assunto. De qualquer maneira, perante a chegada do seu Kawasaki e postura dos wakayamanos que exigia até a garantia de vida contra doença de malária, reiterei a explicar-lhes, a impossibilidade de assumir nenhuma responsabilidade pela vida dos imigrantes, mas sugeri a ter alguma paciência nisso e ingressar na Fazenda Tietê, sem ter tanto medo que no local, tenho certeza de que haver feito razoavelmente, os dispositivos sanitários.

Mesmo assim, ao saber da não concordância deles, falei com certa definição que [Tudo bem. Nós queremos que na medida do possível ingressar no local, mas também não podemos e nem queremos levá-los à força contra suas vontades. Está bem, aqui respeito as suas vontades, mas tem uma coisa, senhores podem não entrar na Fazenda Tietê, mas também não permito ingressar na Bastos, por discordar do ajuste geral, por simples caprichos individuais. Fiquem sabendo que, uma vez rejeitado agora por mim, não haverá possibilidade de readmissão para quaisquer Fazendas enquanto minha administração, mesmo após mais um ou dois anos, fazendo voltas das mudanças por outros locais. Portanto, reflitam bem, sobre a vantagem ou não de ingressar agora na Fazenda Tietê, se acham-na realmente ruim, não há jeito, mas por causa da ausência de médico, poderá solucionar com envio do médico de Aliança ou com outras alternativas. Quanto a falta de facilidade de comunicação, concordo uma parte, mas farei o possível para melhorá-lo. De qualquer maneira, faço sugestão para pensar bem nas circunstâncias e ingressem logo. Do contrário, não posso atender com seus argumentos, para mim manter ética e dignidade profissional perante outros concorrentes.]

No dia seguinte, seu Kawasaki chegou a falar que:

[Entendemos bem, e resolvemos ingressar na Fazenda Tietê, que rogamos as suas providências]

Terminamos assim, com final feliz, mas aquela Fazenda Tietê, no início, tão desgostada até que muitas pessoas recusava ingressar nela.. Hoje, em certo ponto, chegou a ser considerada até melhor que a de Bastos. Tanto a Fazenda Tietê, como a Bastos, cada qual possui seus pontos positivos e negativos, que não permite sua preferência em geral, mas havia quem veio falar-me "antes prefiro Fazenda Tietê, por melhor topografia, sem dar muita importância a malária ". (Estes provincianos de Wakayama que ingressaram em 1- de julho de 1929 foram 6 famílias seguintes ; Minoru Kawasaki, Shin-Ichi Tatejima, Chujiro Otake, Guinsuke Shintaku, Kikhoku Sakanaka e Kôtarô Sorati.)

Assim, a Fazenda Tietê, renome como foco de malária, no início, difícil até recrutar os trabalhadores para derrubar as matas, mas, em consequência de constantes esforços dos interessados, veio crescendo cada vez mais, e após dez anos, chegou a ser considerada uma das maiores fazendas, com cerca de mil e algumas centenas de famílias.

O mérito desse, devemos dizer que, atribui meramente, graças pelo empenho da Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda.

OS PIONEIROS DA FAZENDA TIETÊ

Aqui destacamos da "História de 10 anos da Fazenda Tietê"um trecho do aspecto das primeiras pessoas ingressas na Fazenda Tietê. No período entre setembro de 1928 a fevereiro do ano seguinte, fizeram ingressar as seguintes famílias para atual União(antiga seçãoA)que foram; Kaguetoshi Onari em 17 de novembro de 1929, Kiiti Takeuti em 20 de dezembro do mesmo ano, Gonroku Yoshimura e Kosuke Ishida em 28 de abril do ano seguinte, todos tinham ingressados na Fazenda Aliança de Shinano.

Por esta razão, no início, na ocasião do ingresso à Fazenda Tietê, para estas 4 pessoas, foram consideradas como japoneses residentes no Brasil, mas, posteriormente, pelas circunstâncias, foram tratadas como vindas diretas do Japão. As duas famílias, Yoshimura e Ishida, logo após a chegada do Japão ingressaram, assim que terminado o preparativo da Fazenda Tietê, mas dizem que, as duas outras famílias, Oonari e Takeuti, ficaram durante meio ano na Aliança, onde roçavam e plantavam arroz, milho e feijão, adquirindo aí, experiências como primeiro passo de

agricultor brasileiro. Daí resolveram vir a Fazenda Tietê, após fazer inspeção nela, pensando que, nessa altura, a opção fosse livre, tanto para a Tietê, como para a Bastos.

Agora perguntamos a esses pioneiros, o detalhe na ocasião do ingresso na Fazenda.

[Na época, desde o início de dezembro de 1928 até o fim de março do ano seguinte, chovia incessantemente que enchia o Rio Tietê, tal maneira que cobrindo o local da antiga balsa e em conseqüência, para travessia do rio, lembro, obrigava a fazer uma volta grande de canoa, único meio de transporte da época, que partindo do lado de Lussanvira a uns 4 quilômetros para cima, daí atravessa a corrente e descendo pelo outro lado, que afinal chegava num local que saía diretamente pela mata, em direção a atual olaria. Muitas vezes, foram vistas até as cobras nas margens do rio, enroladas nos galhos das árvores, numa altura de 3 metros. Por volta de março de 1929, quando fizemos última visita de observação de lotes, estava sendo feita a obra de alicerce da serraria, que seu Watanuki, antigo morador da seção Inhumá, carregava terras esforçadamente, junto com as pessoas da Fazenda Toyama que ele trouxe mas todos estavam embaraçadas com fortes chuvas.

Ingressamos em 1^o de junho de 1929, pousando por enquanto, na barraca improvisada por Bratac, começamos a construir primeiramente a casinha própria. Triste ser inexperiente, pois, levamos mais de um mês, só para roçar uma ninharia de meio alqueire e afinal, quando mudamos para casinha própria no lote, já era 17 de agosto do mesmo ano.

Na época, como não havia a serraria, compravam as tábuas serradas a mão, pagando até \$ 48.000,00 (quarenta e oito mil reis) a dúzia. As telhas "Barra Bonita" custavam \$ 550.000,00 (quinhentos e cinquenta mil reis) o milheiro. O que relativamente era barato as chapas de ferro galvanizadas que talvez houvesse muitas, quem utilizasse isso.

O exemplo era assim, imagine os outros, tudo era caro, no entanto, para se tornar um lavrador autêntico do Brasil, enfrentava indiscretamente qualquer dificuldade, esforçando ao máximo, em roçada de capoeiras e para formação do cafezal. Se na época, ajustasse os trabalhadores brasileiros, a roçada ficava em torno de \$300.000,00 o alqueire por empreita e exigia mais \$300.000,00 para arranjo de roça, após a queimada. A derrubada de mata cobrava \$550.000,00 o alqueire. Como todos ignorantes em preços, pagava sem fazer nenhuma objeção que, pensando agora, daria até uma raiva nisso. O que mais magoavam a gente, era a dificuldade em água potável e a chamada de médico da Aliança, por ocasião de cair em doença. O fato de os elevados preços dos objetos, compreensível por uma parte, devido à circunstâncias

do local, mas estas duas dificuldades, seriam impossíveis de esquecer.

A doença era ameba disentérica para as crianças. O primeiro que caiu nela, se não me engano, era um menino de 3 anos chamado Masaharu, 2º filho de Kusunoki Horifuji, provinciano de Wakayama. Parecia isso, foi no mês de julho, que na ocasião, como não tinha ainda cemitério, foi levado até a Aliança para sepulta-lo. Além disso, havia muita conjuntivite aguda. Não havia nenhuma casa sem ter um ou dois adultos ou crianças com seus olhos inflamados e vermelhos.

Relembrando aqueles sofrimentos indescritíveis, ou tamanhos de fracassos experimentados naqueles tempos, como um dos membros dos pioneiros da colonização, agora, acho que era, nada mais que simples objetos de rizos, ou uma lembrança não digo agradável, mas de certa sensação gloriosa.]

Por essas recordações, podemos espiar facilmente as circunstâncias da Fazenda da época.

Seguindo a estas 4 famílias, em 7 de junho do mesmo ano, Ichibeï Fujimura e Takeichi Koga, são os primeiros imigrantes diretos do Japão que ingressaram na Fazenda Tietê, com suas próprias indicações. Lamentavelmente, o senhor Fujimura, faleceu em 1^o de maio de 1938, por úlcera no estômago. Era uma pena verdadeira, perder a vida de apenas 57 anos, idade cheia de ambição, num período sem esperar a comemoração de 10 anos de fundação da Fazenda, apesar de ter sido trazido tantas expectativas e esperanças, como um dos membros da diretoria da Cooperativa e também por mérito de longo tempo no empenho para a política administrativa do local.

O senhor Koga, ensinou na escola primária japonesa da Seção A, por longo tempo e mais tarde, mudou-se para a cultura e administração própria do pomar e vive com plena saúde até hoje. Quanto ao mesmo senhor, sendo ele, o primeiro no ensino primário, merece ser tratado com menção especial, mas reservaremos isso para outra ocasião.

Em 1- de julho do mesmo ano, ingressaram na Fazenda 6 famílias da Cooperativa Provincial de Wakayama que são; Minoru Kawasaki, Shin-Ichi Tatejima, Chujiro Otake, Guisuke Shintaku, Kikhoku Sakanaka e Kôtarô Sorati e em seguida, no dia 3 do mesmo mês, também pela Cooperativa de Wakayama, ingressaram Hôsaku Shintaku, Kaichi Satô, Kihachiro Azuma, Gen-Ichi Nonaka e Nansho Horifuji. Da Cooperativa Provincial de Fukuoka, vieram Genkichi Iwashita e Koryo Nakagawa e da Cooperativa de Hiroshima, ingressaram Koichi Takemoto e outros (abreviada)

Assim, os pioneiros da primeira época lutavam pela exploração, superando todas as dificuldades, no entanto, apesar de todos os esforços da Confederação para a recruta dos imigrantes, o seu resultado do primeiro ano era de apenas 34 famílias em

números reais, dando grande diferença com o plano inicial da Confederação de 400 famílias, como já relatado anteriormente. Mas ao passar o tempo, o aspecto de imigração na Fazenda veio melhorando cada vez mais, e em 1934, ano do pico, atingiu num total de 181 famílias, sendo, 157, diretas do Japão e 24, residentes aqui no Brasil.

Posteriormente, no arquivo de 10^a ano da fundação, constava um total de 1.075 famílias ingressas até aquele ano, e o número de residentes na Fazenda da época, isto é excluídas das famílias já retiradas eram de 663 famílias com 4.224 pessoas.

A ÉPOCA E HACHISABURO HIRAO

No dia 26 de fevereiro de 1931, na ocasião da 8^a assembléia geral da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, demitiram-se o diretor presidente Tatsuke e o diretor gerente Umetani, por terem completadas as suas gestões e foram eleitos como seus sucessores, o empresário Hachisaburo Hirao para o cargo na superintendência e diretor presidente ao mesmo tempo, e Kunito Miyasaka para o diretor gerente.

Hirao era um dos grandes destacados do setor indústria e comércio da região ocidental do Japão, mas cresceu no meio da pobreza, tal ponto que foi obrigado a abandonar por três vezes o estudo, durante o curso ginásial, pela falta de recurso. Após o término do curso Técnico Comercial de Hitotsubashi, a começar pelo aduaneiro de Jinsen na Coréia, chegou-se a tornar diretor da Escola Comercial de Kobe. Posteriormente, ingressou no setor do comércio e indústria, demonstrando seus talentos nas administrações do Estaleiro Kawasaki e Companhia de Seguro Marítimo e Incêndio de Tokyo. Já abraçava grande interesse pelos empreendimentos da emigração além-mar.

Em maio de 1935, confiado pelo Ministro Koki Hirota, das Relações Exteriores, chegou ao Brasil, como chefe do grupo da Missão Econômica do Japão, onde atuou energicamente, entrevistando-se também com o presidente Vargas da época. Após o incidente de 26 de fevereiro (Sublevação dos oficiais militares do Japão, pleiteando a reestruturação política-administrativa da nação), ocorrido em 1936, eleja estava ingresso no gabinete ministerial de Hirota, como Ministro da Educação de caráter específico.

Kunito Miyasaka nasceu em Fumiide Toyoda, cidade de Suwa, no dia 15 de julho de 1889. Sem completar o ginásio de Suwa, transferiu para a Escola de Comércio

Keikwa de Tokyo e posteriormente terminou o curso Técnico Comercial de Kobe, sustentando a vida, como sendo um professor particular, hospedando na casa de Hirao. Durante este período, para Miyasaka que sempre sonhava pela pujança ao exterior, não era pequena, a influência pessoal percebida de Hirao.

Em 1913, ao terminar o curso Técnico Comercial de Kobe, ingressou à Companhia de Imigração Toyo Ltda. sob a apresentação de Hirao e viajou para o Peru. Na época, no meio da colônia japonesa em Peru, havia planejada a edição de um jornal japonês, que seria mais remoto da América do Sul. Entretanto, através das Companhias de Imigração Toyô e Morioka, Ministro da Legação Hioki, Cônsul Mori e Associação de Patrícios dos Japoneses foram angariados fundos para este fim, e finalmente, neste fim do ano chegou a ser editado a "Notícia Andes", resultado do esforço de dois meses de treinamento intenso aos 2 operários inexperientes, orientado por tal Tsushiro, tipógrafo especialista em composição, trazido especialmente do Japão.

O primeiro redator responsável deste jornal era o Miyasaka, funcionário da Companhia de Imigração Toyô Ltda. Depois disso, durante mais 6 anos, num período auge da imigração peruana, Miyasaka adquiriu uma experiência madura sobre empreendimento imigratória, consolidando na época, uma amizade indestrutível com Yoshiyuki Kato, que posteriormente tornou o parceiro dele.

Yoshiyuki Kato era um ano mais velho que Miyasaka, pois natural de Hikone na Província de Shiga, do ano de 1888. Desde criança sempre estudou trabalhando e depois de formar na Escola Técnica Comercial Ookura em 1909, ingressou na Companhia de Imigração Morioka e no ano seguinte, viajou para o Peru. Mais tarde, no tempo da Primeira Guerra Mundial, retirou-se da Companhia e administrou independentemente uma empresa comercial e exportadora, que em certa expansão, mas ao encontrar a crise econômica de pós-guerra, não soube sustentá-la, faliu e voltou ao Japão.

Em 1920, Miyasaka volta ao Japão e assume o cargo de chefe do departamento de pesquisa da Companhia Kaigai Kogyô S.A., fundada recentemente em 1922, foi mandado a Davao de Filipina e em 1931, começa a trabalhar como um dos diretores da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, sob a orientação do diretor presidente Hirao. Quando Miyasaka foi definido para ir ao Brasil, a primeira coisa que ele fez, era o convite imediato de Yoshiyuki Kato para ir junto consigo lá.

O próprio Kato, depois de regresso do Peru, estava trabalhando ativamente para filial de Mitsukoshi em Dairem e também para o Departamento Store Marubutsu em Kyoto. Mas no final de repetidas reflexões, resolveu ir ao Brasil junto com Miyasaka, aceitando o cargo de gerente. Em seguida, chegaram ao Brasil, o chefe da

Seção América do Sul do Ministério da Colonização, Kan-Ichi Takeda e seu funcionário Kanjiro Taguchi. Estas, depois de vários exames e pesquisas sobre a estrutura de Bratac, apresentaram aos interessados do assunto, os planos de melhorias e remodelações a respeito, que foram aprovados.

De acordo com estas novas diretrizes administrativas racionalizadas, foram vendidas os lotes e providenciadas para a colonização. Em consequência disso, facilitou também o recrutamento e a viagem dos associados do Japão para o Brasil. Por outro lado, no local também começou a intensificar-se o ingresso dos japoneses residentes no Brasil, e em pouco tempo, dentro daquelas 4 Fazendas, Bastos e Alianças, chegaram a ser consideradas quase completas.

O fato de Hirao em 1935, ter chegado ao Brasil como chefe do grupo de importante Missão Econômica, já havia sido relatado anteriormente, no entanto, na ocasião, tendo estudado profundamente sobre vários empreendimentos por ele dirigidos, pôs-se a concluir que, para a colonização, também parecia ter chegado a segunda etapa de desenvolvimento. Entretanto, tinha de reconhecer a necessidade de proporcionar uma nova atividade econômica, além do empreendimento colonizador.

Assim sendo, após a volta ao Japão, obteve um plano estudado por Miyasaka, baseado naquela intenção, do qual, depois de várias negociações com as partes interessadas, acabou sendo modificado o estatuto da Confederação, visando a fundação da Companhia Nichinam Sangyô S.A. O conteúdo deste plano, teve larga aceitação nos vários setores e enfim, um projeto de lei que concede a Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina se torne a uma organização de companhia, a fim de exercer qualquer empreendimento no Brasil, foi apresentado no 70º Congresso Imperial, que aprovado e foi publicado como Lei nº 43, do dia 2 de abril de 1937.

A Confederação, baseado nesta Lei, convocou em abril de 1938, uma assembléia extraordinária a fim de tratar todos os processos necessários e enfim, no dia 10 de julho, sob a assembléia constitucional foi fundada uma nova Companhia "Nichinam Sangyô S.A." com o capital inicial de 10 milhões de yens.

Com isso, todos os empreendimentos da Confederação no Brasil, foram transferidos para esta nova Companhia, mas, quanto a continuidade da imigração e colonização prosseguiu sem nenhuma alteração.

Entretanto, renovando a sua aparência, Bratac, ao mesmo tempo de exercer diretamente o serviço de colonização, que antes, era de principal ocupação da Confederação, agora, em cumprimento como órgão substitutivo da Companhia Nichinam Sangyô S.A., começou fundar uma série de empresas tais como; Casa Bancária Bratac, para setor financeiro, Casa Bratac Ltda. para comércio, Empresa Mineração Brasileira Ltda. para a mineração, Empresa Construtora Bratac Ltda. para

a engenharia, Algodoeira Bratac Ltda. para o algodão e Fiação de Seda Bratac Ltda. para a fiação.

Estas empresas subjuntivas, no período de 2^ª Guerra Mundial iniciada em 1941, passaram-se nas mãos dos liquidantes do governo brasileiro, que congelavam os capitais pertencentes aos súditos do "Eixo" (Japão, Alemanha e Itália) que enfim, aquelas que puderam sobreviver até a pós-guerra, eram apenas duas, do Banco América do Sul S.A e da Fiação de Seda Bratac Ltda..

Mesmo feita a remodelação para a Companhia Nichinam Sangyô S.A., não era permitido sair fora da meta da formação de agricultores independentes, mas, os aspectos da Fazenda já estava em fase de relativo progresso que requeria certa autonomia dos próprios colonos.

A partir de 1938, Bratac, na expectativa de adoção do sistema de autonomia em dois anos, colocou nas duas Fazendas, Bastos e Aliança, os escritórios preparativos para esse fim, e para Fazendas Tietê e Três Barras, como as duas, ainda incompletas, adotou o sistema de gerência autonômica, que a Tietê, a partir de abril de 1939, ficou confiado a um gerente, responsável pela administração por sistema de encargo, que assim, ia preparando gradativamente para a transferência em autonomia da colônia do local.

CRONOLOGIA SUCINTA DE MITSUSADA UMETANI

Em 2 de dezembro de 1880, na aldeia Kamiya, Vila Hata, Município de Yôfu, Província de Hyôgo, Mitusada nasceu como primogênito de 6 irmãos, sendo 3 homens e 3 mulheres, filhos de seus pais, Ihei e Koma Umetani.

Em 1891, com a idade de 10 anos, ingressa na escola primária elementar de Yûshû, situada no Bairro Takeda, Município de Assago.

1892- Transfere-se para a escola primária elementar e superior de Seibu, Município de Amada, Província de Kyoto.

1896- Ao terminar a escola acima, ingressa na 1^ª turma de Ginásio Toyoda, Província de Hyôgo, fundado na ocasião, onde foi educado sob o diretor Katsunojo Tanaka, com a rígida doutrina de respeito a sinceridade, a coragem, e a magnificência.

1901- Em março, com 20 anos de idade, conclui o curso, com o primeiro lugar de nota da classe. Em abril, apesar da contra-posição dos seus pais e parentes, parte sozinho para Tokyo, deixando uma comprida carta em casa. Inscreve ao exame de admissão do Colégio Daiichi, no qual foi admitido com excelente nota, onde chegou a disputar o estudo com os colegas Hideo Hatanaka e Shiguetoo Hozumi.

1904-Concluindo o Clégio Daiichi, ingressa no curso Direito Alemão, da Faculdade Direito da Universidade Imperial de Tokyo, mas ao saber da doença pulmonar durante o estudo, ficou muito atento aos cuidados com a saúde, que enfim, conquistou o caso, restaurando plena saúde que atingia a pesar 67,5 kg, apesar da sua altura menor que 151 cm, dando até uma impressão imponente, como se fosse outra pessoa.

1908- Ao mesmo tempo que forma na Faculdade, com os 28 anos consegue passar no concurso para oficial público superior, e foi admitido ao Ministério do Interior, começando a sua carreira no mundo burocrático, como um inspetor da polícia.

1910- Nomeado como chefe da polícia de Senju e de Manseibashi.

1911 - Nomeado como inspetor encarregado para a 8^ª Região e enfrenta à "Incidente de Arroz" e "Ataques Pelos Fogos", ocorridos no início da era Taishô em Tokyo, que ele tentou reprimi-los.

1913- Nomeado aos cargos cumulativos de chefes das seções de Educação e de Militar do Departamento de Templo da Província de Mie.

1914- Nomeado como chefe do Departamento Policial da Província de Iwate.

1916- Transferido para o chefe do Departamento Policial da Província de Tochigui. Quanto a sua idéia, desde o tempo de estudante, tendia, para Sohô Tokutomi, que exalta mais prestígios do Japão para o mundo inteiro, e ele, numa visão para toda a sua vida, a preferir como única missão, do empenho máximo em prol da expansão da etnia nipônica, que por acaso, surgiu-lhe uma "chance", por recomendação para a ilha Formosa.

1916- Nomeado concomitantemente, sob o governador Motojiro Akashi e diretor do Departamento Administrativo Civil, Hiroshi Shimanuma, como Encarregado Chefe Exclusivo do Presidente da Inspetoria Policial e Chefe da Seção Administrativa da Polícia Central do Departamento Civil do Governo Geral de Taiwan, encarregando a parte importante da administração policial da colônia do Japão.

1917- A partir de outubro, até julho de 1918, durante 8 meses, foi enviado para a ilha de Borneo Inglês, arquipélago Índico Oriental Holandês, Colônias Estreitas Ingleses, península de Malásia, Indochina Francesa, arquipélagos Filipinas e China Meridional, onde verificou e estudou os aspectos das Colônias.

1919- Tornou ao chefe da Repartição Taipe, após ter passado o cargo de Encarregado do Serviço de Chefe da Polícia Central do Departamento Administrativo Civil do Governo Taiwan, mas, aplicando a sua experiência de inspeção feita na região sul, planejou e pôs em início, a construção do magnífico Parque Nacional Sôzan, em subúrbio de Taipe.

1920- A partir de março até setembro, durante 6 meses, foi enviado para a

Coréia, Mandchúria, Chinas Setentrional, Central e Meridional, com o fito de inspeção, e mais adiante, de dezembro do mesmo ano, até abril de 1922, durante um ano e 4 meses, passou pelos países europeus e depois para a Argélia, a Tunísia, os Marrocos Egito e várias partes da Ásia Central, nos quais, observou e estudou as circunstâncias dos estrangeiros do pós 1ª Guerra Mundial, notadamente sobre os aspectos como colônias.

1922- Em maio, torna-se governador do Estado de Shinchiku, Taiwan.

1923- Em outubro, transferido para o Japão, assume o cargo de governador da Província de Yamanashi.

1924- Em junho, assume o cargo de governador da Província de Nagano.

1926- Em julho, na ocasião do fechamento de 3 delegacias e mais 14 postos de polícia, com o objetivo de pôr em ordem, o sistema de delegacia de polícia da Província, surgiu um grande conflito, provocado por algum milheiro de população, tendo como centro, aqueles bairros onde os postos policiais fechados, como Iwamura, Yashiro e Nakano, que exigiam a pronta restauração dos postos, invadindo a residência oficial do governador, agredindo-o. O caso é chamado "Incidente de Nagano", mas em agosto do mesmo ano, ele demitiu-se sem hesitar, assumindo a culpa pela responsabilidade da ocorrência. Daí em diante, depois que transferiu sua residência para Shibuya em Tokyo, no meio da ociosidade, ajudava ininterruptamente os empreendimentos imigratórios dos provincianos de Nagano para a América do Sul, que ele relacionou tanto, no seu tempo de governador. Assim, ele sempre mostrava grande interesse, pela expansão imigratória dos patrícios, no entanto, ao chegar o período de estagnação econômica do início da era Shôwa(1926 em diante) no Japão, veio incrementar rapidamente o interesse pelo empreendimento imigratório ultramarino, tanto nas burocracias ,como nos civis.

1927- Em agosto, foi recebido como diretor gerente da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, que para ele, chegou a época de provar a sua vocação, dedicando plenamente para o grandioso empreendimento, em prol da expansão étnica nipônica, desejo abraçado desde o remoto. A partir de outubro do mesmo ano, até outubro de 1928, durante um ano, esteve no Brasil, como sendo a 1ª viagem, com o objetivo da construção de colônias japonesas.

1929- a partir de fevereiro até junho de 1930, durante um ano e 4 meses, fez a 2- viagem ao Brasil, que durante esta estada, após a verificação própria pelo território do Brasil inteiro, escolheu como uma opção melhor, para a construção de colônias japonesas, a região de Fazendas Tietê, Aliança e Bastos, tendo seus centros em São Paulo. Depois, convencendo o governo japonês, superando mil dificuldades, conseguiu como representante do lado japonês, concluir o contrato de compra e venda de quase

100 mil alqueires de terras no local, que isso significava uma consolidação da base firme para o empreendimento colonizador dos japoneses no Brasil. Ao mesmo tempo, ele empenhou com toda a sua força, as vezes sem o descanso, esquecendo até comer, para a criação e desenvolvimento de cooperativas imigratórias no local. Além do mais, andou pesquisando várias partes da América do Sul, assim como, prevendo grande futuro em planejar a colonização paraguaia. Elaborou um projeto de compra de terras no mesmo país, da área de 172 mil alqueires, o qual foi levado aos conhecimentos do governo japonês e da Confederação das Cooperativas Imigratórias Ultramarinas. No entanto, apesar da sua insistência, o plano não foi aprovado.

1931- Em fevereiro, ao terminar o seu período de gestão, demite-se do cargo de diretor gerente daquela entidade imigratória, mas , surge aí, o incidente de Mandchúria, daí, pela nova importância da imigração para a Mandchúria, recebe convite do exército japonês.

1932- Em abril, tornou-se incumbente do Ministério da Guerra, depois de várias visitas de inspeção à Mandchúria, e na ocasião da vinda a Manchúria, do Vice Ministro de Guerra, Kuniaki Koiso que passou para o Chefe do Estado Maior do Exército Kantô-Gum, foi instaurado o Departamento de Função Especial do Exército Kantô-Gum, por dar maior importância em administrar a Mandchúria, a seguir, em novembro do mesmo ano, ele foi nomeado o primeiro diretor do Departamento da Imigração, dentro desta organização.

1935- Até o momento da demissão, na ocasião da abolição deste Departamento de Função Especial, em fevereiro de 1935, durante os 2 anos e 2 meses, orientou na realização de todos os planejamentos referentes a imigração japonesa na Mandchúria, assim como; depois da compra de 40 mil alqueires de terras, criou aí, um plano de introdução de um milhão de famílias no período de 30 anos, e enfim, confrontando com toda a dificuldade, conseguiu colocar uma parte disso, em trilho de caminho. Mais tarde, voltando a Tokyo, na ocasião em que estava em estudo, sobre o planejamento promocional de imigração, baseado na sua rica experiência e pesquisa e sempre em conexão com o governo ou exército, para a região sudeste da Ásia e Ilhas Oceânicas que seria o terceiro novo mundo, seguido de Mandchúria e Brasil, em prol da expansão da raça nipônica, foi apoderado pela doença de fígado, talvez, a causa disso, seja pelo acúmulo de trabalhos pesados e sofrimentos do tempo da Mandchúria. Embora, ele era um dos mais promissores no campo burocrático, mas já, anteriormente, perdeu sua "chance", impedido com o infeliz "Incidente de Nagano" , e agora, perdendo aqui, mais uma oportunidade pela provável indicação do cargo de Ministro de Colonização, a quem deixou tanto mérito, como pessoa número um no setor administrativo da colonização ultramarina do Japão. Contanto que, agora,

foi para sempre, sem poder corresponder às expectativas de seus conterrâneos, que seria um grande ressentimento para todos nós.

1936- No dia 27 de setembro, na sua residência própria, em Kami-Meguro 8-628, Bairro de Meguro, Tokyo, falece com a idade de 55 anos. Condecorado com o 2º Grau, 4ª Categoria de Shô. O seu nome póstuma foi enviado pelo templo matriz da seita Shingonshû é Shôtoku Inden Shintei Kôhō Daikoji, e suas cinzas ósseas estão sepultas na parte alta, do lado da casa paterna, na cidade de Yôhu, Município de Yôhu, Província de Hyôgo.

CRONOLOGIA SUCINTA DE SHUNGORO WAKO

Domicílio Original: Vila Azusagawa, Município de Minami Azumi, Província de Nagano, Japão.

1890- Em 28 de junho, nasceu como 3- filho do pai Iwakichi e da mãe Koto Wako.

1906- Interrompe o curso em 4- ano do Ginásio Matsumoto, viaja para os Estados Unidos, com o fito de estudar a literatura inglesa, no mesmo ano, recebe o batismo de Reverendo Ooyama, na igreja episcopal japonesa, na cidade de Vitória, Canadá. Estada de 7 anos nos Estados Unidos, trabalho geral, estudo e também como jornalista.

1913- Indignado com a lei anti-nipônica dos Estados Unidos, aprovada no Congresso, em dezembro de 1913, parte de navio inglês "Vassaly", com destino para o Brasil.

1916- Em agosto, fundou o jornal "Nippak", junto com Yassusaburo Kaneko.

1917- Foi admitido como redator chefe, pela solicitação do primeiro cônsul geral Matsumura, na ocasião da fundação do jornal "Brasil-Jihô", de caráter ligado intimamente à Companhia de Imigração.

1918- Em maio, deixando tudo como está, volta ao Japão, para a angariação dos imigrantes, onde permaneceu durante 8 meses, fazendo as propagandas.

1919- Em março, casou-se com Ritsue Assano, no porto de Nagasaki, donde partiu para o Brasil, como supervisor de transporte dos 1.000 imigrantes da Colônia Iguape e mais outros para as fazendas de café. Depois da chegada no Brasil, viajava pela região da linha Mogiana e outras, com o fito de pesquisar a situação educacional dos filhos patrícios residentes nas fazendas de café. Em conclusão desta, publica no jornal em comentário, alegando que, para a solução do problema da educação dos filhos, não haverá outra alternativa senão formarem quanto antes possíveis, as colônias

próprias, onde todos viveriam, livres e independentes.

1920- Demite-se do jornal "Brasil-Jihô" e entra na Colônia Iguape.

1921- Por acaso, conferencia-se com Shigueshi Nagata, presidente da Associação Rikkô, que estava em viagem a volta pelas Américas, no qual, atendendo à sugestão de Nagata, volta sozinho, novamente ao Japão, onde permaneceu por um ano, fazendo várias conferências sobre aspectos do Brasil e também empenhou junto com Nagata, na fundação de Associação Shinano Ultramarina.

1922- Ao fundar Associação Shinano Ultramarina em janeiro, assume o cargo de secretário exclusivo desta, e abriu o escritório da Associação, dentro da Seção Civil do Palácio do Governo da Província de Nagano. No mesmo ano, antes da vinda para o Brasil, apresenta ao governador da Província, Toshio Honma, um plano para a fundação da Fazenda Aliança. Depois da chegada ao Brasil, como chefe da filial desta Associação no Brasil, imediatamente entrou na Colônia Sete Barras, junto com a sua esposa, adquirindo aí, o terreno, como um dos membros da Colônia.

1923- Em 25 de abril, nasce o primeiro filho George, na Colônia Sete Barras. Ao receber a ordem-telegrama da Associação Shinano Ultramarina, muda-se para a cidade de Bauru, para facilitar mais na escolha do terreno para a colonização.

1924- Sai a edição do "Anuário Noroeste". Ao fundar a Fazenda Aliança, no dia 20 de novembro, foi nomeado como diretor exclusivo do local.

1925- No dia 20 de novembro, coincidindo com o 1- aniversário da fundação da Fazenda Aliança, nasce o 2- filho Akira, no escritório de Araçatuba.

1927- Fim deste ano, foi receber no Rio de Janeiro, a vinda do diretor gerente da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, o dr. Mitsusada Umetani(ex-governador da Prrovincia de Nagano). Pela solicitação deste diretor, resolve participar desta Confederação, assistindo aos assuntos de compra do terreno, da instituição da Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda. como uma pessoa jurídica, bem como planejamento básico para a criação da colônia em foco.

1928- Termina em agosto, a compra da Fazenda Tietê, e ao mesmo tempo, inicia a sua atividade exploradora desta, como responsável local, apesar da sua posição cumulativa de ser também diretor da Fazenda Aliança.

1930- Em janeiro, levando o plano de unificação e transferi-a sob administração de Bratac(plano de uniformização de 4 fazendas existentes na Fazenda Aliança, pertencentes às Províncias Shinano, Kumamoto, Tottori e Toyama), volta ao Japão, ficando lá durante um ano.

1931- Na ocasião da renúncia do diretor presidente, o dr. Tatsuke e do diretor gerente Umetani, acompanha-os, e demite-se. Após a chegada ao Brasil, mete-se seu empenho à administração da Fazenda Aliança.

1933- no dia 15 de fevereiro, nasce a primeira filha Massako, na residência própria de Aliança.

1934- Resolvendo vários problemas da Fazenda Aliança, fixa-se na Fazenda Tietê, tornando-se aí, um homem do campo.

Em 11 de outubro, nasce o 3- filho Mitsuaki, na própria casa da Fazenda Tietê.

1939- Em maio, edita 3.000 exemplares do "Patrícios Dentro da Jurisdição de Bauru". Boa repercussão.

1940- Na ocasião da comemoração de 2.600- anos da era imperial do Japão, volta à aquele país, ficando lá, por 8 meses. O principal objetivo desta, era a elaboração da "História de Expansão dos Japoneses no Brasil" como obra comemorativa deste evento. Foi escrito por ele, 2/3 parte desta obra que atigiu em dois volumes, e cujas materiais de consultas foram trazidos do Brasil. No mesmo ano, atendendo à recomendação do Ministério das Relações Exteriores e convite do governo do Mandchuquo, viaja para a Mandchúria, onde entrega aos soldados feridos ou enfermos, os "Imonbukuros"(encomendas contendo objetos e cartas a fim de consolá-los), confiados pelos japoneses do Brasil, como um dos representantes dos patrícios residentes no exterior. No caminho de volta de navio ao Japão, escreve a primeira parte do livro "Ruten No Ato", e edita-o no Japão.

1941- Iniciada a Guerra Nipo-Estados Unidos, e em fevereiro do ano seguinte, por suspeito de espionagem, foi preso na própria casa da Fazenda Tietê, para ser enviado na detenção de São Paulo, onde ficou carcerado durante 11 meses.

1948- Logo após a guerra, quando a Colônia Nikkei, ainda em estado caótico, foi iniciado um "Movimento Nissei" por iniciativa de membros influentes da Seção Filial da Associação "Rikkô", organizando primeiramente, a Associação dos Estudantes, no qual, foi delibelado o plano de construção do pensionato estudantil para os alunos do interior.

1949- Na ocasião da edição do livro "Parte de Além-Mar" da História de 50 anos da "Rikkôkai" do Japão, foi incumbido a redigir a parte de 3 56 páginas de assuntos pertinentes ao Brasil, dentro do total de 535 páginas.

1950- Em 20 de maio, o primeiro filho George casa-se com Sachiko Azuma.

1955- Em 16 de outubro, o segundo filho Akira casa-se com Satsuki Enomoto.

1961- Em 02 de julho, o terceiro filho Mitsuaki casa-se com Eiko Mikami.

1965- Em 07 de fevereiro, a filha Massako torna-se esposa de Ken-Ichi Kudô.

1965- Falece na sua própria casa, com a idade de 75 anos.

CRONOLOGIA DA FAZENDA TIETÊ

Em junho de 1928, foi apresentado a Bratac, um relatório de inspeção do terreno, com a intenção de formação da fazenda de colonização, elaborado por 2 pessoas, Tokuya Koseki, funcionário de Dôjinkai e Senjiro Hatanaka, encarregado do Departamento de Imigração do Consulado Geral em São Paulo.

Em 9 de agosto do mesmo ano, foi concluído o contrato da compra e venda do terreno, com o proprietário Jonas Alves de Melo, daí em diante, ficou sendo definido o dia da comemoração da fundação da Fazenda Tietê para este dia.

Em 16 de setembro, uma caravana, com o fito da abertura de estradas, chefiado por sr. Wako, acaba de verificar o trecho, entre a parte central da Fazenda e a antiga estação Lussanvira, via ponto de travessia do Rio Tietê.

No dia 25 do mesmo mês, inicia-se a operação da abertura desta estrada e em novembro, foi completada.

Em dezembro, inicia-se as aberturas de várias estradas, ligando o centro com as demais partes da Fazenda. Foi colocado escritório provisório de Bratac, em frente à antiga estação Lussanvira e também foram construídas serraria e olaria.

Março de 1929, embargo na travessia do Rio Tietê, devido a grande enchente, provocada pelo excesso de chuva desde fim do ano anterior.

Maior do mesmo ano, a balsa para travessia e as estradas internas foram completadas. Terminadas as derrubadas nos lotes previstos pelos colonizadores.

Entre dia 1- e dia 2 de junho, ingressam por via Aliança, as primeiras 4 famílias da Província de Hiroshima, Gonroku Yoshimura, Kiichi Takeuchi, Kagueki Oonari e Hirosuke Ishida. No mesmo mês, iniciaram as construções de escritório, departamento de compras da Bratac e morada do médico. Também iniciou a derrubada de mata de 63 alqueires, prevista para a parte urbana.

Em 6 de julho, ingresso de primeiro patricio residente no Brasil.

Em 20 de julho, falece pela ameba disentérica, o segundo filho de Kusunoki Horifuji, chamado Massaharu(3 anos), o qual foi sepultado no cemitério de Alianças.

2 de agosto, houve o primeiro nascimento.

11 de novembro, concluída com o Senador Rodolfo Miranda, o contrato de compra e venda da área de 500 alqueires, local previsto para a construção da ponte.

Dia 16 do mesmo mês, uma caravana de agrimensor de Monte Aprazível,

começou a agir em função da questão judicial, sobre antiga Fazenda Araçatuba.

Dia 8 de dezembro, foi instituída, uma cooperativa de consumo, denominada "Consumo da Seção A", com o capital em comum fornecido pelas 34 famílias recém ingressadas naquele tempo.

Dia 9 do mesmo mês, convidando Takeichi Koga, como professor, começou a dar aulas de japonês primária, na sala improvisada, numa parte da casa onde recolhiam imigrantes.

Dia 18 do mesmo mês, o farmacêutico Kenji Ootsubo, foi nomeado como chefe da farmácia. Antes disso, havia requerido ao governo do Estado de São Paulo, o subsídio para a construção da ponte, cujo projeto já modificado por engenheiro Kan-ichiro Kimura, residente na Fazenda Aliança.

Dia 3 de janeiro de 1930, a existente Associação dos Chefes da Família, com os seus 34 sócios, delibrou na assembléia, a alteração da sua denominação para "Associação Tietê", e houve também, a fundação de Associação dos Moços.

No dia 4, foi interrompido o tráfego de balsa, devido ao aumento excessivo de água do Rio Tietê.

No dia 13, houve a primeira visita do diretor gerente Mitsusada Umetani, de Bratac a esta Fazenda.

No dia 15, convocando todos os moradores da Fazenda, foi aberta uma conferência sobre educação, comunicação, infra-estruturas, derrubadas de matas e capoeiras, etc.

Dia 22, o administrador Shungoro Wako, parte em regresso ao Japão, e em seguida, a serraria entra em atividade.

A partir de 1- de fevereiro, o departamento de compra, muda seu sistema de venda a crédito para só à vista.

No meado deste mês, chegou o dr. Tadashi Chiba, médico em estudo no estrangeiro, mandado pelo Ministério das Relações Exteriores do Japão.

Dia 5 de março de 1930, foi determinado o dia de comemoração da Fazenda para 9 de agosto.

Na última dezena deste mês, foi enviado à matriz de Bratac, os 9 espécies de produtos agrícolas desta Fazenda, como sendo primeiros produtos a serem examinados.

Em abril, foi aberto o correio na Estação Lussanvira.

Nos dias 5 e 6 de maio, foi realizada na matriz de Bratac, uma conferência dos responsáveis da Fazenda, com o fito de discutir sobre várias questões administrativas da Fazenda.

Deste mesmo mês, ingressa Hachiro Honda, e constrói a olaria, que no final

de julho, começou a vender as telhas a \$ 180.000,00 (Cento oitenta mil reis) o milheiro.

No começo do mês de junho, iniciou a inspeção e a derrubação de matas no trecho entre Lussanvira e o local onde foi prevista a construção da ponte. Por outro lado, começa-se a construção da máquina de beneficiar arroz.

Dia 2 de agosto, chega os petrechos para "base-ball", doado por Bratac à Associação dos Moços e no dia 7, no pátio da escola central, foi realizado o primeiro jogo de base-ball, entre os membros do escritório de Bratac e dos colonizadores.

Dia 9 de agosto, foi realizada a primeira festa de aniversário da Fazenda e durante mais dois dias, foram apresentados vários divertimentos, perante muitos convidados, vindo de Alianças e de Araçatuba.

Dia 26 de setembro, iniciou a nova construção da Estação Lussanvira, no lugar daquela antiga de madeira, e no dia 9 de junho do ano seguinte, foi inaugurada e feita a mudança.

Dia 7 de outubro, arrebenta a revolução, no qual fracassa Washington Luiz e Getúlio Vargas conquista o poder político. Logo no início dia 8, os 16 soldados governistas vieram a ocupar a Estação Lussanvira, e a partir do dia 20, acresceram aí, mais 60, cavando até uma trincheira, mas nada chegou a ser considerado grave.

Em novembro, assim que feynido o terreno para o cemitério, foi requerido junto a Monte Aprazível, a licença do seu funcionamento, e a partir do dia 8 de abril do ano seguinte que começou a funcionar.

Em dezembro, foi aberta uma lavoura de cana-de-açúcar, anexa à 1ª usina de açúcar, situada na baixada do córrego Laranjada.

Em janeiro de 1931, entra em atividade, a máquina de beneficiar arroz.

Em 15 de janeiro, foi aberta a autêntica escola primária, depois de um ano que partiu daquela aula provisória, dirigida por professor Koga.

Ao entrar no mês de fevereiro, novamente a balsa interrompe o trânsito, causado pelo excesso d'água do Rio Tietê, que obrigava a usar canoas para a travessia e houve até o rompimento do tráfego por via férrea.

Em 11 de fevereiro, o governo promulgou a lei n- 19.688, que determina a compra pelo governo, o estoque excedente do café, e o imposto sobre novo plantio do pé de café, no sentido de restringir a produção deste gênero. Nessa época, foi determinado a chamar a sede da Fazenda, com o nome de Novo Oriente.

Dia 25, na nova eleição dos diretores da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina, foi escolhido Hachisaburo Hirao como diretor presidente e Kunito Miyasaka, como diretor gerente.

O sistema existente desde o início da colonização, do envio de encarregado especial pela Cooperativa Provincial pertencente a esta entidade, foi abolido a partir

de março deste ano, no sentido de unificar a administração global da Fazenda. Nessa época, foi aberta também, a escola primária na Seção B.

Nos meados de abril, foram postas em execução, os planos de venda dos lotes urbanos e os serviços de água e luz.

Dia 15 de maio, o diretor gerente Miyasaka chega ao Brasil, acompanhado de seu encarregado Yoshiyuki Kato, e no dia 25, fizeram primeira visita de inspeção à Fazenda Tietê.

A geada ocorrida nos 3 dias, 28,29 e 30 de junho, causou grande prejuízo à lavoura, tanto que foram obrigado a cortar todos os pés de café. A partir desta época é que começou introduzir ativamente à Fazenda, os patrícios residentes no Brasil, facilitando-lhes boas condições.

O transporte pela balsa, interrompida pela grande enchente do Rio Tietê, foi normalizado a partir de 14 de julho, restabelecendo a via de comunicação.

Foram inaugurados, a Escola Novo Oriente(grupo escolar) em 10 de agosto e em seguida, dia 30, o hospital, dando o aspecto elegante à cidade. Na última dezena deste mês, entra em atividade, a 1ª usina de açúcar.

No início de setembro, o administrador Wako demite-se e no lugar dele, o encarregado Yazaki assume o cargo cumulativo de gerente, e Kazuo Nakajima, como gerente interino. Neste mesmo mês, foi completada a ponte sobre o córrego Pederneira.

A obra de instalação da linha telefônica, entre o escritório da Fazenda e a Estação Lussanvira, iniciada no começo de dezembro por Tamotsu Kimoto, completou em 18 do mesmo mês. Tal como, o início da construção da fábrica de gelo, mudanças de farmácia e posto de medicamento para o novo hospital, etc, animava como ativos preparativos para a introdução de novos colonizadores, mas, pode ser que pela consequência da crise do Japão, o panorama da colonização deste ano era desanimador.

Meados de fevereiro de 1932, houve uma notícia sobre o plano decenal de restabelecimento, e em 25 do mesmo mês, foi definido formalmente, para ser aplicado da seguinte maneira; nova classificação dos lotes, abolindo sistema antigo por preço único dos lotes à venda, pagamento em 10 prestações anuais sem juros, empréstimo de capital a giro para produção, abolição de pagamentos adiantados dos lotes a serem vendidos aos japoneses residentes no Brasil, etc. Com essas medidas, a venda dos lotes tornou-se substancialmente ativa.

No início de abril, foi enviado pela Associação Tietê, uma doação de \$ 1.190.000,00 (Um conto cento noventa mil reis), para consolar os soldados expedicionários do " 1 - Incidente de Xangai".

No mesmo mês, o médico Chiba que dedicou durante 2 anos, retirou-se, e no lugar dele, substituiu o médico Katsuro Yagui.

Dia 16 de abril, firmado com Yoshinosuke Suguimoto, o contrato de arrendamento da serraria que há tempo, sem funcionar, e agora foi posto em atividade.

No dia 9 de junho, foi inaugurada a nova estação de Lussanvira, e ao mesmo tempo, foi posto o novo correio. Também foi nesse tempo que constituída a Federação de Associação Tietê, após dissolvida a antiga Associação Tietê.

Em 1- de julho, firmado com a Companhia Nacional de Construção, o contrato da empreitada da construção da ponte, após obter respectivo deferimento do projeto. No entanto, ao iniciar a obra no dia 15, devido a revolução, foi obrigado a entrar em suspensão temporária. A Revolução Constitucionalista irrompeu em 9 de junho, e já em 12 do mesmo mês, envolveu também a Fazenda Tietê, provocando sérias dificuldades pelas falta de mão-de-obra, de materiais, e de crédito financeiro.

A partir de meados de outubro, acalmou-se o conflito pela revolução e foram iniciadas as construções da fiação de seda, o moinho, a usina de açúcar e matadouro de porcos. Foi requerido também, a eletrificação da cidade. Nessa época, surge a "Questão da Derrubada", motivada pela confusão de pagamento de derrubada com os empreiteiros. Em consequência desta, o gerente interino Nakajima demite-se.

Em 1- de dezembro, Miyuki Saito, pôs-se ao cargo de gerente geral.

Dia 5 de janeiro de 1933, o escritório da Fazenda firmou com Tamotsu Kimoto, o contrato de empreitada dos serviços elétricos, que este, imediatamente pondo a obra em execução, conseguiu acender a luz no dia 23 do mesmo mês. No início, fornecia a energia às 27 casas, utilizando a força motora da serraria, acionando um dínamo de corrente contínua de 5 KW.

Em fevereiro, atendendo o pedido da Seção Barra Bonita, adotou o sistema de venda em consignação dos medicamentos domésticos, e posteriormente, esticando-o até às Seções Inhumá e Pederneiras, abrindo nelas, consultórios para fins sanitários e venda dos medicamentos, a fim de beneficiar a vida dos colonizadores

No início de março, o novo hotel construído, foi arrendado a Koichiro Kato que pôs em funcionamento. A partir do meado deste mês, iniciou a exploração da zona urbana de Bela Floresta. Dia 19 deste mês foi instituída a Federação de Associação dos Moços de Tietê, resultado da união de todas as Associações das Seções. Para seu 1- presidente foi escolhido Kazuharu Tsuchiya.

10 de abril, realizada a cerimônia de abertura da escola primária de Barra Bonita, e na Seção Inhumá, para a comodidade do local, foi modificada a casa onde recolhia imigrantes, para o filial do departamento de compras.

Em 23 de maio, a comitiva do Embaixador Hayashi, em viagem de inspeção da zona noroeste, chega a esta Fazenda, e houve sua recepção no dia 24.

Nos dias 21 e 22 de junho, houve geadas, causando consideráveis prejuízos

aos cafezais e canaviais.

Nos dias de aniversário da colonização em agosto, foram realizadas, exposição de produtos agrícolas e competição atlética.

No dia 2 de outubro, uma parte da Seção Pederneiras foi atacado por bando de gafanhotos, mas felizmente, o estrago foi mínimo.

Dia 5 de novembro, na escola da Seção Inhumá, foi realizada uma reunião preparativa, com o fito de instituir uma cooperativa agrícola que engloba a Fazenda inteira, independente daquela cooperativa de consumo existente. A denominação desta, seria de Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê, elegendo seus responsáveis.

Em 23 do mesmo mês, a segunda zona urbana, passou a ser chamada "vila de Bela Floresta", e a partir do dia 28, foi aberto o departamento de medicina, onde permaneceu o farmacêutico Ootsubo para atender aos assuntos medicamentais do local.

No dia 7 de dezembro, irrompe uma tragédia de suicídio coletivo de 4 pessoas, mãe e filhos, primeira vez, desde o início da colonização da Fazenda.

No meado de janeiro de 1934, o 2- escritório de Bratac, foi aberto em Bela Floresta, colocando em sua jurisdição, todas as partes ocidentais, a partir de 2 Seções, Barra Bonita e Julia Augusta. Ao mesmo tempo, os filiais do departamento de compras, começaram a funcionar, bem como a escola primária de Bela Floresta.

Dia 28 de agosto, realizada a assembléia geral constituinte da Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê.

Na primeira dezena de fevereiro, foi convocado para a primeira reunião dos chefes e encarregados da educação de todas as Seções da Fazenda, a fim de discutir sobre assuntos da educação, inclusive as medidas a serem tomadas, contra a política educacional do governo que restringe a adotar lições da língua estrangeira.

No início de março, foi realizada uma reunião a respeito da fusão de Cooperativa de Consumo da Seção A, com a Coopertativa Agrícola da Fazenda Tietê. Depois de várias negociações, finalmente, em 12 de maio, entraram em comum acordo de constituir formalmente, com o nome de Cooperativa de Utilização Responsabilidade Ltda. Esta é o antecessor da atual Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê.

No começo de abril, o Governo do Estado de São Paulo, ponderando a expansão demográfica do local, que na época, a existência já de 370 rurais e 164 famílias urbanas, adotou aí, o módulo de Sub-Prefeitura, com a instalação de um cartório, logo no mês seguinte, definindo assim, a circunscrição judiciária do local.

Dia 17 do mesmo mês, irrompeu um caso de triplo homicídio que estarreceu toda a região.

No dia 24 de abril, em comemoração ao dia de aniversário do imperador do

Japão, foi concedido ao departamento de medicina, uma quantia em dinheiro enviado pelo Governo Japonês.

No mês de maio, foi realizada a 1- reunião de "Gat", promovida por própria Bratac, que estava pleiteando um movimento chamado "Gat"(gozar a terra), no sentido de os colonizadores amarem e fixarem nas terras.

Dia 3 de julho, foi instalada a delegacia de polícia que há pouco, havia sido requerido.

No dia 7 de julho, houve as visitas do diretor Miyasaka e uma comitiva do Departamento da Estrada do Estado de São Paulo, composta de 3 5 pessoas, para a inspeção da obra de construção da ponte.

Nos dias 9 e 10 de agosto, em comemoração ao aniversário da fundação da Fazenda, foram realizados grande campeonatos de base-ball, regionais Noroeste e Sorocabana.

15 de setembro, foi realizado o campeonato atlético dos alunos de todas as escolas primárias da Fazenda Tietê.

Em 24 do mesmo mês, vieram para a inspeção da obra de ponte, o dr. Francisco Campos, diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, e o dr. Adalberto Neto, Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo. Na ocasião, fizeram também visitas ao interior da Fazenda.

3 de novembro, foi instituída a Associação Autônoma de Tietê, sucessor da Federação de Associação de Tietê, que após definir o Estatuto Social, elegeu o sr. Shungoro Wako, como seu primeiro presidente.

26 de novembro, saiu o primeiro jornal semanal de assunto agrícola "Noji Junpô".

Dia 2 de dezembro, foi inaugurada a Igreja Católica, assunto que vinha sendo planejado há tempo.No mesmo dia, houve grande competição oratória, na escola de Inhuma, promovida por União de Associação dos Moços de Tietê.

Dia 19 de janeiro de 1935, realizada a assembléia geral da Associação Autônoma de Tietê, onde foram discutidos sobre aperfeiçoamento do departamento médico.

Dia 14 de abril de 1935, falece o ex-proprietário da Fazenda, o sr. Jonas Alves de Melo. No dia 26, chega o Superintendente do Departamento de Cooperativa do Estado de São Paulo, afim de inspecionar o funcionamento da Cooperativa de Utilização, a quem solicitou a tomar providências necessárias sobre o registro da Cooperativa.

1- de maio, pelos agricultores residentes nos arredores da cidade, foi formada uma cooperativa que trata exclusivamente em vender os legumes e verduras. Também,

aberta nesse dia, a feira convencional.

12 de maio, após quase 1 ano e meio de confusão, finalmente, forma-se a Seção União, resultado da fusão de Seções A e B. No dia 8 deste mês, chegou o dr. professor Sentaro Takaoka, acompanhado de Tokuya Koseki, com o fito de verificar a malária, cuja estada prolongou até 15 de junho, motivado pelas minuciosas pesquisas e orientações medicamentais feitas a respeito.

26 de junho, inauguração da ponte Novo Oriente, festeja-se grandemente durante 3 dias, organizando uma comissão que tratava especialmente, dos assuntos de festejo.

21 de julho, realizado 2- Campeonato Pan-Lussanvira de Atletismo

29 de julho, chegaram o Bispo Thomas, da Igreja Episcopal Brasileira, pastores Yassoji Itô e Takeo Shimanuki, que fizeram palestras na escola central. Nessa época, inicia-se a abertura da 3- zona urbana de São José.

Agosto de 1935, inicia a venda de lotes urbanos de Bela Floresta.

21 de setembro, inauguração da escola na Seção União. Dia 22, grande concurso de oratória dos moços na escola central.

29 de setembro, na assembléia geral extraordinária da Cooperativa de Utilização, delibera a fusão com a Cooperativa de Consumo da Seção A, formando a Cooperativa Agrícola de Tietê Responsabilidade Ltda., e começa atuar positivamente, tais como; arrendando a máquina de beneficiar algodão e outros.

11 de outubro, encanamento d'água na zona urbana de Bela Floresta.

\- de novembro, obtendo bons resultados nos primeiros funcionamentos da máquina de beneficiar café, a Cooperativa arrenda-a junto com a máquina de beneficiar arroz, administrando-as.

11 de novembro, Assume o cargo de gerente da Fazenda, o sr. Tokuya Koseki. Dia 21, falece a senhora Renko Nakazima, que contribuiu grandemente para o bem desta Fazenda.

Início de dezembro, o médico dr. Yagui demite-se para voltar ao Japão. Sucede-lhe, o dr. Dali Ferraz, e para o bairro São José, o médico Koichiro Kakuda, e posteriormente, para o bairro de Bela Floresta, dra. Miyoko Shimura, completando assim, a postura de medicina.

Fim de dezembro, contrato de arrendamento com a Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê, de máquina de beneficiar algodão, deixando nela participar da Anderson Clayton Ltda. completando assim, a postura no setor de compra e financiamento do algodão. Houve inauguração da escola de São José.

Início de janeiro de 1936, uma nova visão no setor sanitário da Fazenda, pela abertura do Departamento Sanitário Provisório.

Meados de janeiro, sinal de febre amarela, mas, graças ao empenho dos funcionários sanitaristas enviados pelo Estado, não chegou a ser afetado pela epidemia.

20 de janeiro, na assembléia geral ordinária da Associação Autônômica de Tietê, foi modificado uma parte do Estatuto, visando a certa melhoria e aperfeiçoamento.

9 de fevereiro, na assembléia geral ordinária da Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê, foi discutido sobre os planos de melhoria, aumento de empreendimentos, etc. Na ocasião, contava com 348 sócios.

Início de março, formação de Associação da Indústria e do Comércio, reunindo comerciantes e industriais de todas as zonas urbanas, ajustando como conselheiro, o contador de Araçatuba Joaquim Divo.

24 de março, cerimônia de abertura da escola de São José.

12 de abril, 2- Campeonato Juvenil de Base-ball e 2- Concurso Oratório, patrocinado por União de Associação dos Moços.

Meados de abril, começa a reinar clima de ânimo na Fazenda, por início da compra de algodão pela Anderson Clayton & Cia.

5 de maio, início do funcionamento por Anderson Clayton & Cia, a máquina de beneficiar algodão, tão desejado pelos colonizadores, que obteve, bons resultados no período de experiência.

27 de maio, em comemoração do dia da marinha, os reformados da marinha imperial residente na Fazenda, organiza a Associação de Patos Domésticos.

13 e 14 de junho, 3^a Exposição de Produtos Agropecuária, com variados espécies de algodão, arroz em casca, feijão, café, milho, cana-de-açúcar e flores enriqueceram a Exposição.

27 de junho, inauguração da nova escola de Inhuma, bem como a reforma do seu pátio que havia tempo em obra. Neste dia, a equipe juvenil de base-ball da Fazenda Tietê obteve bela vitória no Campeonato Brasileiro de Base-Ball Juvenil, realizado em Biriguí.

Começo de julho, termina a reforma de Fiação da Seda e começa a funcionar.

19 de julho, 3² Campeonato Pan-Lussanvira de Atletismo, realizado em Aliança, no qual, a equipe da Fazenda Tietê, voltou vitorioso, como tri-campeão da época.

9 de agosto, no Campeonato Pan-Lussanvira de Sumo, realizado no festejo de aniversário da fundação desta Fazenda, a vitória caiu na mão da Seleção de Tietê.

22 de agosto, outra vitória da equipe Tietê, sobre a de Bastos, no Campeonato Base-Ball, realizado no pátio da Escola Central.

9 de setembro, no Campeonato Brasileiro de Base-Ball, realizado em São

Paulo, a equipe Tietê obteve excelente vitória e este fato triunfante trouxe à Fazenda Tietê, o período de ouro do esporte.

27 de setembro, falece o ex-diretor gerente da organização Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina.

Meados de outubro, chega o Inspetor da Secretaria de Educação de Araçatuba, afim de elevar a categoria da Escola Central para o Grupo Escolar.

19 de outubro, reunião deliberativa da Associação Autônômica, afim de discutir assuntos da educação da língua estrangeira e outras questões das colônias onde agrupam estrangeiros.

2 de novembro, cerimônia de consolo para os finados.

Fim de novembro, exames de fim do ano, para todas as escolas da Fazenda, sob a fiscalização do inspetor da educação, no qual, apenas 168 dos 668 alunos passaram.

Dezembro de 1936, organizada uma comissão estimuladora da língua portuguesa, distribuindo semanalmente, os panfletos prelecionados chamado "meu livro", contribuindo grandemente para a instrução da língua nacional.

Dezembro de 1936, no exame de parasita entre as 199 pessoas examinadas, havia 94 eram parasíticas. Na ocasião, existia na rural, 676 famílias num total de 4.409 pessoas.

Janeiro de 1937, o gerente interino Tokuya Koseki, torna-se gerente formal da Fazenda.

Fim de janeiro, alguma mudança nos diretores, na ocasião da assembléia geral ordinária da Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê. Realizada em todas as Seções, as palestras sobre a malária, pelo Departamento Sanitário.

6 de fevereiro, na assembléia dos representantes da Associação Autônômica, retirou-se o sr. Wako, presidente desde a sua fundação, e foi escolhido como sucessor, o sr. Hachiro Honda.

Início de abril, começando a safra de algodão, a Anderson & Cia começou ativar com a máquina de beneficiar algodão, arrendado diretamente de Bratac e a Cooperativa firmava um contrato de ajuntamento dos produtos para esta Cia, na base de comissão. Assim, na Fazenda inteira, podiam ver o aspecto animador, do percorrer dos caminhões repletos de algodão.

Meados de abril, planejado a construção da nova estrada boiadeira em direção a Lussanvira, via ponte Novo Oriente, no lugar da antiga estrada que atravessava em direção leste-oeste, margeando o Rio Tietê.

Maior de 1937, reina o ar de agitação na Fazenda, devido o grande número de vítimas, ocorridos no grupo da Província de Ehime, ingressados no fundo da Seção

Bela Floresta.

Fim de maio, visando o barateamento dos artigos escolares, forma-se uma cooperativa de consumo infantil.

De 11 a 13 de junho, realizada a Exposição Agro-Pecuária.

17 de junho, diário oficial comunica, a elevação da Escola Central para o Grupo Escolar.

De 19 a 20 de junho, no Campeonato Brasileiro de Base-Ball Júnior, realizado na Escola Central, a equipe Tietê obteve a vitória.

29 de junho, no Campeonato Pan-Tietê de Atletismo, realizado no pátio da escola de Bela Floresta, a equipe da Seção União saiu vitorioso.

10 de julho, foi fundado no Japão, Companhia Industrial Nichinam S.A., mas aqui no local, a Bratac prosegue sua administração, encarregando tudo.

18 de julho, no 4- Campeonato Atlético Pan-Lussanvira, realizado no pátio da Escola Central, a equipe Tietê foi derrotada pela primeira vez.

De 2 a 8 de agosto, para o curso de aprendizagem da técnica agrícola e o cultivo do espírito da moral cívica, patrocinada pela União de Associação dos Moços, assistiram uns 40 rapazes, obtendo significantes êxitos.

10 de agosto, grande festejo no dia de 9^o aniversário da fundação da Fazenda, juntamente com o IO² ano da fundação da Confederação das Cooperativas de Imigração Ultramarina.

Fim de agosto, autorizada a instalação do viveiro de semente de algodão, havia requerida há tempo, e também foi instalada na Seção Inhumá, o Campo Experimental de Pesquisa Algodoeiro, sob a consignação da Secretaria da Agricultura.

Início de setembro, instaladas pela Companhia Industrial Nichinam S.A, duas empresas, Casa Bratac e Casa Bancária Bratac, sendo a primeira, para o setor do comércio exterior, e a segunda, aqui na Fazenda Tietê, foi aberta como filial de Novo Oriente, nomeando cargo de inspetor desta bancária, o sr. Tokuya Koseki, gerente geral da Fazenda. É o antecessor do atual Banco América do Sul S.A.

17 de setembro, convocada uma reunião, a respeito da educação por Tadao Kuzuoka, chefe da Associação Difusora da Educação em Lins, onde foram feitas várias troca de idéias, sobre os assuntos educacionais da Fazenda.

Início de outubro, a nova estrada boiadeira foi completada e entregue ao Governo Estadual.

20 de outubro, a Coperativa Agrícola da Fazenda Tietê, aceitando a transferência do Departamento de Armagem da Bratac por consignação, que começa a funcionar.

Início de novembro, firmado o contrato de serviços pertinentes da compra

de algodão em caroço, entre a Cooperativa e a companhia Algodoeira do Sul Ltda., e a máquina de beneficiar algodão vai ser administrada pela Toyo Menka Kaisha Ltda.

Dezembro de 1937, cerimônia dos primeiros 13 formandos masculinos e femininos do Grupo Escolar.

Fim de dezembro, nasce o Clube de Haikai, abrangendo todos os haikaistas da Fazenda, sob a orientação do professor Nenpuku Sato, onde, mais de 20 haikaistas compunham os "Haikus".

16 de janeiro de 1938, organizada a Cooperativa de Pecuária, tendo como seu centro, mais de 100 suinocultores.

Fim de janeiro, tendo concluído as obras do Cemitério de São José foi autorizada a funcionar.

Início de fevereiro, na assembléia geral da Associação Autônômica de Tietê, foi eleito novamente como presidente, o sr. Shungoro Wako. Deliberação da edição de " 10 Anos da História da Fazenda Tietê" e participação a Federação de Associação dos Japoneses da Jurisdição Consular de Bauru.

12 de fevereiro, na excursão de pesquisa do Estado de Santa Catarina, promovida pela Comissão Propulsora do Movimento Gat, participaram Srs. Wako, Takeda e Suguitani. Foi neste mês que determinado a arrendar a máquina de beneficiar algodão a companhia Algodoeira do Sul Ltda., (componente do empreendimento da Toyo Menka Kaisha Ltda.) no Brasil.

Começo de março, vitória da questão judicial da Fazenda Araçatuba, após 10 anos de disputa.

19 de março, regresso da equipe da excursão do Estado de Santa Catarina e sob o patrocínio do escritório central, realiza-se a conferência sobre o assunto da excursão.

Abril de 1938, 4^o concurso oratória, promovida pela União de Associação dos Moços.

Maio de 1938, realizado o Campeonato Pan-Fazenda Tietê de Base-Ball.

Junho de 1938, Campeonato Pan-Fazenda Tietê de Atletismo.

De 2 a 10 de julho, durante este período, realizado o 2- curso de verão para os moços que foram participados também de Alianças. Na Seção União, abre-se uma escola especial para jovens acima de 14 anos, dando aulas uma vez por semana.

15 de julho, na assembléia deliberativa da Associação Autônômica, foi discutido objetivamente a construção do salão próprio da Associação Tietê, questão pendente desde há tempo.

8 e 9 de agosto, grande Campeonato Pan-Noroestino de Atletismo foi

descortinado no campo da Fazenda Tietê, no meio da frenética aclamação dos moços.

10 de agosto, após a solene cerimônia de comemoração do 10^a aniversário de abertura da Fazenda, foi realizado 6- Campeonato Juvenil de Atletismo, promovida pela filial da Associação Difusora de Educação. Todos esses eventos eram realmente apropriados para glorificar o 10- aniversário da fundação e na expectativa da chegada de um brilhante futuro da Fazenda Tietê.

30 de novembro, pela Lei n² 9.775, a Fazenda Tietê foi elevada para o Município de Pereira Barreto. Partiu daí, como uma das circunscrições judiciárias do Estado de São Paulo.

A BRATAC E A FAZENDA TIETÊ

Shinsuke Yuassa

Os passos da Fazenda Tietê, após a edição da "História de 10 Anos da Fazenda Tietê"(de 1928 a 1938), encontra-se uma certa ambigüidade, em decorrência do longo tempo e também por falta de referências cabíveis, por ter queimado durante a Guerra, a maioria dos documentos em língua japonesa, por ordem da delegacia de polícia da época. A seguir, é o meu simples relato, baseado principalmente à minha memória ou extraído dentro da referência escassa.

O período posterior da exploração(de fevereiro de 1939 a março de 1942), coube a parte posterior das gestões dos Gerente Koseki e Gerente Abe, período considerado que a administração da Fazenda vinha caminhando pelo trilho certo, em consequência do resultado positivo do movimento "GAT"(sentido de amar a terra), proferido em 1934, pela própria Bratac, com o fito de estimular a permanência de imigrantes no local, amando as terras.

Por outro lado, para os principiantes, café que foi plantado sob o regime de restrição deste plantio, tiveram de abandoná-lo, devido pela forte e consecutiva geada ocorrida, e o arroz em casca, de preço desfavorável, nem para pagar o custo de sacos e do transporte, desnortearam as pessoas por não encontrar um produto principal de meta para a subsistência.

No entanto, o algodão que foi plantado por japoneses já residentes no Brasil, ingressos nesta Fazenda, em 1932, colheram 578 arrobas e daí por diante, este se tornou principal produto da praça, por ter amplo mercado internacional, facilidade no setor de crédito financiamento, assim como, a obtenção do adiantamento da produção, trazendo aí, boas perspectivas comerciais em geral, e enfim, em 1941, atingiu o auge da produção de 544.959 arrobas, que isso, levou a denominar a Fazenda Tietê, como "Capital de Algodão".

Em 1937, ao findar a venda do último lote da Seção Dourado, terminou aqui, a venda total de 9.699 alqueires, conforme a escritura da Fazenda Urbupungá, de acordo com o plano inicial de exploração, o que veio provocando certa ociosidade no setor administrativo do escritório, fazendo com que, alguns funcionários transferissem para o Banco América do Sul, ou demitissem voluntariamente, afim de

procurar outro emprego. Desta maneira, na gestão do Gerente Abe, em 1941, o escritório estava funcionando apenas com alguns números de funcionários e seus serviços do dia a dia haviam reduzidos em tais espécies que são; cobranças de pagamentos dos lotes, resgate do empréstimo para hospital, recriação de vacas recebidas de pessoas ingressas em 1939, como pagamento da dívida dos lotes, formação de invernada da Fazenda São Joaquim de 500 alqueires, situada ao lado do Ponte Novo Oriente e a entrega da escritura definitiva dos lotes para os quitados.

Em março de 1942, foi congelado todos os bens pertencentes aos povos do "Eixo"(Japão, Alemanha e Itália), tais que, todos pertencentes a Bratac, foram postos sob a intervenção do Governo Federal, severa vigilância para os japoneses e seus empreendimentos e enfim, acabaram detendo na Delegacia Central de São Paulo, um grupo de pessoas destacadas na Fazenda Tietê, tais como; Shungoro Wako, Yamon Abe, gerente de Bratac, Yoji Yoshikawa, Presidente da Associação Autônoma dos Japoneses, Yoshio Todo, Vice Presidente da mesma entidade, e finalmente, depois de alguns dias disso, até mim, dando grande aflição às pessoas residentes na região.

Após a liberação da prisão em São Paulo, o sr. Abe ficou para trabalhar na matriz de Bratac em São Paulo, e eu, depois de 40 dias, pude voltar à Fazenda Tietê, onde prossegui o meu serviço. Mas como era vetado para a nacionalidade japonesa, trabalhar no ramo de agrimensura, o escritório ajustou um engenheiro agrônomo brasileiro, e eu sob a responsabilidade deste que continuei trabalhando.

Após poucos dias, chegou o sr. Araldo Ferreira, como inspetor para o escritório, mandado pela Delegacia de Polícia, mas, quando no cargo, pegou a malária e infelizmente faleceu.

Depois disso, o Liquidante, sr. Aloisio Marques, nomeado pelo Governo Federal para a Bratac, apareceu no Escritório, acompanhado do advogado conselheiro desta Fazenda e residente em Araçatuba, o dr. Waldemar, dizendo que[A Bratac foi determinada para ser liquidada pelo Governo Federal, tanto é que, a Fazenda Três Barras também, seus bens imóveis, todos foram liquidados após transferidos esses, em nome dos três, eu, Gerente Hikohei Shimba e o Advogado Conselheiro daquela Fazenda. Por conseguinte, farei o mesmo para Fazenda Tietê.] E os dois, fizeram-me até coação para participar nisso, mas eu, ponderando a minha imensa gratidão para com Bratac, me deixando trabalhar durante longo tempo, sob a gerência dos senhores Miyasaka e Kato, jamais poderia traí-los e recusei-o claramente, sugerindo-lhes, que fizesse isso, só com as duas pessoas. Não sei se por causa disso, posteriormente, o fato de todos os bens imóveis da Fazenda Tietê, depois da liberação do congelamento de bens, devolvidos intactamente nas mãos de duas pessoas Miyasaka e Kato, seria para mim, uma felicidade.

Ao decorrer de algum tempo, o sr. Izaltino Botelho, nomeado como administrador local da Fazenda Tietê, pelo sr. Aloísio Marques, tomou posse no cargo, e um dia chamou-me dizendo.

[Dou-te umas férias, contanto que, quero que tú medes uma área de 1000 alqueires do meu tio, situada neste Município]

Fiquei constrangido, mas fui obrigado a cumprir.

Um dia, numa discussão sobre assunto de promiscuidade entre pública e privada, em que, o sr. Izaltino insultou o caixa Tomizawa, usando até palavras ofensivas de "Raça Amarela". Ao ouvir isso, indignado, eu na hora, protestei fortemente, exigindo-lhe a imediata revogação das palavras insultivas.

Isso, talvez para ele, fosse um ressentimento, e com a intenção de me dispensar o cargo, denunciou o fato ao delegado de polícia, sob a acusação de desobediência ao superior.

O delegado, ao mesmo tempo que ordenou-me um mês de detenção domiciliar, autuou e remeteu-o a Tribunal da Segurança Nacional, existente somente no período da guerra em Rio de Janeiro, e foi aí demandado. Daí, o processo voltou para Fórum de Pereira Barreto, na forma consignatória do Tribunal da Segurança Nacional, onde foi feito julgamento sobre a mim, e seus documentos foram enviados novamente ao Tribunal do Rio de Janeiro. Para o novo julgamento deste Tribunal, ajustei um advogado residente naquela cidade, e finalmente, o caso foi absolvido.

Depois da demissão do sr. Izaltino, o sr. Floriano Lopes seguiu o cargo, mas este senhor, um módulo meramente cavaleiro, quase inexistência de mistura entre público e privado, cumpriu honestamente sua missão até o dia 15 de julho de 1951, data em que, a Bratac foi liberada da intervenção do Governo Federal. Mas nesse tempo de guerra, durante o período de 9 anos e 4 meses, não havia permissão para os nikkeis trabalharem nos serviços externos de Bratac, admitindo exclusivamente para os internos do escritório tais como; caixa, serviços diversos, cobrança de débitos referente aos pagamentos dos lotes ou do hospital, sempre em cumprimento fiel da ordem da delegacia de polícia que era de não falar o japonês o máximo possível.

Logo que liberada a intervenção do Governo Federal, recebi da matriz de São Paulo, uma ordem de venda da área de 70 alqueires, situada na Seção Barra Bonita, afim de destinar este recurso, para a compra de um terreno para fim de loteamento urbano, localizado na Estação 15 de Novembro da Linha Central do Brasil. Cumprida a ordem, mas na véspera do contrato, foi descoberto o problema no terreno, e o negócio foi interrompido.

Os principais serviços do escritório, depois da liberação da intervenção administrativa, além da entrega de escritura de lotes para os quitados, eram a formação

e administração da invernada da Fazenda São Joaquim de 500 alqueires e a administração do Pasto Central(50 alqueires), localizado ao lado da cidade de Pereira Barreto, criando nestes dois pastos, os bois de engorda, e ao mesmo tempo, vender aos interessados, as vacas selecionadas ou touros reprodutores.

Em 1954, foi construído o prédio de 464 metros quadrados na esquina da Avenida Brasil e Rua Ciro Maia, em Pereira Barreto, cuja parte da esquina foi arrendada ao filial de Banco América do Sul S.A., ponta da parte da Rua Ciro Maia foi destinada ao próprio escritório de Bratac, e as demais partes foram arrendadas a Coletoria Estadual e as casas de comércio. No fundo deste prédio, foram construídas duas sobradadas para moradia.

No dia 15 de novembro do mesmo ano, na cerimônia da inauguração estilo católico, compareceram os diretores de Bratac, srs. Yoshiyuki Kato e Yamon Abe, que vieram de São Paulo, realizando-se uma festa de churrasco no Pasto Central.

Em setembro de 1957, uma área de 20 alqueires, parte do Pasto Central, foi dividido em pequenas partes, e para ser vendido a formar uma vila da criação de galinhas, segundo planejamento feito pela Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê.

Finalmente, no dia 31 de março de 1960, a Bratac encerrou o seu escritório da Fazenda Tietê, e em 1^o de abril do mesmo ano, conseguiu transferir ao seu sucessor, Jamic Imigração e Colonização Ltda., todos os bens pertencentes que constavam de um prédio urbano, 2 residências urbanas, mais ou menos 50 alqueires do Pasto Central e suas benfeitorias, Invernada São Joaquim de 500 alqueires e suas benfeitorias, uma caminhonete, mais de 10 cabeças de cavalos de montaria e mais de 3.000 gados de criação.

A RELAÇÃO ENTRE A BRATAC E A COOPERATIVA

Bratac, desde a implantação da Fazenda Tietê, veio sempre pleiteando a introdução do sistema cooperativismo na Fazenda, para o bem de todos e também, atuasse como sucessor no campo de produção, utilizando todas as instalações produtivas existentes no local.

Em 12 de maio de 1934, por sugestão e intermédio de própria Bratac, foi fundada a Cooperativa Agrícola da Fazenda Tietê, reunindo todos os colonizadores da Fazenda, visando o benefício e melhoria da vida dos associados, que desta vez, pela própria iniciativa de Bratac, foram transferidas todas as instalações produtivas da Fazenda para a Cooperativa.

Com o tempo, a Cooperativa ia progredindo cada vez mais, prestando

inúmeros proveitos aos cooperados, assim como; atuar apropriadamente, de acordo com as circunstâncias do mercado, nas boas perspectivas do algodão, tratava de abrir o caminho de crédito e financiamento para os cooperados, em colaboração com o Departamento Bancária Bratac, ao ver o incremento da criação de bicho da seda, construía e administrava a casa de semente de bicho da seda e também secador de casulos. Para a avicultura, criava especialmente reprodutores e instalou a seção pecuária.

De tal maneira, a existência da Cooperativa, contribuiu em grande escala para o benefício e proveito dos associados. Se a Bratac for o pai de criação da Fazenda Tietê, a Cooperativa coincide como a mãe para crescimento da Fazenda.

Segundo o presidente da entidade, atualmente (1988) a Cooperativa é composta de 361 cooperados, dentro destes, o maior proprietário de terras, possui cerca de 7.000 alqueires e menor é de um quarto de alqueire. A amplitude da atividade produtora é grande, que atinge até o sul do Estado de Mato Grosso. Mais de 10 pessoas possuem mais de 100 alqueires de terras, onde plantam milho, arroz, sorgo, cana-de-açúcar, algodão e soja. As plantações permanentes são as laranjeiras e seringueiras.

Quanto a avicultura, conta com 350 mil aves.

A proporção em porcentagem da produção dos cooperados são; criação de gado(engorda dos bois) 75%, criação de vaca leiteira 5%, avicultura 5% e outros 15%. O número de tratores dos cooperados são de 500 aproximadamente, os automóveis e caminhões também contam com 500 carros. Geralmente vivem de agricultura mecanizada, com base econômica em criação de gado.

A Cooperativa possui uma estrutura em todos os sentidos, de auxílio à atividade produtiva dos cooperados, contribuindo ao máximo para o proveito dos cooperados.

SOBRE FIAÇÃO DE SEDA BRATAC

Em janeiro de 1931, com o intuito de incentivar a criação de bicho da seda, a Bratac encomendou ao Instituto de Pesquisa Agrícola de Barbacena do Estado de Minas Gerais, o envio da muda de amoreira, que em 1932, a Bratac arrendou um terreno para os criadores de bicho da seda, e enviou ao matriz de São Paulo, amostras de casulos produzidos na Fazenda Tietê. Em outubro do mesmo ano, iniciou a construção da fábrica de fiação da seda, e em novembro, importou a semente de bicho da seda. Assim, os preparativos estavam em bom andamento, mas como a Fazenda Tietê, relativamente de solos férteis, aptos para o plantio de algodão, produto

fácil na obtenção de financiamentos, ao invés da criação de bicho da seda, que além das instalações necessárias, exigiam mão de obras mais sofisticadas e haviam ainda risco de perder tudo, se porventura, surgisse epidemias terríveis na véspera da formação de casulos.

Assim, para os japoneses da época, que tinham tendências especulativas, preferiam o algodão e não aumentavam os criadores de bicho da seda.

Segundo o arquivo, 82% de 135 toneladas de casulos, comprados no período entre abril de 1937 a março de 1938, pela Fiação de Seda Bratac, eram produção da região de Birigüí.

Durante a 2- Guerra Mundial, parou a importação de seda, e em consequência, pela alta do preço, a Fiação operou em plena atividade, mas depois da Guerra, pela introdução da seda de baixo custo estrangeiro, a fiação nacional aniquilada e a maioria das fábricas são fechadas ou desmontadas.

No auge da produção, durante a Guerra, além da de Bratac havia mais 5 fiações particulares, 2 casas de sementes, uma de Bratac, outra de Cooperativa, e os 3 secadores de casulos, um de Bratac, outro de Cooperativa e o último era de propriedade comum da Cooperativa e de algum criador de bicho da seda, mas todos agora fecharam e foram dissolvidos.

Atualmente, na Fazenda Tietê, não existe nenhum criador de bicho da seda.

A IMPRESSÃO SOBRE EMPREENDIMENTO DE BRATAC

A Fazenda Tietê, situada a 120 quilômetros da cidade de Araçatuba, local remoto, carente de vias de comunicações, e como a sua localização na margem do Rio Tietê, estavam consideradas pelas pessoas, como um lugar de medo.

Mas , neste mato diabólico, metendo primeiras machadadas, superando inúmeros dificuldades e aprontar de modo hábil, todas as instalações necessárias para a colonização, sem prejudicar o plano inicial estabelecido, seria uma obra admirável que merece ser louvado.

O fato da consecução da colonização da Fazenda Urubupungá de 9.699 alqueires, em menos de 10 anos, só foi possível, graças ao desempenho consciente da Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda., através do apoio do governo do Japão. Não posso negar que, havia algum desperdício, mas, se fosse privado, talvez, teria sido falido logo no início da colonização.

Acho, do ponto de vista ampla, que o empreendimento foi um sucesso absoluto, razão porque a Fazenda Tietê, atualmente é a sede do Município de Pereira

Barreto, com uma população de 48.000 habitantes. A população da cidade de Pereira Barreto é de 22.000 pessoas. As famílias nikkeis são seguintes:

1.988

Distribuição Total da Família	Comércio	Aposentado	Func.CESP	Agric
Cidade	290	260	15	- 15
Arred. da cidade	65	-	-	- 65
Ilha Solteira	110	10	-	100
Outros no Munic.	80	15	-	- 65
Total	545	285	15	100 145

Observação:

Os números estimados são fornecidos pelo sr. Moriyuki Komatsu, morador antigo desde 1934, dono de um posto de gasolina, pecualista e agricultor, Presidente da Federação de Associação dos Japoneses da Fazenda Tietê, que acho, suas palavras merecem ser acreditadas.

Assim, seria um caso tão confiante, por ter tantas famílias nikkeis, atuando em torno da cidade de Pereira Barreto. Isso tudo, certamente, partiu da base consolidada por aquelas famílias que ingressaram primeiramente na Fazenda Tietê.

Partindo da Vila de Novo Oriente, iam explorando seus arredores. O fato da inauguração da ponte Novo Oriente e a abertura da estrada estadual que liga a Estação Lussanvira e a Estação Porto Taboada, ponto final da Linha Araraquarense, evidenciou claramente, o mérito incalculável em apressar o progresso, no mínimo, por mais de 10 anos para a região remota, contribuindo aí, no setor de transporte, facilitando o escoamento dos produtos em tráfico comercial, entre as regiões interiorana paulista e dos Estados de Minas Gerais e Goiás.

Também, estamos a par de tudo, que a cidade de Pereira Barreto, prestou como "Bed Town" (cidade dormitório) dos funcionários da obra da construção da Represa de Ilha Solteira, que em todos os sentidos, facilitaram grandemente o andamento da obra.

Quanto ao número das famílias nikkeis residentes na Fazenda, não existe estatísticos. Dizem que, o maior número era de mil e algumas centenas de famílias no passado, e na "História de 10 Anos da Fazenda Tietê, consta 1.073 famílias em 1936, maior de todos os tempos, mas daí em diante, tomou o caminho de diminuição, e notadamente após a guerra, ao reconhecer a derrota do Japão, a população da Fazenda, ia reduzindo de modo exagerado, pelo êxodo das pessoas que desejavam caminhar novos rumos, com o fito de permanecer definitivamente no Brasil.

Atualmente, segundo a tabela anterior, existem um total de 355 famílias,

sendo 290 na cidade de Pereira Barreto e 65 nos seus arredores.

Considerando este número, como o remanescente e agora, contrastando com a referência de pesquisa sobre o aspecto da mobilidade da família nikkei nas fazendas, segundo pesquisa feita por mim, com base na referência elaborada por sr. Kishimoto, redator chefe da Revista "Koya No Hoshi", a proporção da permanência da Fazenda Tietê, pode ser considerada boa, pois, apesar da proporção de um pouco mais de 30% da Fazenda Tietê, a geral acusa, apenas 20% nos arredores da cidade grande e 15% nos interiores.

Entretanto, são normais nos países industrializados e adiantados, aumentam as populações urbanas, enquanto que diminuem as rurais.

No início, o plano de Bratac era para pôr em venda, a Fazenda Urubupungá em lotes divididos, que apresentava topografia melhor, e para a Fazenda Araçatuba, embora espalhada pelas partes boas, como a maioria, era menos fértil, planejava a formar invernada, mas na guerra, temendo o confisco do governo, por constituir bens do país inimigo, foi vendido apressadamente. Mas se não houvesse essa guerra, Bratac, pode ter sido tornado uma empresa de grande porte. Atualmente, a Fazenda Araçatuba, tornou a sede do Município de Sud Menucci.

Mesmo que, a Fazenda Araçatuba considerasse menos fértil, isso apenas em relação à de Urubupungá, e quando esta, comparando com a Fazenda V, adquirida no sul do Estado de Mato Grosso, pelo governo do Japão, descobre aí, a evidência nítida da sua fertilidade. Esta área, com 15 mil alqueires, composta de solo chamado, "terra roxa sangue de tatu", que parece ser boa terra, mas na verdade, tão ruim que não deixa crescer nem plantações. Além disso, existe umas 6.000 alqueires de vasta área estéril, de pura areia branca que, realmente impossível de pôr em venda. Mas como a terra era para vender, não havia alternativa senão vender aos colonizadores, e foram introduzidas, apenas umas dezenas famílias, injustamente. Eu, quando ia à Fazenda V, junto com o meu superior de Jamic, Sr. Shosuke Suenaga, com o fito de elaborar um plano pastoril, fiquei sabendo do detalhe, depois da estada de uma semana de pesquisa no local. Também, por ordem do superior, pesquisei o terreno pertencente a Jamic, no arredor da Estação Lorena da Linha Central do Brasil, também impossível vender aos colonizadores, por ter solo desfavorável em topografia e fertilidade.

No dia 28 de novembro de 1947, a Fazenda recebeu a visita do diretor Yoshiyuki Kato que vinha aproveitando a viagem de inspeção dos filiais do Banco América do Sul S.A.

No dia 11 de agosto de 1949, dia de 21º aniversário da fundação da Fazenda Tietê, o diretor Yoshiyuki Kato veio a Fazenda, acompanhado de Srs. Tei-Ichi Haga, Ossamu Ikubo, Aloisio Marques e Waldemar Ribeiro do Vale e passaram umas horas

de descanso e de diálogos na invernada São Joaquim.

No dia 16 de fevereiro de 1952, o diretor gerente Kunito Miyasaka, acompanhado do Sr. Ossamu Ikubo, fez visita a Fazenda pela primeira vez após a guerra, e fez entrevista com os destacados da colônia da Fazenda.

No dia 15 de agosto de 1958, na festa de 30º aniversário da fundação da Fazenda, foi assistido pelo diretor gerente Miyasaka e homenageado com o título de "Cidadão de Honra" pela Câmara Municipal de Pereira Barreto.

No dia 6 de dezembro de 1969, na inauguração do "Parque Yoshiyuki Kato", assistiram o diretor gerente Miyasaka e a senhora Masuko, esposa do falecido Yoshiyuki Kato.

Dados da Fazenda Tietê:

Distância para São Paulo

A: Aerovia = 571 km

B: Rodovia = 625 km

C: Ferrovia = 775 km

Temperatura:

Máxima C 41,5 (1923)

Mínima C 0,5 (1935)

Média da máxima = C 35,7

Média da mínima = C 11,05

Posição geográfica: Altitude 353,00m

Latitude S 20° 35' 43 "

Longitude W 51° 06' 35 "

Dias chuvosos = 89 dias (média anual)

Quantidade pluviométrica = 1.394mm (média anual)

Área escriturai da Fazenda Tietê

1= Fazenda Araçatuba 35.332 alqueires

2= Fazenda Urubupungá 9.699 alqueires

3= Gleba A da margem esquerda do Rio Paraná 563 alqueires

4= Gleba B da margem esquerda do Rio Paraná 1.096 alqueires

5= Fazenda São Joaquim 500 alqueires

Total..... 47.190 alqueires

SUCESSÃO DOS RESPONSÁVEIS DA FAZENDA TIETÊ

Tempo	Período de gestão	Responsável
De Set. de 1928 a Jan. de 1930	1 ano e 4 meses	Shungoro Wako (gerente)
De Jan. de 1930 a Set. de 1931	1 ano e 7 meses	Setsuo Yazaki (interino). Kazuo Nakajima (interino)
De Set. de 1931 a Nov. de 1932	1 ano e 2 meses	Setsuo Yazaki (gerente)

		Kazuo Nakajima(interino)
De Dez. de 1932 aNov. de 1935	3 anos	Miyuki Saito (gerente)
De Nov. de 1935 a Jan. de 1937	1 ano e 2 meses	Tokuya Koseki(interino)
De Jan. de 1937 a Jan. de 1941	4 anos	Tokuya Koseki(gerente)
De Jan. de 1941 a Mar. de 1942	1 ano e 2 meses	Yamon Abe (gerente)
De Mar.de1942 a Jul. de 1951	9 anos e 4 meses	Aroldo Ferreira(interven.)
		Izaltino Botelho(")
		Floriano Lopes (")
De Jul. de 1951 a Mar.de 1960	8 anos e 8 meses	Shinsuke Yuassa(gerente)

Observação:

Considero ter trazido alguma perturbação, logo no começo da abertura da Fazenda, em que o próprio gerente, embora em responsabilidade integral, e no meio de tanta preocupação, ter transferido uma parte da responsabilidade a um agrimensor bastante atarefado. Também, o fato de ter trocado o gerente, várias vezes em curto prazo e os responsáveis, embora não possuir nenhum conhecimento do ramo, não permitia confiá-lo sequer aos subordinados competentes, tornando-se em simples

Parte da Reminiscencia

Flagrantes da Vida no Interior

por Oscar Akio Nawa (*)

As crianças do interior, no início da década de 50, distraíam-se em torno da Natureza: colecionar cigarras, formigas, caracóis e vaga-lumes, ali mesmo em volta da casa ou nas capoeiras da vizinhança, pescar lambaris ou cascudos nos córregos, armar alçapões para caçar rolinhas fogo-pagô. As opções eram intermináveis.

A rua era a melhor quadra de esportes: futebol, "betch-casinha", beisebol, empurra-empurra, bolinha de gude. Preguinho e pião eram os jogos preferidos, seguindo as ondas da moda que se alternavam.

Pequenas travessuras completavam o passa-tempo da meninada: guerra de estilingue com munição de mamona, chupar mexerica do pomar do Koga-san (escondido, é claro), montar esconderijos secretos sobre as árvores. Precisava-se de muita criatividade; distrair-se tanto com tão poucos recursos. Mas era divertido... e saudável.

A avenida Brasil, principal via da cidade, não era asfaltada: o caminhão-pipa passava duas ou três vezes ao dia regando a pista para reduzir a poeira, e também para a alegria dos moleques que se refrescavam no "chuveirinho". A avenida atravessava a cidade toda no sentido leste-oeste e seguia numa longa descida, já ladeado por plantações de mandioca e bananais, até o córrego de Laranja Azeda.

Dali, começava um trecho de subida acentuada continuando como a estrada poeirenta rumo às vilas de São José, União, Inhumas e Bela Floresta.

O córrego de Laranja Azeda era raso e estreito, rodeado de "taboa" e outras plantas aquáticas, visitadas por libélulas multicoloridas. Uma pequena ponte de madeira dava passagem às carroças e charretes, aos automóveis e pedestres. Ali estava um local para passeio perfeito: era uma caminhada de uma hora, a passos de criança, sob um sol causticante do verão que durava quase todo o ano.

Pés descalços, braços nus, pois sapatos eram reservados à escola ou à igreja nos finais de semana. Isto nos obrigava, de quando em quando, a correr para a beira da estrada e pisar nas gramas, a fim de refrescar os pés da areia quente.

Pequenas peneiras, varas de pescar e balde não podiam faltar para tornar o passeio mais completo. Todo o sacrifício da caminhada era recompensado pelo mergulho na água fresca e límpida do córrego. Ah, que delícia!

Depois de alguns mergulhos, ficávamos à cata de "pin-pins" (um tipo de Corydoras, segundo meus manuais), cascudos e lambaris, com água pela cintura. Passar por debaixo da cerca de arame farpado e avançar pasto adentro à busca de

peixes maiores, em águas mais profundas, era uma proeza reservada aos meninos maiores.

Isto era proibido: a placa fincada ali deixava claro. A Prefeitura se preocupava, pois já ocorrera um acidente de afogamento tempos atrás. Mas quem resistia à tentação? Um peixe grande, como bagre ou traíra, nunca vinha à parte mais rasa...

O jogo de gato e rato entre os fiscais da municipalidade e os moleques era interminável: de vez em quando surgia, não se sabe de onde, uma caminhonete com os zeladores da ordem que, seflagrassem os meninos dentro d'água, passavam a maior reprimenda ameaçando-os de um monte de coisas.

Para evitar a surpresa, escalava-se um sentinela, geralmente um entre os meninos menores. Dado o alarme, todos corriam para apanhar suas roupas e se esconder atrás das moitas de "taboa".

Numa dessas "aventuras", o entusiasmo com as brincadeiras distraiu o vigia, e quando demos pela coisa, a caminhonete já estava tão perto que só houve tempo de escondermos ali mesmo, debaixo da ponte. Percebendo a situação, os fiscais não tiveram dúvidas: recolheram as roupas espalhadas pela ponte e rapidamente foram de volta às suas bases.

- Ih, minhas calças!, gritou desesperado o Iwao.

Para não molhar as roupas, ele e Yozo, o Yoyô, estavam nadando completamente nus.

Cueca era uma peça desconhecida dos moleques. Então, não havia muitas opções: ou molhava ou não molhava a roupa. Os mais recatados tiravam só as camisas, preferindo correr o risco de levar um puxão-de-orelha em casa.

Não tivemos alternativas: lá fomos nós, só de calças, pés no chão, em volta dos dois nus, com cara de choro e uma folha de mamona improvisado de tanga, desfilando por toda a avenida até a delegacia, que ficava ao lado da prefeitura.

A reprimenda foi doída, mas a lição bem aprendida: a partir daquilo, todos nadávamos de roupa e tudo, ou com as camisas amarradas sobre a cabeça...

Outro grande passa-tempo eram as "peladas".

A rua Alagoas corria paralelo à avenida Brasil, começando na extremidade oeste junto à máquina de beneficiar arroz e terminava na outra ponta, na avenida hoje Jonas Alves de Melo, à época chamada Estrada da Boiada, que fazia divisa com o campo de aviação.

Minha casa ficava na Alagoas e tinha o número 437, vizinho da Foto Brasil, onde as pessoas vinham uma vez na vida e uma vez na morte, registrar os momentos marcantes em suas vidas.

Talvez mais na morte, pois muitos que nunca tinham tirado uma foto em vida, faziam-no quando morressem. O cortejo fúnebre, a pé, passava pela Foto, registrava-se o evento com os familiares e as coroas de flores em volta do caixão, para só depois seguir ao cemitério.

Os mais sofisticados encomendavam fotos coloridas, bem mais caras pois eram pintadas à mão pelo Takayama-san e seus auxiliares.

A Jonas Alves dava um excelente campo de futebol, pois era bem mais larga que as ruas comuns. Na esquina da Jonas com a Alagoas, morava a família Otsubo: Riki, o filho do meio, fazia parte da nossa turma de futebol. Era o provedor de água nos intervalos, para matar a sede.

Bastava juntar dez a quinze moleques e passávamos tardes inteiras correndo atrás de uma velha bola costurada à mão. Uma vez ou outra a partida era interrompida para dar passagem a um automóvel, a uma charrete ou carroça.

Um espetáculo à parte era a descida de um teco-teco no campo de pouso, geralmente trazendo alguém importante de Araçatuba ou Andradina. O jogo era imediatamente suspenso: bastava pular a cerca de arame farpado para entrar na cabeceira da pista e aguardar a descida do avião. Então saíamos correndo atrás do aparelho, deliciando-nos com a pequena ventania causada pela hélice. Mais divertido que perseguir um caminhão e tomar "carona desautorizada".

Outro motivo para suspender o jogo, eram as boiadas. Isto já acontecia com mais frequência, pois a Jonas era passagem obrigatória de centenas de reses na transferência de um pasto para outro, em viagens que podiam durar alguns dias.

Primeiro vinham os cozinheiros tocando meia dúzia de burros, carregados de mantimento, apetrechos de cozinha e outros materiais necessários nas paradas e dormidas. O burro líder trazia um sino ao pescoço e guiava os outros: clang-clang, clang-clang...

Muito tempo depois, a poeira no horizonte indicava a aproximação da boiada propriamente dita. A frente, o tocador de berrante determinava o ritmo da comitiva: tu-uum, tu-um, tu-um...

Todos ficávamos encarapitados na cerca de madeira dos Otsubo e dali do alto apreciávamos o gado passar, às vezes por mais de hora, aos gritos de "Eia!,- Vamos!" dos vaqueiros, e os estalos dos chicotes que ecoavam pelo ar.

Era emocionante ver os bois e vacas passarem tão perto, enchendo a estrada, correndo e levantando uma grande poeira. A emoção aumentava com a expectativa de um estouro da boiada. Então, a confusão era total: todos os vaqueiros corriam desesperadamente, esporeando sua montaria, para frear os animais que encabeçavam a correria, lançando-os derrubando-os, se necessário. Um espetáculo.

Que os boiadeiros não saibam, mas o Makoto pagava para ver um estouro; tinha sempre uns cabeças-de-negro no bolso que jogava entre as pernas das vacas para iniciar o show. Melhor do que assistir a um filme de faroeste. Sem pagar ingresso, e ao vivo.

Quando tudo parecia terminado, vinham os bois cansados, doentes ou machucados, e as vacas com bezerros pequenos, formando um bando de retardatários, mancando e andando devagar.

O mutirão para limpeza do campo após a passagem dos bois era duro. Com pedaços de pau e galhos de árvore, recolhíamos os montículos de estéreo deixados para trás, providência básica para não correr o risco de sujar a bola ou levar um escorregão. O pior era a sensação de calor áspero sob os pés descalços.

Já começava a escurecer: hora de ir para casa...

Levava-se a sério o basebol.

Por tradição, sua prática ficava restrito aos homens e aos meninos. Durante as férias de julho, organizava-se o campeonato infantil. O primeiro desafio era vencer o campeonato da região noroeste. Ganhava-se, então, o direito de ir a São Paulo enfrentar os campeões de outras regiões e também o frio do inverno da capital, um "bicho-papão" para quem fora criado em terras quentes como Pereira.

Duas semanas antes do campeonato regional, ficávamos "concentrados" nos galpões da máquina de beneficiar arroz do Tanaka-san. O dormitório, improvisado num canto do galpão, era uma fofa camada de casca de arroz coberta por um "encerado", sobre o qual espalhávamos os cobertores e lençóis.

A "concentração" tinha uma importância especial na formação do espírito de equipe, segundo Sugai-san, nosso treinador, rigoroso mas bom companheiro. O treino começava bem cedo de manhã, e só terminava á tardezinha. Era duro mas estimulante.

A hora do lanche, principalmente o jantar, era um ponto alto de cada dia. *Onigiri* com bife á milanesa e salada, *takuan* e *misoshiru* ,que algumas mães voluntárias se revejavam para preparar. A comida simples parecia um grande banquete aos olhos famintos da meninada, depois de um dia de exercícios puxados.

Num domingo, precisávamos fazer um jogo-treino. O número de jogadores não era suficiente para montar duas equipes. A solução foi encaixar a Kanako e S etsuko, uma para cada time, pois apesar de bem maiores que os guris, pouco ou nenhum conhecimento sobre as regras de beisebol possuíam.

Era a ves Kaná rebater. A bola veio reto e ela deu uma bela tacada, lá no fundo, no meio do campo. Saiu correndo em direção á primeira base, como manda a

regra.

A bola quicou no campo e continuou rolando, enquanto Kanako passava pela primeira base e disparava em direção á segunda.

-Centa! Centa! ("Center! Center"), gritava Sugai-san, chamando a atenção do menino que defendia na posição de centa, ou "center field", para que corresse atrás da bola.

Kaná, já meio cansada pelo pique, não teve dúvidas; ali mesmo no meio das duas bases, parou, e sentou-se!

"Out!", foi eliminada, para alegria da defesa e tristeza do ataque.

Valeu a intenção.

(*)Nasceu em Pereira Barreto em 1942, onde fez o curso primário e ginásial. Aos 15 anos deixou a cidadanatal e foi a São Paulo em busca de desafios, maiores. Após concluir o curso técnico em Eletrotécnica, mudou-se para São José dos Campos onde se formou Engenheiro de Eletrônica pelo IIA em 1965. Em seguida foi ao Japão onde obteve os títulos de Mestre e Doutor em Engenharia pelo Tokyo Institute of Technology. De volta ao Brasil, lecionou no IIA e desenvolveu pesquisas na área de sistemas digitais aplicado a atividade aeroespacial. Desde 1981 reside em Brasília, onde hoje se dedica á indústria de comunicação de dados e também leciona na Universidade de Brasília, no Departamento de Engenharia Elétrica. Nas horas de folga, gosta de praticar tênis e jardinagem.

Memórias de uma longínqua época na remota cidade de Pereira Barreto

Emiko Okuno

Faz tanto tempo! Esforcei-me muito para atender ao pedido do Sr. Kayama em escrever minhas lembranças de Pereira Barreto. Mas a triste constatação é que pouco me lembro. Por um lado é bom perceber que o tempo se encarrega de apagar da memória todas as preocupações e agruras por que passamos, mas com isso se vai também parte de boas lembranças que certamente existiram.

Lembro-me que quando pequena, em dias de chuva, adorava ficar com os pés descalços na correnteza de água barrenta da chuva. Lembro-me da goiabeira enorme no quintal de casa, onde me empoleirava todos os dias para apanhar e comer as goiabas. Espantosamente, poucas delas tinham bicho. As duas araras de casa faziam um barulhão na hora de receber comida.

Lembro me da minha professora de primário, Rita Vanin dos Santos Molina

que me acompanhou durante os 4 anos de primário. Tenho até hoje um álbum que ela deu me de presente com dedicatória e uma fotografia dela. Onde ela estará? Será que se lembra de mim? Ouvi dizer que ela tinha voltado para a terra natal dela: Pirassununga.

Lembro-me também da época em que na avenida principal de Pereira Barreto havia flamboyans que quando floresciam ficava muito bonito. Depois arrancaram todas elas, não sei porque, talvez para deixar a "modernidade" entrar. Lembro-me de bons momentos que passamos na Ponte sobre o Rio Tietê, símbolo de Pereira Barreto, hoje inundada.

Saí de Pereira Barreto para vir fazer o colegial em S. Paulo no início de 1954. Fui uma das alunas da primeira turma do Ginásio Estadual de Pereira Barreto. Os professores do recém-criado ginásio tinham sido recrutados entre autoridades que se dispuseram a dar aulas. Assim, o Juiz de Direito Dr. Mourão foi nosso professor de Ciências e de Matemática. Grande cidadão! Era quem fazia discursos em todas as comemorações e sempre contava histórias de Malba Tahan, do livro "O homem que calculava". Ele devia preparar o discurso com carinho, sem improvisar. Creio que minha escolha de carreira em ciências exatas muito se deva a esse juiz. Infelizmente nunca mais soube dele. Depois do primeiro ano ginásial, as aulas de Matemática passaram a ser dadas por um jovem que só tinha colegial e fracassado no vestibular, filho de uma família local. Ele foi lamentável como docente, inseguro e com poucos conhecimentos. Outro grande professor foi o Padre Leibnitz (?) que nos deu aulas de Latim e Português. Deu aulas fora do horário para que os alunos descendentes de japoneses aprendessem a pronunciar corretamente, distinguindo o L do R. Eu estava entre esses alunos. Essas aulas foram fundamentais para mim. O aprendizado de verbos em classe, meio sabatina com brincadeiras entremeadas fez a gente aprender sem muito esforço. Outros professores? O de Francês foi um farmacêutico local, o de História um contador local e a de inglês uma normalista e assim por diante. Na realidade sofri muito por falta total de base quando vim fazer o colegial no afamado Colégio Estadual de S. Paulo, pois mesmo os poucos bons professores haviam dado pouca matéria.

Minhas voltas para Pereira Barreto foram se escasseando lentamente. Cada vez que voltava, sofria muito com o calor local, tendo dificuldade em adormecer. Encontrava quase que só meus familiares e muito pouco ex-colegas do ginásio.

Profa. Dra. Instituto de Física

Universidade de S. Paulo

S. Paulo, Dezembro de 1995.